



Universidade Federal
de Campina Grande

PROFSOCIO

**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - PROFSOCIO**

MARIA ALCILENE VITÓRIA BATISTA AIRES

**JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO:
AS VIVÊNCIAS DO ENSINO MÉDIO SOB OS SEUS
JOVENS OLHARES**

**SUMÉ - PB
2020**

MARIA ALCILENE VITÓRIA BATISTA AIRES

**JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO:
AS VIVÊNCIAS DO ENSINO MÉDIO SOB OS SEUS
JOVENS OLHARES**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Sociologia em Rede Nacional –
PROFSOCIO ministrado no Centro de
Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestra em Sociologia.**

Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador (a): Professora Dr^a. Ivonildes da Silva Fonseca.

**SUMÉ - PB
2020**

A298j Aires, Maria Alcilene Vitória Batista.
Juventudes e escolarização: as vivências do ensino médio sob
seus jovens olhares. / Maria Alcilene Vitória Batista Aires. - Sumé -
PB: [s.n], 2020.

118 f.

Orientador: Professora Dr^a. Ivonildes da Silva Fonseca.
Dissertação - Curso de Mestrado em Sociologia em Rede
Nacional – PROFSOCIO; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Universidade Federal de Campina Grande.

1. Ensino de Sociologia – Ensino Médio. 2. Educação de jovens.
3. Perfil estudantil. 4. Escola de tempo integral. 5. Grupo focal –
técnica. I. Fonseca, Ivonildes da Silva. II. Título.

CDU: 374.7(043.2)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

MARIA ALCILENE VITÓRIA BATISTA AIRES

**JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO:
AS VIVÊNCIAS DO ENSINO MÉDIO SOB OS SEUS
JOVENS OLHARES**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Sociologia em Rede Nacional –
PROFSOCIO ministrado no Centro de
Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestra em Sociologia.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dr^a Ivonildes da Silva Fonseca.
Orientadora – (UEPB / PROFSOCIO)**

**Professora Dr^a Maria de Assunção de Lima Paulo.
Examinadora I – (UACS / CH / UFCG)**

**Professor Dr Valdonilson Barbosa dos Santos.
Examinador II – (UACIS / CDSA / UFCG)**

Trabalho Aprovado em: 30 de abril de 2020.

SUMÉ - PB

Precisamos contribuir para criar a escola que é aventureira, que marcha, que não tem medo do risco, por isso recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida”.

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Ao soberano Deus, minha luz, proteção, refúgio e guia.

À Bianca Mirely, filha amada, que compreende a importância desse trabalho para minha trajetória acadêmica e profissional. És o mais belo motivo que tenho para buscar a realização dos meus sonhos. A ti apresento as minhas desculpas, pelos momentos de distância e também pelas ausências, e a certeza de seres o maior amor do mundo. (E às demais integrantes do grupo IBB, Ivia e Bekeuly, desculpem os estresses e obrigada por todo carinho. Adoro vocês).

Aos meus queridos, lutadores e admirados pais: José Ribamar e Maria Dasdores. Pai, que permanece vivo em minha memória como maior exemplo de integridade, e retidão. Mãe, obrigada por todo amor e cuidado. Sem ti, tudo em minha vida se tornaria mais difícil. És meu exemplo de força, coragem, BRAVURA.

Às minhas irmãs, Alcione e Alcimara, minhas preciosidades, companheiras presentes em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis, o que nos torna ainda mais unidas e fortes. Grata pela torcida, apoio e amor.

Aos meus sobrinhos que tanto quero bem e tenho grande orgulho, Filipy e Raul, amo vocês!

À minha avó, minhas tias, meus tios, primas e primos, por gestos de incentivo ao longo de toda a minha trajetória e realização de sonhos.

A cada um (a) dos (as) meus amigos e amigas, que torcem por mim, sempre, obrigada.

À Albertina Silva, grata pelo apoio, incentivo e palavras encorajadoras. Você é uma pessoa muito especial.

A Fabricio Sousa, o meu agradecimento de coração por ser essa pessoa incrível, um profissional admirável, enfim, um ser humano que me ensina muito. A sua amizade é motivo de orgulho para mim. Obrigada por cada gesto de carinho, respeito e apoio. Você é o máximo!

A Tércio Ramon, gratidão por ser essa pessoa tão generosa e estar sempre disposto a ajudar e que me motivou em todo o tempo. És uma pessoa e profissional que admiro muito. Sou e serei sempre, imensamente grata a ti, por tudo.

A todos que fazem o PROFSOCIO, UFCG, Campus de Sumé e Campus de Campina Grande, nas pessoas dos Coordenadores institucionais, Marciano Monteiro e Maria Assunção Lima de Paulo, muito obrigada. Desempenharam com maestria esse importante papel, conduzir a TURMA PIONEIRA DO PROFSOCIO 2018-2020. Primeira turma de MESTRES/AS no Ensino de Sociologia.

Ao corpo docente do PROFSOCIO (Campus de Sumé e de Campina Grande), pelo enriquecimento proporcionado à minha formação através dos conteúdos das disciplinas, dos debates e do compartilhamento de experiências tão significativas, em especial, no tocante ao nosso papel de Professores de Sociologia na Educação Básica.

Estendo esse agradecimento aos demais funcionários da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, na pessoa de Arthur Chagas, sempre atencioso, prestativo e pronto a atender às nossas solicitações.

Às Professora Maria de Assunção e Tânia Régia, um agradecimento especial por terem me apresentado aporte teórico sobre a temática de meu interesse. Como foram agradáveis os nossos encontros em manhãs de sábado, quando esperávamos ser tão cansativos mas víamos as horas passarem tão rapidamente.

À minha querida orientadora, Dra. Ivonildes da Silva Fonseca, foi um imenso prazer te conhecer e com você aprender, pelo diálogo e reflexão, pela serenidade e sensibilidade nas orientações. Grata por ter sempre acreditado em mim!

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa, Maria Assunção Lima de Paulo, Professora da UFCG (Campus de Campina Grande) e Valdonilson Barbosa dos Santos, Professor da UFCG, CDSA (Campus de Sumé). Gratidão por tão valiosas contribuições.

Aos colegas de caminhada no curso, alguns que tive o prazer de reencontrar, outros que tive a honra de conhecer. Foi muito bom poder contar com a companhia, troca de experiências e compartilhar momentos e saberes tão significativos.

À Aracele Barbosa, pela pouca convivência no período de graduação, mas que tive a grata satisfação de reencontrá-la nesse curso e poder contar com sua ajuda, cuidado, ensinamentos, risadas, angústias, medo de não conseguir, e esperança de vencermos...muitos momentos vividos intensamente...ligações, mensagens, grupo de estudo, congressos...viagens. Muito obrigada por tudo. És uma pessoa admirável, sua generosidade, profissionalismo e garra, me encanta. Reforço o desejo de uma amizade para sempre!

À Escola Cidadã Integral (ECI) Jornalista José Leal Ramos, nas pessoas da gestão escolar, escola essa que foi o lócus dessa pesquisa, lugar onde cursei o Ensino Fundamental e Médio e para o qual retornei na condição de educadora, ao lado de grandes amigos (as), gratidão a cada um (a) pelo incentivo recebido.

À Escola Municipal Nossa Senhora dos Milagres, com a qual pude sempre contar com a compreensão, apoio e torcida, agradeço de coração.

Aos/Às jovens estudantes de Ensino Médio da Jornalista José Leal Ramos, personagens principais das discussões aqui apresentadas. Gratidão pela receptividade e participação. Acredito em vocês!

A você, que mesmo nas ausências e distâncias se fez presente todo o tempo, nessa trajetória tão importante de minha vida. Em pensamentos, sentimentos...energia! Da seleção à defesa... Obrigada! (...)

Enfim, a cada um (a) que, de forma direta ou indireta, contribuiu para a concretização desse sonho, o meu muitíssimo obrigada!

RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Escola Cidadã Integral Jornalista José Leal Ramos, situada em São João do Cariri, PB. Tivemos como objetivos traçar um perfil dos jovens estudantes do Ensino Médio, visando criar um “retrato” dessas “Juventudes”, mostrando quem são eles (as), analisando suas percepções a respeito da Escola e a importância dessa instituição em suas vidas, considerando haver uma indefinição desse nível de ensino na vida dos jovens, entre um caminho para a educação superior, formação técnica, ou, mercado de trabalho, deixando muitas vezes de priorizar a formação para a vida, na perspectiva de presente e futuro, de forma que a escola passe a ter um sentido real para seus projetos. Esse trabalho visa entender as possibilidades e os desafios citados pelos jovens em relação a como a escola pode desempenhar um papel de agente modificador de suas expectativas de vida, oportunizando meios para a ascensão social e formação de sua cidadania como estes anseiam, mesmo reconhecendo as lacunas apontadas. A presente pesquisa, de caráter qualitativo, contou com o apoio bibliográfico de autores/as como Castro (1997), Dubet (2003), Abramovay (2004), Dayrell (2006), que têm colaborado com estudos sobre a categoria Juventudes no Brasil. As técnicas aplicadas para coleta de dados foram a aplicação de questionários e a formação de um Grupo Focal com jovens das três turmas do ensino médio. No corpo do texto é apresentada a categoria social “juventudes” e o contexto do ensino médio no país, bem como as expectativas juvenis relacionadas à escola. Considerando os depoimentos dos/as jovens, evidenciamos a importância das interações na escola, na perspectiva do contato social e da ampliação das redes de conhecimentos, ressaltando o respeito às heterogeneidades presentes nesse ambiente. Reforçamos a relevância de uma escola que atua e busca incentivar o reconhecimento de quem são esses/as jovens e o que estes/as esperam dela.

Palavras-chave: Juventudes-Escola. Ensino Médio. Desafios-Juventude.

ABSTRACT

This dissertation presents the results of a research carried out at Escola Cidadã Integral Jornalista José Leal Ramos, that is located in São João do Cariri, PB. We aimed to draw a profile of young high school students, aiming to create a “portrait” of these “Youths”, showing who they are, analyzing their perceptions about the School and the importance of this institution in their lives, considering the fact that there is a lack of definition of this level of education in the lives of young people, between a path to higher education, technical training, or the labor market, often failing to prioritize training for life, in the perspective of the present and the future, so that school has a real meaning for its projects. This work aims to understand the possibilities and challenges cited by young people in relation to how the school can play a role of modifying their life expectations, providing opportunities for social ascension and the formation of their citizenship as they yearn, even recognizing the gaps pointed out. The present research, of qualitative character, had the bibliographic support of authors such as Castro (1997), Dubet (2003), Abramovay (2004), Dayrell (2006), who have collaborated with studies on the Youth category in Brazil. The techniques applied for data collection were the application of questionnaires and the formation of a Focus Group with young people from the three high school classes. In the body of the text, the social category “youths” and the context of secondary education in the country are presented, as well as youth expectations related to school. Considering the testimonies of the young people, we highlight the importance of interactions at school, from the perspective of social contact and the expansion of knowledge networks, highlighting the respect for the heterogeneities present in this environment. We reinforce the relevance of a school that operates and seeks to encourage the recognition of who these young people are and what they expect from them.

Keywords: Youths-School. High school. Challenges-youths.

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-------------------|---|-----------|
| Gráfico 1 | Índice de Desenvolvimento Humano do Município de São João do Cariri – PB (1991, 2000 e 2010)..... | 48 |
| Gráfico 2 | Número de jovens por faixa etária..... | 55 |
| Gráfico 3 | Local onde residem..... | 57 |
| Gráfico 4 | Familiares com quem residem..... | 58 |
| Gráfico 5 | Escolaridade dos pais ou responsáveis..... | 59 |
| Gráfico 6 | Renda familiar..... | 61 |
| Gráfico 7 | Número de jovens por cor..... | 63 |
| Gráfico 8 | Número de jovens por gênero..... | 64 |
| Gráfico 9 | Atividade geradora de renda da família..... | 65 |
| Gráfico 10 | Tipo de escola que estudou..... | 66 |
| Gráfico 11 | Motivos para já terem desistido em algum ano de estudo do Ensino Médio..... | 67 |
| Gráfico 12 | Pretensão de continuar os estudos..... | 69 |
| Gráfico 13 | Motivos para continuarem os estudos..... | 70 |
| Gráfico 14 | Objetivos pós ensino médio..... | 71 |
| Gráfico 15 | Os jovens e suas visões sobre a escola..... | 72 |
| Gráfico 16 | Jovens que se sentem excluídos ou presenciam exclusão..... | 73 |
| Gráfico 17 | Nível de satisfação dos estudantes com professores, funcionários e gestão escolar..... | 74 |
| Gráfico 18 | Como a escola trata os estudantes..... | 76 |
| Gráfico 19 | Representação da escola para os jovens..... | 77 |
| Gráfico 20 | Papel da escola..... | 78 |
| Gráfico 21 | Desafios atuais..... | 79 |

LISTA DE MAPAS

| | | |
|---------------|--|-----------|
| Mapa 1 | Representação geográfica da área onde será realizado o estudo..... | 45 |
| Mapa 2 | Distribuição espacial do município de São João do Cariri - PB..... | 46 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------------|---|-----------|
| Quadro 1 | Profissão das famílias..... | 50 |
| Quadro 2 | Renda familiar..... | 50 |
| Quadro 3 | Nível de escolaridade das famílias..... | 51 |
| Quadro 4 | Urbanização do município de são João do Cariri..... | 56 |

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CDSA - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

EC - Emenda Constitucional

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ECI - Escola Cidadã Integral

EJA - Escola de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

GF - Grupo Focal

GRE - Gerência Regional de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

ODMs - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

PROFSOCIO - Mestrado Profissional em Rede Nacional no Ensino de Sociologia

PB - Paraíba

PPP - Projeto Político Pedagógico

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1.1 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ORGANIZAÇÃO DOS PASSOS DO ESTUDO EMPÍRICO..... | 19 |
| 2 | JUVENTUDE(S): UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL EM PERÍODOS DITOS MODERNOS..... | 26 |
| 2.1 | DO SER JOVEM AO SER ADULTO NA SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE.... | 27 |
| 2.2 | NOVOS OLHARES SOBRE A CATEGORIA JUVENTUDE(S)..... | 28 |
| 2.3 | JUVENTUDE(S) E A CONQUISTA DE DIREITOS..... | 29 |
| 2.4 | JUVENTUDE (S) E ESCOLA..... | 35 |
| 2.5 | JUVENTUDE (S) E ENSINO MÉDIO..... | 41 |
| 3 | PERFIL DOS JOVENS DE ENSINO MÉDIO, ESTUDANTES DA ECI JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS: QUEM SÃO?..... | 45 |
| 3.1 | CARACTERIZAÇÃO DO <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA..... | 49 |
| 3.2 | IDENTIFICAÇÃO DO PÚBLICO ALVO DA PESQUISA..... | 53 |
| 3.3 | PERFIL DOS JOVENS/ESTUDANTES..... | 53 |
| 3.4 | IDENTIDADE DOS JOVENS/ESTUDANTES..... | 62 |
| 3.5 | PERCEPÇÃO DOS JOVENS/ESTUDANTES SOBRE O PAPEL DA ESCOLA..... | 67 |
| 4 | OS SENTIDOS DO ENSINO MÉDIO: SOB O OLHAR DOS JOVENS..... | 80 |
| 4.1 | PÚBLICO PARTICIPANTE DO GRUPO FOCAL (GF) | 80 |
| 4.2 | ANÁLISE DOS DADOS DO GRUPO FOCAL (GF) | 81 |
| 4.3 | EU, O OUTRO, A DIVERSIDADE: COMO SÃO VIVIDAS TAIS EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR..... | 82 |
| 4.4 | FAMÍLIAS E VIVÊNCIAS DE ESTUDOS: QUAIS PAPEIS AS FAMÍLIAS OCUPAM EM SUAS VIDAS? | 89 |
| 4.5 | JOVENS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO: SENTIDOS E DESAFIO..... | 94 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 104 |
| | REFERÊNCIAS..... | 107 |
| | APÊNDICES..... | 113 |

1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre a fase juvenil dos seres humanos é pensar sobre um momento da vida que foi, que está sendo ou que ainda virá a ser vivido, tendo em vista que tal fato é classificado como geracional. Para León (2005, p.14), a definição da categoria juventude articula-se com outros dois conceitos: o juvenil e o cotidiano. O conceito juvenil é caracterizado como aquele que “remete ao processo psicossocial de construção da identidade”, e o cotidiano está expresso “nas relações e práticas sociais nas quais o mencionado processo se realiza, com fundamentos em fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos”. Daí parte o reconhecimento acerca do caráter de heterogeneidade que marca a vida dos/as jovens a partir de suas experiências cotidianas.

Nesse sentido, passar pelos “dilemas” de ser jovem nos coloca frente à diversas situações, sejam de emoções, de descobertas, de decepções, de vitórias, de lutas, de sofrimentos, em um processo de **conquistas e desafios**. Levando em consideração o tempo (cronológico) e o lugar (contexto social), bem como as mudanças ocorridas, em especial dos anos 90 aos dias atuais, é importante enfatizar que é nesse recorte de tempo que nos deparamos com a maior parte de materiais de estudos e produções sobre tal temática.

Vale salientar que, até esse período, esse segmento de nossa sociedade sofria um processo de “invisibilidade social¹”, e os estudos existentes focavam os assuntos relacionados à criança ou adulto, apenas. Consequentemente, muitos direitos foram cerceados e impedidos de serem vivenciados por jovens de gerações passadas, como por exemplo, o direito a estudar, a ter acesso ao processo educacional.

Hoje, ao discutirmos sobre juventudes no Brasil e levarmos o nosso olhar para os espaços da Escola, identificamos que as discussões recaem sobre acesso à educação, direito que lhes é “garantido” e “assegurado” pela lei maior do nosso país, a Constituição Federal Brasileira de 1988. Direito esse que não existia até um não tão distante período de tempo, quando esse acesso era negado, especialmente para as pessoas pobres, negras, mulheres, indígenas, quilombolas, integrantes de grupos tidos como “minorias” no Brasil.

¹ De Sá Pinto Tomás (2008) entende o fenômeno da invisibilidade social sobre uma perspectiva fenomenológica onde este é um sintoma de uma sociedade do espetáculo na qual vivemos. O desprezo social e o não-reconhecimento dão origem ao sentimento de invisibilidade. Nessa sociedade tida como sociedade do espetáculo na qual nós vivemos, o invisível tende a significar o insignificante. Com efeito, múltiplos sentimentos estão ligados ao sentimento central de ser invisível para os outros: a vergonha, a paranoia, a impressão de insucesso pessoal, o isolamento, a clandestinidade, insignificância.

No entanto, muitos jovens, mesmo aqueles em idade estudantil, não gozam dessa garantia assegurada perante leis. Pesquisas revelam números significativos de alunos que, por exemplo, evadem das escolas. O fenômeno da evasão deixa espaço para questionamentos sobre até que ponto é efetiva essa garantia de que todos os jovens tenham acesso à Escola e seja resguardado a estes o direito à Educação. Quais são os motivos que levam esses jovens a desistirem de estudar, se evadirem da escola? Essas discussões podem ser impulsionadas a partir do conhecimento da percepção e do sentido que o próprio jovem/estudante atribui à escola e, conseqüentemente, ao ensino.

Com a motivação de pesquisa suscitada pelos questionamentos acima referidos, desenvolvi esse trabalho de pesquisa sobre a (s) Juventude (s), alocada (s) na região Nordeste do Brasil, mais precisamente no semiárido do cariri paraibano, no município de São João do Cariri, na Escola Cidadã Integral de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos.

Nessa instituição de ensino, fui estudante por sete anos, sendo quatro anos no Nível Fundamental e três anos no Nível Médio. Vivenciei esse período de minha juventude residindo na zona rural do município, no Sítio Uruçú, localizado a aproximadamente 16 quilômetros da zona urbana. Filha de pais agricultores e que, enquanto jovens, não conseguiram estudar até mais que o quarto ano do Ensino Primário, pelo local não dispor do nível de ensino em sequência e por não haverem condições de deslocamento para escolas na cidade.

Porém, enquanto pais, valorizavam a prática do estudo e sonhavam em proporcionar às filhas oportunidades que eles não vivenciaram em suas infâncias marcadas por dificuldades, que os fizeram sofrer, mas que também os fizeram vencer, conquistando a posse de um pequeno pedaço de terra, (haja vista que, em nossa região, é marcante a má distribuição de terras, o que gera uma concentração nas mãos de poucos, considerados latifundiários), utilizado para práticas da agricultura e pecuária, de onde advinha o sustento da família.

Nesse cenário de desafios a serem superados, esses sonhos se tornavam realidades, e ano após ano, passos foram dados, com o apoio dos meus pais, sonhadores e batalhadores. De série a série, do sítio à cidade, até que, enquanto jovem/aluna do Ensino Médio, aos quinze anos de idade, perdi meu pai, que faleceu aos quarenta e oito anos de idade. Este fato me trouxe ainda mais motivos para seguir, e assim cheguei à conclusão do Ensino Médio e ingressei, via processo de vestibular, na Universidade Federal de Campina Grande, vindo a ser aluna do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Passados quatro anos de graduação, obtive aprovação no Concurso Público da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, com lotação na quinta Regional de ensino, em Monteiro,

para cargo efetivo de Professora de Sociologia na Educação Básica, na Escola Jornalista José Leal Ramos, em São João do Cariri-PB.

As emoções que me tomaram não são passíveis de descrição, pois eu estaria atuando profissionalmente em minha cidade, minha escola, meu lugar e percorria um destino que se diferenciava da maioria dos/as meus/minhas amigos/as e colegas que precisaram evadir-se da escola, desistir de seus estudos e se deslocarem para outras regiões do país em busca de trabalho e condições de sobrevivência.

A escolha pelo tema de pesquisa parte da motivação de ter sido nesse espaço/lugar que boa parte de minha juventude foi vivida, enfrentando as dificuldades daquele período de tempo, para onde eu voltei enquanto profissional da Educação para lecionar a disciplina de Sociologia para jovens/alunos do Ensino Médio daquela instituição e município, já que apenas essa escola oferece tal modalidade de ensino.

Portanto, todos os jovens de São João do Cariri, independente da classe social/econômica ou crença compartilham das mesmas experiências. Na minha prática docente, eu me deparava cada dia mais com situações desafiantes, tendo em vista as heterogeneidades presentes nesse ambiente, que me fizeram despertar o interesse por esse campo de pesquisa, por estudar sobre Juventude (s), o público alvo de cada educador, os sujeitos que caminham lado a lado comigo no cotidiano na escola.

A oportunidade de ser pesquisadora nessa área e buscar compreender esses “múltiplos olhares” surgiu no ano de 2018, com meu ingresso na turma de Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROFSOCIO), ofertado pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus CDSA, Sumé – PB, seguindo a linha de pesquisa 2 - **“Juventude e questões contemporâneas”**.

A minha vivência profissional com o público de jovens estudantes do ensino médio, no contexto de tantas mudanças vividas atualmente e em meio a tantas outras questões abordadas nas aulas de Sociologia, fizeram com que viesse à tona a busca por compreender um pouco mais sobre tal universo e, por conseguinte, tais fatos justificam o interesse por essa linha de pesquisa. Weber (2005), diz que a ciência não pode ser neutra, uma vez que a escolha do objeto a ser estudado está carregada de interesses. Assim, as razões intelectuais e políticas que me levaram ao interesse e escolha do tema dessa pesquisa nasceram de uma escolha acadêmica, mas também de reflexões acerca das inquietações, vivências e angústias, frutos de uma trajetória própria de vida.

É válido mencionar aqui os desafios enfrentados em relação ao ensino da disciplina de Sociologia no currículo da Educação Básica em nosso país um processo que se constitui por

uma história de lutas e desafios que vivenciamos ao longo da história, até os dias atuais. A luta pela inclusão e obrigatoriedade das disciplinas na grade curricular do ensino médio, a carga horária estabelecida para esses componentes curriculares, uma definição nas metodologias de abordagem dos conteúdos, todas essas questões ainda precisam ser repensadas e discutidas no contexto da educação de nosso país. Tais questões ganharam espaço nas discussões, principalmente, a partir de meados da década de 1980, período do processo de redemocratização da sociedade brasileira, em que diversos autores tematizaram o ensino de Sociologia e a construção do pensamento crítico.

Por alguns anos, Filosofia e Sociologia eram disciplinas ausentes da escola básica e em outros períodos passaram por processos de interrupção. Logo, o fato de ambas serem contempladas como disciplinas obrigatórias hoje é uma conquista que marca a política educacional do nosso país.

Vale salientar que essas lutas permanecem e devem permanecer ativas no seio das discussões da área das Ciências Humanas, pois muito ainda há para ser estudado, debatido e implantado enquanto melhorias no processo de ensino dessa disciplina, componente do currículo que visa despertar nos estudantes uma criticidade que possibilite uma atuação diferenciada desses indivíduos enquanto cidadãos e cidadãs, conhecedores de seus direitos, deveres, e conscientes de como intervir em meio ao contexto e problemas sociais inerentes a sociedade atual, tida como tão avançada, problemas esses que abrangem as mais diversas ordens, culturais, políticas, econômicas, morais, situações que cercam os jovens, expondo-os a situações de vulnerabilidade, risco e consequências para uma vida social ativa.

As formas de violência que permeiam o contexto das juventudes são as mais diversas e assustadoras e têm causado danos irreversíveis, seja no ambiente familiar, nas escolas ou nas ruas. Muitos jovens vivem, hoje, situações que não condizem com o que é posto na legislação vigente em nosso país, em especial no tocante a discussão sobre a garantia, proteção e promoção dos direitos de cada ser humano. E o ensino da Sociologia, enquanto saber científico, contribui para a compreensão dessa realidade vivenciada por nossa sociedade.

É notório que muito ainda tem a ser refletido, pesquisado e discutido sobre tais temáticas, e em minha concepção, esta é a principal finalidade de formações continuadas que objetivem fomentar tais questões.

Nesse sentido, ressaltamos a importância do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), curso que, invariavelmente, prepara profissionais para o ensino e para a pesquisa, pois é plena a convicção das contribuições em termos de qualificação que tal formação possibilitará a todas as pessoas que a estão cursando e, em especial, a mim enquanto

professora/pesquisadora das Ciências Sociais, já que, em minha visão, a estratégia do curso é formar e capacitar profissionais, qualificando-os para uma prática profissional transformadora, que deverá atender às demandas sociais desse mercado de trabalho.

Serão formados profissionais que terão importante papel no processo educacional, pois serão capazes de entender e reconhecer suas demandas específicas em nível local, regional e nacional, funcionando como elementos capacitadores para promover e melhorar a eficácia e a eficiência em seu campo de atuação, propondo soluções de problemas, geração e aplicação de processos que melhorem a qualidade do ensino.

São inúmeras as discussões que se apresentam no contexto escolar, frente ao caráter de diversidade presente em nosso meio. Isso requer que estejamos levando em conta um processo educacional contextualizado com as realidades dos estudantes. E sabemos que reside aí uma problemática que deve ser considerada como importante para ser refletida: a distância entre o período de vivência das realidades desses jovens e o período dessas mesmas vivências tidas pelos docentes. Podemos perceber que, parte dos conflitos vividos no ambiente escolar encontram suas raízes nesse fator.

Atualmente, vivemos uma realidade de muitas mudanças e conflitos, e o período da juventude é um marco de transição de uma fase da vida para outra. Somado a isso, vivenciamos diversas mudanças nas estruturas familiares, no mercado de trabalho, avanços na área das tecnologias e da comunicação, sérios problemas de violência, questões que exigem um olhar e ações reflexivas, no sentido de buscarmos uma compreensão de tais questões.

Enquanto docentes da disciplina de Sociologia, todas essas questões relatadas nos inquietam e instigam a um trabalho de pesquisa que apresente caminhos de como lidar com essa juventude e toda a heterogeneidade que a envolve, bem como sugerir que as percepções de tal público não sejam silenciadas ou desconsideradas, mas sim que estes possam participar efetivamente dos diálogos do espaço escolar, exercendo, assim, os seus papéis de cidadãos, participando politicamente das decisões que os envolvem, para que possam ser protagonistas no processo educacional no qual estão inseridos, onde deveriam ser personagens principais.

Pela perspectiva de olhar a realidade educacional contemporânea tão complexa e através da Linha de Pesquisa “**Juventudes e questões contemporâneas**”, foi estabelecido como objetivo geral deste trabalho Traçar um perfil dos jovens estudantes de Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, bem como, refletir acerca da visão destes em relação aos sentidos que atribuem à Escola em suas vidas, tendo em vista se os jovens percebem ou não os desafios a serem enfrentados por eles nos dias atuais.

Nesse sentido, as questões norteadoras da pesquisa para o alcance dos objetivos foram:

- Quem são esses jovens estudantes de Ensino Médio da rede pública estadual do município de São João do Cariri - PB?
- Qual o papel das famílias no tocante ao apoio/incentivo, ou não, aos estudos dos filhos?
- Qual a importância desse nível de ensino para esses jovens, tendo em vista os seus objetivos de vida?
- Quais são as perspectivas e desafios desses jovens, durante e após o término do Ensino Médio?

Diante das questões de pesquisa apresentadas, entendemos que estas possibilitaram o alcance dos seguintes objetivos específicos:

- Traçar e discutir o perfil dos jovens que estudam no Ensino Médio da Escola Cidadã Integral (ECI)² Jornalista José Leal Ramos, em São João do Cariri, PB;
- Compreender sobre o papel das famílias nas vivências escolares desses jovens estudantes;
- Identificar os sentidos atribuídos ao Ensino Médio e à Escola, na visão dos jovens estudantes;
- Refletir sobre os supostos desafios/perspectivas que estes jovens visualizam para as suas vidas, durante e após o término do Ensino Médio.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ORGANIZAÇÃO DOS PASSOS DO ESTUDO EMPÍRICO

A escolha metodológica de eleger os jovens como sujeitos da investigação fundamenta-se em um pressuposto de pesquisa. Parte-se da ideia de que os jovens estudantes são interlocutores válidos e privilegiados para a compreensão desse nível de ensino.

Utilizar-se de tal perspectiva implicou em uma mudança no eixo da análise, passando das instituições educativas, como geralmente nos deparamos, para os sujeitos jovens, passando a escola a ser problematizada a partir da ótica deles, buscando compreender as suas demandas e necessidades em relação à instituição escolar. É fundamental centrar a investigação em torno

² Trata-se de um novo modelo de escola pública adotado pelo Governo do Estado Paraíba, através da Secretaria Estadual de Educação, com a proposta de organização e funcionamento em tempo único (integral). O programa tem como foco a formação dos jovens por meio de um desenho curricular diferenciado e com metodologias específicas, que apresentam aos estudantes do Ensino Médio possibilidades de se sentirem integrantes do seu projeto de vida.

da realidade escolar que vivenciam, buscando apreender, dessa forma, os sentidos que os jovens atribuem à escola e ao Ensino Médio.

Encarando a metodologia enquanto caminho para desenvolver a pesquisa, utilizamos,⁰ quanto à abordagem do problema aos objetivos, a pesquisa qualitativa, buscando assim um aprofundamento na compreensão de um determinado grupo social, nesse caso, os jovens estudantes de Ensino Médio da escola já mencionada, uma vez que esta permite a interpretação e análise dos fenômenos, de forma a atribuir significados que não podemos analisar quantitativamente.

A pesquisa bibliográfica é a base fundamental para a elaboração dos escritos, por ser considerada “a primeira tarefa a que nos propomos, capaz de projetar luz e permitir uma ordenação ainda imprecisa da realidade empírica” (MINAYO, 2008, p. 97).

Lima e Miotto (2007), complementam dizendo que “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima e Miotto 2007, p.38). Com base no exposto, ao se debruçar nas leituras, o pesquisador deve entrelaçar o assunto abordado ao argumento do autor, sob um novo enfoque e com um toque de inovação.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

É uma pesquisa de caráter exploratório e subjetivo, amplamente utilizada nas Ciências Sociais, que estimula o entrevistado a pensar e a falar livremente sobre um tema. Requerendo uma análise direta entre o pesquisador e o objeto de estudo.

Este tipo de pesquisa busca proporcionar uma familiaridade maior com o problema a ser pesquisado, com vistas a torná-lo mais explícito, o que pode levar à construção de hipóteses. Segundo Gil (2007), grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007).

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real.

Quanto aos procedimentos adotados na pesquisa, classificamos como um estudo de caso que envolve uma instituição, a escola, e um grupo de indivíduos, os jovens estudantes do Ensino Médio. Ainda de acordo com Fonseca (2002)

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Outro procedimento metodológico utilizado na presente pesquisa foi a observação, considerada por Silva (2013) como

Um dos maiores legados do desenvolvimento das ciências humanas e sociais ao longo do século passado é a convicção de que o ato de observar as pessoas contribui para compreendê-las. Observá-las brincando, trabalhando, conversando, silenciando, rindo ou chorando, tomando-as individualmente, como grupo ou multidão. Para alguns pesquisadores esse procedimento somente deve ocorrer em laboratório, enquanto outros defendem que em qualquer situação na qual seja adotado se deve preservar o âmbito no qual ela ocorra da forma mais “natural” possível. (SILVA, 2013, p. 413).

O tipo de observação utilizada é classificada como observação assistemática, denominada por Gil (1999) como simples e que apresenta como sua característica primordial a condição de o pesquisador tornar-se alheio ao indivíduo ou grupo que se pretende investigar, que observa, mas de forma espontânea.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados da pesquisa, em um primeiro momento, foi a aplicação de um questionário com questões semiestruturadas que foi respondido pela grande maioria dos estudantes que frequentam o Ensino Médio da referida escola, informações que foram utilizadas com a finalidade de traçarmos um perfil dessa juventude (Procedimento descrito na abertura do capítulo 3).

Em um segundo momento, com o intuito principal de apreender as percepções desses jovens sobre o papel da família na sua vida estudantil, bem como o papel que os próprios alunos atribuem à escola para as suas vidas, foi realizado, com parte dos estudantes do Ensino Médio, um Grupo Focal. De acordo com Lopes (2014)

A pesquisa com grupos focais permite o alcance de diferentes perspectivas de uma mesma questão, permite também a concepção de processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como a compreensão de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema em questão (LOPES, 2014, p. 484).

Ainda de acordo com o autor

Essa é uma técnica utilizada com várias finalidades podendo constituir-se como elemento central da investigação e como apoio para a construção de outros instrumentos de investigação como a observação, o questionário ou a entrevista. (LOPES, 2014, p. 484).

O método do grupo focal é utilizado em pesquisas qualitativas com o intuito de contribuir para a análise de múltiplas questões na dependência do problema ao qual o pesquisador se propõe. Segundo Gatti (2005), a técnica do grupo focal é importante, porque possibilita que os entrevistados possam expor suas opiniões sobre variados tipos de assuntos, trazendo à tona determinadas problemáticas que, na maioria das vezes, não são visíveis nas entrevistas individuais e nem mesmo no questionário com perguntas fechadas.

Segundo Gomes (2005), os grupos focais (GF), utilizados como técnica de pesquisa desde 1920 na área de marketing, passam a ser utilizados como técnica de pesquisa nas ciências sociais em geral. Aplicado essencialmente em pesquisas qualitativas, o grupo focal é “uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico” (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p. 5).

Por se tratar de uma técnica que permite a interação direta das pessoas envolvidas, podendo estas serem observadas, ouvidas e registradas não somente por fala, mas também por suas expressões, esta possibilita ao pesquisador capturar o pensamento dito e também as expressões que são manifestadas pelas pessoas entrevistadas e isso faz com que haja um enriquecimento nas informações coletadas na pesquisa.

De acordo com Rego (2013), especificamente na área educacional, os grupos focais podem ser utilizados para coletar informações sobre os pensamentos e sentimentos das pessoas participantes, levando-as a refletir e expor suas ideias acerca da temática proposta. Partindo-se do pressuposto de que as pesquisas em educação buscam respostas para problemas que dizem respeito à sociedade, percebemos nos grupos focais uma forma de criar condições para que as pessoas participantes possam analisar, inferir, fazer críticas e se posicionar acerca da temática sobre a qual foram convidados a conversar coletivamente (GATTI, 2012).

Ainda de acordo com Gatti (2012), os grupos focais possibilitam uma maior profundidade na coleta dos dados de uma pesquisa, uma vez que facilitam a expressão de ideias e experiências, permitem perceber qual informação é censurada ou silenciada dentro do grupo e encorajam a participação de todos os membros, ações que poderiam ser pouco desenvolvidas em entrevistas individuais.

A utilização dessa técnica na referida pesquisa foi pensada tendo em vista os pontos mencionados acima e passou por algumas fases, até o momento de sua realização. Inicialmente, houve o momento de planejamento das questões a serem discutidas no GF, levando em consideração a análise dos dados coletados através dos questionários que haviam sido respondidos anteriormente por 106 estudantes do Ensino Médio dentre os 116 que são matriculados neste nível de ensino na ECI Jornalista José Leal Ramos.

Nesse momento de planejamento foi elaborado um roteiro contendo as principais questões apresentadas para o grupo e discutidas coletivamente. Vale ressaltar que esse roteiro ficou em aberto para o acréscimo de alguma outra questão que viesse a surgir no momento de sua aplicação. Também foi pensado o local onde aconteceria, bem como quem seriam os jovens a serem convidados para participar e os critérios para essa seleção, critérios esses pré-estabelecidos em um momento de conversa com a Professora/Orientadora da presente dissertação.

O momento de realização do GF aconteceu em um único encontro realizado na própria escola, no dia 8 de Novembro de 2019, na sala onde funciona a Biblioteca, pensada como lugar estratégico por ser um ambiente arejado, iluminado, silencioso e aconchegante, com cadeiras posicionadas em forma de círculo, uma maneira de buscar fazer com que não houvesse conversas paralelas, todos pudessem se ver e estar em posição de igualdade uns com os outros, buscando favorecer a interação dos participantes e fazer fluir o diálogo.

Tal momento contou com a participação da pesquisadora/moderadora, que conduziu a atividade, sendo auxiliada por uma colega educadora, Albertina Silva, Mestra em Ciências Biológicas, convidada para exercer a função de redatora/observadora, anotando os fatos e pontos relevantes durante o encontro, e o grupo de 18 estudantes/participantes, sendo eles distribuídos por séries/anos da seguinte forma: 8 alunos (as) do primeiro ano médio, 6 alunos (as) do segundo ano médio e 4 alunos (as) do terceiro ano médio. Todo o momento da conversa foi gravado em áudio, (com a devida autorização dos membros do grupo), com o intuito de que nenhuma das informações fornecidas por eles fossem perdidas, haja vista que mais de uma pessoa pode falar ao mesmo tempo e alguma informação pode não ser anotada.

A realização do GF teve uma média de duas horas de duração, distribuídas da seguinte forma: de 10 a 15 minutos para os informes gerais de como seria esse encontro e a apresentação das regras básicas que eles precisariam seguir, mais 10 a 15 minutos no encerramento da conversa para os agradecimentos e registro fotográfico e 1 hora e 30 minutos, em média, de efetiva conversa (respostas às questões propostas de acordo com o roteiro planejado).

O percurso da pesquisa foi determinado pelos critérios do processo de pesquisa social que envolve: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório, no presente caso, a escrita do trabalho de dissertação.

Quanto à técnica de tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1979), representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

A análise do conteúdo foi iniciada pela leitura das falas/depoimentos. A partir daí foi feita a análise temática que trabalha com a noção de temas. Para Minayo (2007, p. 316), “a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

Dessa forma, o presente trabalho conta com a seguinte estrutura:

O primeiro capítulo apresenta a introdução e o percurso metodológico do trabalho.

O capítulo 2, denominado como **Juventude (s): uma construção social em períodos ditos modernos**, aborda considerações acerca do conceito de juventude (s), especialmente a relação entre Juventudes – Escolarização e Ensino Médio. Evidenciando como se estabelece o processo de transição desses sujeitos para a vida adulta a partir das análises sociológicas. Apresenta-se a condição juvenil no que se refere aos desafios dos jovens na atualidade para serem reconhecidos.

O capítulo 3, intitulado como **Perfil dos jovens de ensino médio, estudantes da ECI Jornalista José Leal Ramos: Quem são?**, analisa os dados coletados através dos questionários aplicados com os estudantes do Ensino Médio da referida escola, que nos possibilitaram traçar um perfil dos fatores socioeconômicos desses jovens, bem como das suas famílias, analisando, ainda, como estes percebem o papel da escola e o papel dos membros da comunidade escolar e como eles compreendem esse contexto e lhe atribuem significados.

O capítulo 4, sob a denominação de **Os sentidos do Ensino Médio: sob o olhar dos jovens**, através da análise do material empírico coletado no Grupo Focal, identifica as

percepções dos sujeitos pesquisados acerca dos sentidos da Escola, através dos seus estudos no Nível Médio de ensino, na perspectiva de pensar os seus projetos e desafios futuros.

Nas considerações finais, apresentamos as reflexões sobre as possibilidades e desafios que os jovens concluintes do ensino médio enfrentam, com a intenção de abrir caminhos para a construção de novas reflexões.

2 JUVENTUDE (S): UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL EM PERÍODOS DITOS MODERNOS

Pensar sobre juventude/juventudes no Brasil é pensar uma categoria social que, em um período de tempo recente, tem ganhado força e espaços em importantes discussões, tanto nos âmbitos acadêmicos quanto no que se refere às políticas públicas, e isso tem colocado o segmento juvenil como pauta de conhecimento, de ações e também de intervenções. Essa temática vem despertando o interesse de pesquisadores dos diferentes campos dos saberes, em especial, das Ciências Humanas e Sociais, constituindo-se, enquanto objeto de estudo, como um campo para inúmeras discussões, reflexões e abordagens sociológicas, pedagógicas e antropológicas, as quais buscam analisar mudanças físicas, comportamentais e psicológicas que se desencadeiam nessa fase da vida, tratando-a dentro de uma múltipla dimensão social, histórica, cultural e relacional.

São discursos muito centrados e relacionados a temas como sexualidade, drogas, violência, criminalidade, desvios, vinculados às rebeldias em relação à normatização social, considerando que existem tendências à ligação dos jovens com tais vivências, dependendo do contexto em que estes vivem. Isso põe em alerta aspectos recorrentes e problemáticos da produção de conhecimento em relação aos jovens e suas condições sociais, pois as pesquisas apontam que, ao tratar do tema, estes estudos o fazem quase sempre a partir dos “problemas” que a juventude apresenta, desconsiderando a compreensão dos modos de vida e das experiências cotidianas que a atravessam. É importante enfatizar que não se pode traçar um perfil único da juventude, uma vez que apresentam diferentes abordagens para definir este segmento da população que está inserido em diferentes contextos socioeconômicos e culturais.

A década de 1920 é o marco dos estudos teóricos acerca da juventude como categoria sociológica, passando esta a ser caracterizada não apenas como uma faixa etária ou ligada a fatores biológicos. Muitos dos estudos realizados nesse período apoiam-se nas teorias de autores importantes nessas discussões, a exemplo de Karl Mannheim, Marialice Foracchi e Pierre Bourdieu.

Atualmente, o jovem é visto como um novo ator político e social nos diversos contextos em que está inserido, o que vem instigando pesquisadores, em especial, os ligados às Ciências Sociais, a entenderem o segmento juvenil em interação com os demais segmentos sociais, reconhecendo sua importância como categoria analítica a partir, dentre outros campos do saber, de uma sociologia da juventude.

2.1 DO SER JOVEM AO SER ADULTO NA SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

O período de transição para a vida adulta tem sido tema de discussão nos estudos da sociologia da juventude. Por isso, recorreremos ao suporte teórico do sociólogo alemão Karl Mannheim (1968), na tentativa de compreender que a transição para a vida adulta não é a fase final da juventude, mas o momento de transição.

Em meados do século XX, Mannheim (1968) discute o significado da juventude na sociedade e a participação dos jovens na construção da vida social. O autor destacou a importância de compreender a juventude, levando em consideração o contexto histórico, político e social.

De acordo com a concepção de Freitas (2005), “o que marca o fim da juventude, abarca, de modo geral, cinco dimensões: terminar os estudos; viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual torna-se responsável ou co-responsável; casar; ter filhos”. (FREITAS, 2005, p. 7).

Tais dimensões desencadeiam-se em fatores que definem a condição de adulto, pois assim, os jovens superam o período de preparação, estando aptos a produzir e reproduzir a vida em sociedade e assumindo as responsabilidades pela sua condução. Grande parte dos estudos sobre jovens agem como se eles não fizessem parte do contexto social no qual estão inseridos, como uma relação de sujeição estrita, através da conjugação de aptidão e utilidade. Neste sentido, Abramoway (2003) aponta que

Na medida em que existe uma representação social da juventude como irresponsável, muitos são discriminados simplesmente por serem jovens, o que muitos enfatizam. Os adultos desconfiam deles, não acreditam na sua capacidade, o que muitas vezes rebaixa sua auto-estima, faz com que se sintam desrespeitados e maltratados. (ABRAMOWAY, 2003, p. 39)

É importante que espaços sejam concedidos aos jovens no sentido de que suas percepções sejam ditas, seus anseios sejam escutados e a educação, através da escola, tem um papel fundamental nesse processo, por propiciar momentos onde os jovens exerçam papel de verdadeiro protagonismo.

2.2 NOVOS OLHARES SOBRE A CATEGORIA JUVENTUDE (S)

Por ser esta uma categoria socialmente produzida, precisamos levar em consideração as representações sobre a juventude, os sentidos atribuídos a essa fase da vida, assim como o tratamento e a posição social dada aos jovens pela sociedade, atribuindo a estes significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Como enfatiza Brumer (2007), existe, hoje, uma tendência na consideração da faixa etária para definir o período da juventude, sendo esta considerada de 15 a 24 anos, essa noção depende tanto da autoidentificação quanto do reconhecimento de outros. Outros estudos apontam que o período considerado como juventude estendem-se até os 29 anos de idade.

De acordo com Silva e Silva (2011)

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde (OPS/ OMS), juventude é uma categoria sociológica que representa um momento de preparação de sujeitos – jovens – para assumirem o papel de adulto na sociedade e abrange o período dos 15 aos 24 anos de idade. No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos. A Política Nacional de Juventude divide essa faixa etária em 3 grupos: jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens-adultos. Considerando essa divisão, pode-se perceber que o primeiro grupo já está incluído na atual política da criança e do adolescente; entretanto, os outros dois não estão. (SILVA; SILVA, 2011, p. 664).

A juventude é, portanto, um período de descobertas, experimentações e afirmações, sendo esta uma fase complexa de tomadas de decisões, seja no que se refere a escolhas profissionais, de estudo ou na definição de começar a trabalhar. Esse período da vida dos jovens se diferencia de acordo com a classe social, gênero, raça, bem como o lugar onde estes vivam. Portanto, pode-se dizer que é um universo caracterizado por cobranças e opressões. De acordo com Dayrell e Carrano (2014)

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nele, o indivíduo vai se descobrindo, descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esta categoria ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade). (DAYRELL & CARRANO, 2014, p.112).

Tomando essa concepção como referência, podemos compreender que as distintas condições sociais e econômicas, as estruturas familiares nas quais estão inseridos, a diversidade cultural, as diferenças territoriais, a diversidade de raça e de gênero, entre outros elementos, se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude.

Assim, tem-se a necessidade de se falar e conceber diferentes “juventudes”, em um sentido mais amplo das heterogeneidades que se apresentam e que se possam visualizar entre os adolescentes e jovens, buscando, assim, construir uma noção de juventude em torno de dois eixos: como aparente unidade e como diversidade.

Foracchi (1972), afirma que a juventude tem um caráter dinâmico no sistema social e, por isso, é necessário considerá-la no estilo próprio de sua existência e, sobretudo, na realização de suas escolhas de destino pessoal.

[...] não sendo passível de delimitação etária, a juventude representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa nova de existência social (FORACCHI, 1972, p. 160).

Isso implica dizer que, os jovens que estão, atualmente, no curso de Ensino Médio, estão vivenciando contextos diferenciados de outras gerações, sendo uma diferença marcante o acesso a esse nível de ensino, que para algumas gerações passadas foi negado. Tem se tornado possível à essa geração, almejar o acesso ao ensino superior.

2.3 JUVENTUDE(S) E A CONQUISTA DE DIREITOS

A partir dos anos 90, “os direitos da juventude” passam a fazer parte da pauta das políticas sociais, que entram em cena a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regimentado pela Lei 8.069, de 1990. Esses seriam os marcos legais de importantes conquistas para as crianças, adolescentes e jovens. A importância de incluir a juventude foi tão expressiva que o texto do artigo 227 sofre alteração a partir da Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010, passando a afirmar que

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, Presidência da República, 2010).

A alteração no antigo texto do referido artigo se deu pela contemplação do acréscimo da categoria jovens, além dos direitos das crianças e dos adolescentes. Na questão juvenil, o ECA é considerado um avanço como garantia de direitos dos jovens até 18 anos de idade. Porém, há lacunas no texto da Constituição que promovem uma mobilização juvenil e, a partir desse momento, iniciam-se as primeiras demandas direcionadas aos problemas dos jovens.

A década de 1990 foi marcada por conquistas, a começar pelo surgimento de projetos sociais direcionados para o atendimento aos jovens pobres residentes em área de risco, longe dos centros urbanos. O sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC) ocupava a presidência do Brasil, nesse momento de gestão presidencial, quando ocorreram as primeiras iniciativas que possibilitaram a criação de secretarias e coordenadorias municipais e algumas estaduais. Porém, mesmo diante dessas iniciativas, não foi criado um espaço no governo nacional específico para atender à juventude.

Em 2005, essas conquistas se ampliaram e na primeira gestão do governo Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Política Nacional de Juventude. Essa política, direcionada aos jovens, tem a participação do governo e prioriza os direitos da juventude brasileira. Nesse mesmo ano, a Política Nacional de Juventude – PNJ, contava com as seguintes instituições: Secretaria Nacional de Juventude (SNJ); Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem).

Segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010)³, temos uma média de 51,3 milhões de jovens entre 15 a 29 anos vivendo, atualmente, no Brasil, sendo 84,8 % nas cidades e 15,2 % no campo.

Como enfatizado por Catani e Gilioli (2008), é apenas no fim da década de 70 e em parte dos anos 80 que os jovens das camadas mais pobres passaram a ocupar espaço nos debates acadêmicos e midiáticos, devido à crise econômica desencadeada nesse período. Isso nos leva a pensar no período de suspensão de direitos civis, políticos e sociais, durante o regime militar

3 Dados obtidos através do site do IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1866&t=primeiros-resultados-definitivos-censo-2010-populacao-brasil-190-755-799-pessoas&view=noticia>. Acesso em 01 setembro de 2018.

e na década que antecedeu a promulgação da Constituição brasileira de 1988, marcada por intensas lutas contra o presente regime. Nesse momento da história, milhões de pessoas saíram às ruas para participar das grandes manifestações de massa na história brasileira. Nesse processo, os movimentos sociais passam a ter mais visibilidade, tornando-se pioneiros na luta por cidadania.

Sader (1988), em sua obra **Quando Novos Atores Entram em Cena**, fala sobre a importância dos movimentos populares, destacando o quão relevantes foram questões do cotidiano, compreendidas como expressões de resistência, autonomia e criatividade, transformando-se em eixos da luta política. Assim, os movimentos populares passaram a reivindicar novos direitos relacionados às questões de moradia, educação, saúde, trabalho, lazer e dos direitos da criança e do adolescente. Segundo Sader (1988), “A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos” (SADER, 1988, p. 26).

A ampliação do acesso ao Ensino Médio e, conseqüentemente, o aumento de matrículas efetivadas nas redes de ensino, por volta da década de 1990, trouxe à tona algumas questões, principalmente, o fato deste acesso não vir acompanhado de políticas e ações governamentais que tivesse como objetivo primar pela qualidade necessária do ensino. A inclusão do Ensino Médio no âmbito da educação básica, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, reconfigurou a educação secundária que, tradicionalmente, era reservada às elites econômicas e intelectuais, transformando-a em um patamar básico de escolaridade que todos os brasileiros deveriam ter, e isso contribuiu diretamente para uma mudança no perfil dos estudantes nas escolas. Essa expansão e democratização do acesso trouxe para o interior dos educandários a diversidade cultural das juventudes e também as desigualdades sociais e econômicas que marcam suas condições.

As mudanças a partir da década de 90, com o crescimento da demanda por matrículas no Ensino Médio, assumem proporções de explosão na segunda metade da década, segundo Carneiro (2001)

Crescia a matrícula por ensino médio e, ao mesmo tempo, mudava a configuração deste nível de ensino. A nova visão passava a ser bem mais exigente à medida que se buscava situar a organização de uma escola de ensino médio no âmbito de uma sociedade globalizada, mais exigente em termos de nível de escolaridade – este é um traço da sociedade do conhecimento! - e, sobretudo, de uma escola comprometida com a construção de uma identidade. É no bojo desta visão, que surge a LDB, proclamando ser o ensino médio etapa final da educação básica. Deve, por isso, levar em conta as expectativas da população jovem, desejosa de uma escola capaz de

responder aos desafios do seu projeto de vida. Ora, esta perspectiva pressupõe um ensino médio que contenha, como fundamentos de formulação curricular, os princípios da igualdade e da diversidade articulados dinamicamente e objetivamente. (CARNEIRO, 2001, p. 96).

Pensando acerca dessas mudanças na atual sociedade brasileira, percebemos que a Escola se apresenta como um elemento modificador que precisa ser cuidadosamente analisado, uma entidade que por muito tempo contemplou e atendeu as camadas mais “abastadas” das elites brasileiras, em sua grande maioria pessoas brancas, mas que, com a “democratização do ensino”, acaba por abrir suas portas para outras camadas sociais, o que consiste em um avanço, mas que, em alguns momentos, põe em choque uma estrutura que percebemos ainda não estar totalmente preparada para trabalhar as “diferenças”, pondo em xeque a diversidade cultural, por desconsiderar o caráter de heterogeneidade entre o seu público, o que acaba gerando situações de segregação, exclusão e/ou violência.

Destarte, a realidade dos estabelecimentos de ensino é um exemplo de como essa descrição esteve em desacordo com o que aconteceu no cenário educacional brasileiro. Nem sempre foi possível o acesso dos jovens de todas as camadas sociais à essas instituições, no sentido da garantia desse direito constitucional do ser humano, independente de classe social, religião ou origem. A Escola possui o papel de se apresentar enquanto espaço de formação e socialização entre os jovens, de forma igualitária, sem distinção ou predileção entre os sujeitos, sendo isso o que reza a lei maior brasileira. Porém, ainda se fazem necessárias as lutas para efetivação real desse direito.

Na prática diária das vivências no “chão” da escola, nem sempre percebemos essa garantia sendo respeitada, o que nos faz rever o pensamento de Émile Durkheim na obra *Educação e Sociologia* (2011), que afirma haver uma condição importante para a realização da educação e, vale ressaltar, que a concepção durkheimiana se estende para além da escola

Durkheim (2011) diz que, “Para que haja educação é preciso que uma geração de adultos e uma de jovens se encontrem face a face e que uma ação seja exercida pelos primeiros sobre os segundos. Resta-nos definir a natureza desta ação” (DURKHEIM, 2011, p.50). Percebemos, então, uma primazia da geração dos adultos, o que nos leva a pensar na família e é sobre a natureza das ações e interações vividas em nossas escolas e com os jovens que precisamos refletir.

Estudos que versam sobre as Escolas brasileiras, nos remetem às discussões sobre a juventude como uma fase da vida. Nesse sentido, Groppo (2000), demonstra que a escola, sendo uma instituição criada para jovens, especificamente, passa a ter como principais características o controle do tempo e a normatividade do comportamento. A respeito da autonomia desses

sujeitos no espaço escolar, é importante pensarmos sobre a possibilidade desse controle do tempo dos jovens, uma vez que será possível nos depararmos com um choque entre o que fixa a escola como tempo e as reais condições de vida para que este tempo seja cumprido.

Para exemplificarmos, vejamos o tempo de entrada no estabelecimento escolar; o tempo das aulas, o tempo regulador da vida da escola, feito por um relógio que, pode ou não, dar conta de atender aos jovens. Percebemos, ainda, nas escolas, uma tendência de cobrança por um padrão de normatividade dos comportamentos, através das cobranças por uso de uniformes, as metodologias empregadas que, por vezes, oprimem saberes dos jovens, não sendo-lhes permitida uma maior liberdade frente aos seus gostos, tais como a preferência musical. Na maioria das vezes, não se compreende que determinadas músicas são parte do “estilo” das juventudes e que podem ser trabalhadas e problematizadas, tomadas como objetos de estudo. Muitas vezes, as preferências desse público são apenas alvo de críticas carregadas de preconceitos.

O controle do tempo e a normatividade do comportamento são fatores importantes aos processos de exclusão, concepções que são construídas acerca dos que são considerados “diferentes”. Segundo Dubet (2003), a exclusão escolar é o resultado “normal” da extensão de uma escola democrática de massa, que afirma, ao mesmo tempo, a igualdade dos indivíduos e a desigualdade de seus desempenhos.

Constantemente, nos deparamos nas escolas com essa realidade, reveladora de um caráter de segregação. No tocante às classificações que são feitas em relação aos estudantes, Dubet (2003) chama a nossa atenção para o fato de que

Todas as grandes pesquisas e as grandes teorias desenvolvidas pela Sociologia da Educação demonstram que após a década de 60, todas colocam em evidência o peso dos processos de seleção escolar propriamente dita. É o modelo da reprodução que se impõe globalmente, afirmando que a massificação escolar não reduz as desigualdades escolares, que “reproduzem” largamente as desigualdades sociais. Quaisquer que sejam as mudanças introduzidas nessa análise, o mesmo fato se impõe a todos: é a própria escola que opera as grandes divisões e as grandes desigualdades. Ou seja, as igualdades sociais comandam diretamente a entrada nas carreiras escolares e os próprios processos escolares produzem essas desigualdades que, por sua vez, reproduzem as desigualdades sociais. O sistema está fechado. Abrindo-se, a escola não é mais “inocente”, nem é mais “neutra”; está na sua “natureza” reproduzir as desigualdades sociais produzindo as desigualdades escolares. (DUBET, 2003, p. 34).

Essa discussão se confirma em pesquisas de estudiosos que apontam para um tratamento de homogeneização dessas juventudes e para a transformação das escolas, não levando em consideração o caráter de diversidade e heterogeneidade de tais juventudes, práticas que

contribuem para que muitos desses sujeitos se tornem “invisibilizados”, sendo este um dos grandes problemas das escolas brasileiras, de acordo com Lima Filho (2014). Nesse sentido, cabe ressaltar o quanto é perceptível que, a partir dessas vivências, passamos a visualizar nos ambientes de sala de aula confrontos de ideias e de valores.

Neste contexto, boa parte das discussões em torno da juventude popular foi marcada por estereótipos, os quais rotulavam os jovens como marginais, reproduzindo um discurso de que estes representam “classes perigosas”, no sentido de serem rebeldes ou de recusarem-se a seguir padrões pré-estabelecidos por convenções sociais ou, ainda, por quebrarem regras. Habitualmente, os jovens eram, e ainda são, rotulados como impassíveis, alienados, transgressores.

Essas maneiras de enxergar as juventudes através de rótulos e preconceitos constituem o que Bourdieu e Passeron (1967) analisam como sendo formas de violência, especificando a violência simbólica, enquanto forma de dominação (violência) oculta, que opera, prioritariamente, na e pela linguagem e, mais geralmente, na e pela representação, pressupondo o alheamento da violência que engendrou o reconhecimento dos princípios em nome dos quais é exercida.

Muitas vezes, esse fenômeno é prática presente nas relações cotidianas da escola, onde os jovens são0 tratados de maneira homogênea, com a cobrança por padrões de normatização na forma como é usado o poder das falas, o uso das autoridades, a transmissão dos saberes-conteúdos, relações de autoritarismo onde o jovem é posto no lugar de quem sabe menos, de quem deve ter o seu poder de participação limitado e, muitas vezes, o seu poder de voz e discordância castrado.

Esse tipo de violência, que geralmente ocorre de forma muito sutil, muitas das vezes acaba sendo legitimado pela escola e pode trazer para a vida dos estudantes diversos danos. Nessa perspectiva da violência simbólica, conceito social elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, aborda-se uma forma de violência exercida pelo corpo, sem coação física, causando danos morais e psicológicos.

É uma violência “invisível”, adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui como um vínculo de subjugaçã-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a sua realidade se apresenta. A instituição escolar é quem, geralmente, dita os conteúdos, as regras, os métodos e as avaliações, mas nem sempre as relações pedagógicas se constituem de forma democrática e participativa, e sim de forma autoritária, tendo como sustentação a legitimidade da instituição escolar e como consequência um reforço às práticas de segregação.

Foi a partir de meados da década de 90 que alguns estudiosos buscaram compreender os jovens para além dos estereótipos⁴ que os definem, o estigma⁵ de “jovens de risco”, procurando apreender a realidade dos sujeitos, tanto nos aspectos materiais quanto nos simbólicos, considerando as manifestações juvenis como legítimas, que deveriam ser estudadas, compreendidas e apropriadas, com o intuito de apreender suas novas referências na rede de relações sociais. Tais estudos abrangeram não só o campo da sociologia, mas da educação também.

Entretanto, é necessário continuar empreendendo esforços no sentido de compreender esse jovem sob olhares que busquem pensar os seus ideais e os seus modos de vida, respeitando o caráter de heterogeneidade para, a partir de então, pensarmos os temas presentes em seus próprios discursos, sem partir de objetos previamente estabelecidos que podem condicionar uma visão antecipada do que importa ou do que deveria importar para ele. Afinal, estamos pensando em situações que envolvem distintas gerações e cada uma delas, por levarmos em consideração o fator “tempo” (cronológico) em que vivem determinadas fases de maneiras diferentes. Porém, é pertinente analisarmos as representações sociais que estes jovens estão construindo, partindo dos seus próprios posicionamentos.

2.4 JUVENTUDE (S) E ESCOLA

Podemos ver a Escola enquanto espaço e mecanismo de socialização que atua na perspectiva da construção, não apenas de conhecimentos sistematizados dos saberes, mas das identidades dos jovens, haja vista que, no espaço escolar, estes desenvolvem habilidades, impulsos, expansões e fortalecimento das relações sociais, realização e construção de desejos e projetos de vida, que colaboram para a sua formação. Espaço esse considerado, também, um lugar de se fazer amigos, de compartilhar experiências e de constituir valores, onde vivenciam parte significativa de seu cotidiano, seja entre grupos da mesma geração (demais

⁴ De acordo com o sociólogo Goffman (1988), o estereótipo se relaciona com o estigma social nos processos de construção dos significados através da interação. Entende-se por estereótipos as generalizações que as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais específicos ou tipos de indivíduos. A sociedade institui como as pessoas devem ser e estabelece esse “dever ser” como algo natural e normal. Um estranho em meio a essa naturalidade não passa despercebido, pois lhe são conferidos atributos que o tornam diferente.

⁵ Conceito utilizado por E. Goffman (1988) para referenciar uma identidade deteriorada, devendo, portanto, ser combatida e evitada, pois é tida como um mal dentro da sociedade. De modo que, para a sociologia, o conceito de estigma social está relacionado à categorização de um grupo por outro, conferindo-lhe um grau inferior de status social. Atribuir um estigma está relacionado com as prenoções, os preconceitos, os esterótipos e o medo do desconhecido que fazemos sobre os outros.

estudantes/jovens), ou também grupos de gerações diferentes (professores/e demais membros da escola). Segundo Dayrell (2007)

No cotidiano, porém, convive com uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos – alunos, professores, funcionários, pais – que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias, individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos; um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. (DAYRELL, 2007, p. 1118)

É importante destacarmos que, para esse público, a escola é talvez, o lugar mais importante de socialização, pois eles estão numa idade na qual o grupo, assim como o sentimento de “pertencimento” aos grupos, tem uma relevância especial, o que faz com que, muitas vezes, surjam no contexto escolar uma diversidade significativa de conflitos, que podem resultar em problemas sérios. Dessa maneira, a escola constitui espaço de construção de diferentes saberes, de convivência, de socialização, e também de divergências, conflitos e violência.

Os estudos sobre a escola realizados por Bourdieu e Passeron (2013), sugerem que os ambientes escolares não são imparciais e não transmitem saberes a todos, levando em consideração o caráter de heterogeneidade das turmas, resultando, assim, em uma realidade injusta, no sentido de que reflete, muitas vezes, os interesses da cultura das classes dominantes, uma vez que, a escola trata de maneira igual aqueles considerados diferentes socialmente, seja no que se refere aos direitos, bem como aos deveres. Nesse sentido, a escola acaba por privilegiar os que, por sua herança cultural, já são privilegiados.

Não são levados em consideração aspectos individuais desses grupos, que apresentam heterogeneidades, seja em relação a seus lugares de origem ou onde residem, seja relacionado a aspectos econômicos, de diferenças religiosas, orientações sexuais ou de qualquer outra ordem, conduzindo-os a serem tratados como sendo todos iguais, mascarando problemas como relações preconceituosas e de violência que muitos jovens sofrem nos interiores das escolas, tanto por parte de outros jovens como, também, por parte dos profissionais que formam esses educandários. Muitas vezes, esse fenômeno é encoberto através dos discursos de uma escola democrática, mas que nas suas práticas pedagógicas diárias supervaloriza uns em detrimento de outros, segregam, excluem.

De acordo com Dubet (2003), no final das contas, os alunos mais favorecidos socialmente ou que dispõem de maiores recursos para o sucesso, são privilegiados em

detrimento dos demais, por um conjunto de mecanismos sutis, próprios do funcionamento da escola, que beneficia os mais beneficiados.

Essas estratégias escolares aprofundam as desigualdades e acentuam a exclusão escolar na medida em que mobilizam, junto aos pais, algo que não é só o capital cultural, entendido como um conjunto de disposições e de capacidades, especialmente linguísticas. Apela-se à competências muito particulares, referentes aos conhecimentos das regras ocultas do sistema. A escola espera que os pais sejam pessoas informadas, capazes de orientar seus filhos e ajudá-los com eficácia nas suas tarefas. Ao mesmo tempo, fica claro que essa expectativa é cada vez maior. Quanto mais os métodos pedagógicos são “ativos”, mais eles mobilizam os pais, seus recursos culturais e suas competências educativas.

Segundo Dayrell (2006), torna-se necessário compreender as práticas e símbolos dessa categoria como a manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão das transformações ocorridas nos processos de socialização. A escola deve preocupar-se em reconhecer que, enquanto instituição social, ela é constituída por sujeitos de diferentes contextos e realidades, que possuem distintas visões de mundo, valores morais e religiosos, tradições e preconceitos que se distinguem. Entretanto, as escolas, muitas das vezes, reforçam a identidade desses jovens como simplesmente “alunos”, uma condição natural, quando seria válido um olhar voltado para pensar as visões, objetivos e as dificuldades enfrentadas por estes em seus cotidianos, bem como trabalhar com esses alunos no sentido de contribuir para os seus objetivos pessoais.

É nas escolas que percebemos grandes possibilidades de formações de grupos. Esses agrupamentos nascem da articulação, localizada regionalmente, de partícipes do mesmo estilo de vida. Entretanto, além de promover sociabilidades, uma das principais funções do agrupamento envolve a vigilância e a defesa dos valores próprios do estilo, como afirma Lima Filho (2014).

Em se tratando das escolas de Ensino Médio, é importante destacar que, nestas, o jovem traz consigo para o cotidiano escolar um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços. Adentrando o ambiente escolar com seus *looks e grifes*, uso de artigos juvenis, constituindo o estabelecimento escolar como um espaço, também, para estabelecer relações amorosas, de amizade, gostos e distinções de todo tipo, estabelecendo uma determinada condição juvenil que vai influenciar sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela.

Dessa forma, estabelece-se uma tensão no cotidiano escolar entre ser jovem *e/ou* ser aluno. Essa dicotomia existe, todavia, grande parte das escolas tratam os jovens como sendo meros estudantes, que ocupam os espaços da escola para aquisição de conhecimento/conteúdos

ditados e, muitas vezes, descontextualizados. Há a imposição no sentido de que estes devem seguir as normas e padrões estabelecidos e não são, na maioria das vezes, observadas as especificidades para que o processo vivido naquele espaço adquira significados para os seus projetos de vida individual e coletivamente.

Os jovens referidos aqui são, em grande maioria, sujeitos que podem apresentar aspectos em comum. No decorrer da presente pesquisa, será traçado um perfil destes jovens, com o objetivo de identificarmos, por exemplo, a classe social na qual estão inseridos, se estes advêm de realidades onde a renda da família é retirada de atividades de trabalho no campo ou na cidade, se esse trabalho é assalariado ou não. Pensaremos, também, sobre o processo de escolarização dos mesmos. Será que esses jovens são acompanhados e incentivados à valorização dos estudos? As famílias participam da vida escolar desses sujeitos? Essas questões estarão postas em discussão diretamente com os jovens estudantes de Ensino Médio da ECI Jornalista José Leal Ramos.

Nesse contexto, é relevante pensarmos sobre os sentidos que a escola possui na vida desses jovens, refletindo, à luz de Bourdieu, sobre os conceitos de *habitus* e Capital Cultural que estabelecem uma continuidade entre cultura familiar e cultura escolar. Pensando naqueles estudantes que vêm de famílias com pouca ou sem escolarização, como será essa relação? Será ela um fator que possa vir a contribuir com o desinteresse pelas atividades estudantis ou, ao contrário, será esse um aspecto motivador na perspectiva do sentido que estes veem nos estudos em suas vidas?

De acordo com Dubet (2003), após a década de 60, todas as grandes pesquisas e as grandes teorias desenvolvidas pela Sociologia da Educação demonstram obstinadamente e colocam em evidência o peso dos processos de seleção escolar propriamente dita. Um sistema que seleciona, inferiorizando alguns em detrimento de outros. É o modelo da reprodução que se impõe globalmente, afirmando que, a massificação escolar não reduz as desigualdades escolares, que “reproduzem”, largamente, as desigualdades sociais. Quaisquer que sejam as nuances introduzidas nessa análise, o mesmo fato se impõe a todos, pois é a própria escola que opera as grandes divisões e as grandes desigualdades. O sistema está fechado. Abrindo-se, a escola não é mais “inocente” e nem é mais “neutra”; pois está na sua “natureza” reproduzir as desigualdades sociais que originam as desigualdades escolares. E numa sociedade em que significativa parcela economicamente ativa está desempregada, os mais desqualificados, do ponto de vista da escolarização, têm maiores chances de conhecer a exclusão social.

Numa escola de massa cada vez mais complexa e cada vez menos legível, esse mecanismo de tratamento e de aprofundamento das distâncias é reforçado por todos os

processos implícitos que organizam o “mercado” escolar. As desigualdades formais são explícitas e desviadas em prol de mecanismos que reforçam as desigualdades sociais e escolares. Segundo Dubet (2003), a geografia social da escola pouco a pouco se transformou, com a concentração dos problemas sociais nos bairros “difíceis” e nos municípios que possuem área rural, os locais “difíceis”, são os sítios. O autor diz que

Para que nos convençamos disso, basta observar rapidamente as transformações do vocabulário dos atores e da instituição. O problema das escolas e dos alunos “difíceis” se impôs, em poucos anos, como o ponto no qual se focaliza o conjunto dos problemas sociais: periferias, desemprego, imigração, delinquência, violência, abandono escolar. No vocabulário dos atores, o aluno proveniente da classe operária foi substituído pelo aluno difícil e com dificuldade, que é definido menos por sua situação de dominação do que por sua exclusão. Os professores mudaram o vocabulário: as crianças do povo para as quais a escola deveria assegurar a igualdade de oportunidades são substituídas pelos alunos das regiões “sensíveis”, que é importante integrar à sociedade. Lá onde se via um filho de operário, se vê um “caso social”...Em resumo, a escola transformou-se e transformou suas representações com a emergência do problema da exclusão. (DUBET, 2003, p. 37).

O fato desses jovens, que vivem em contextos semelhantes ao descrito acima, estarem sempre submetidos à provas que exigem grandes desempenhos, pode acabar provocando a divisão entre os “bons” e os “difíceis”, os “interessados” e os “desinteressados” e, conseqüentemente, os que estarão fadados ao “sucesso” ou ao “insucesso”. Deve-se buscar meios, estratégias de minimizar essa separação, do contrário a escola estará ainda mais distante daquele público que mais necessita dela, os que não encontram sentido nela, atuando apenas para aqueles que tem bem definido o papel que tal instituição ocupa nos seus projetos de vida.

No cotidiano escolar, verifica-se esse espaço de interações, com demarcações de identidades e estilos, que tornam-se visíveis na formação dos mais diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora dela. É nesse sentido que podemos verificar que o jovem busca pela afirmação de sua identidade, seja de maneira individual ou coletiva, levando em consideração essa dimensão da diferença. Muitas vezes, o jovem busca ser diferente para se destacar, com o intuito de ser reconhecido ou fazer parte de um certo grupo. No entanto, a comunidade escolar (professores, funcionários, gestores), muitas vezes, nega e deixa de assegurar o direito de manifestação das culturas juvenis e os percebem a partir dos mais diversos estereótipos.

De fato, estereótipos são construídos e perpetuados, o que determinam o julgamento que fazemos dos outros e, em determinadas circunstâncias, é atribuído um valor diferenciado ao indivíduo.

Devemos refletir sobre como as experiências escolares podem reforçar imagens estereotipadas e preconceituosas nos alunos, bem como se estes fatores podem vir a contribuir para a evasão escolar ou mesmo para uma perda de sentidos em relação aos estudos. Estas questões devem orientar o nosso olhar sobre a escola enquanto um espaço que socializa, mas também que segrega e gera violência.

O espaço escolar deve ser vivenciado enquanto um retrato de coletividades, em termos de aspectos regionais, políticos, econômicos, culturais, sociais, dotado de um caráter de diversidade e heterogeneidade, repleto de particularidades inerentes aos sujeitos e suas vivências, onde as problemáticas e anseios de cada um sejam levados em consideração e respeitados. Entendemos que, assim procedendo, evita-se um conjunto de problemas sociais que corroboram para, por exemplo, o abandono escolar que caracteriza práticas aparentes de exclusão, promovidas pelos agentes que são responsáveis por desenvolver estratégias didáticas para a inclusão desses sujeitos no espaço escolar, no intuito de minimizar práticas que ferem os direitos de cada ser humano.

A partir do reconhecimento das diferenças, os sujeitos percebem não pertencerem aos mesmos grupos e a desvinculação desse indivíduo do convívio dos agrupamentos nos recorda a discussão de Goffman (1988), em sua obra **Estigma**. O autor nos mostra que o estilo de vida se faz pela observação de suas regras e valores, daí a necessidade de exibi-los constantemente, por isso, não convém aos seus membros estarem na presença dos “outros”, os “de fora”, que “sujam” a legitimidade daquilo que professam. Como nos mostra Lima Filho (2014), o indesejado é excluído. No cotidiano escolar, percebemos esse ato através de brincadeiras como “tirar onda”, difamação, ou mesmo violência física. Aquelas situações que no dia a dia escolar acabam passando despercebidas ou, mesmo sendo vistas, nem sempre são reparadas. Assim, alunos ou grupos de alunos, por apresentarem características ou aptidões diferentes, são excluídos de parte do processo educacional.

Essas manifestações de processos de exclusão que acontecem no contexto escolar, devem constituir uma preocupação para os envolvidos na área (Professores, Gestores, Coordenadores...), no sentido de buscar mecanismos de enfrentamento para essas situações de segregação e violência, haja vista os danos que podem causar aos sujeitos que são vitimados por tais condutas. É importante analisar o contexto da escola e o papel do ensino médio na vida desses sujeitos, sob as suas próprias percepções, dando-lhes oportunidades democráticas de defesa de seus pensamentos, das suas falas, de suas perspectivas de vida, e trabalhar com essas falas no sentido de procurar sanar algumas das consequências trazidas por esse mal, como o

afastamento dos agrupamentos, desmotivação pelas atividades escolares, evasão ou abandono à sala de aula.

Destarte, cabe à escola desenvolver estratégias que viabilizem garantias de um tratamento digno a cada jovem/aluno, no sentido de possibilitar um ambiente livre de violência e com condições de integrar-se à comunidade escolar como um todo, bem como estabelecer relações harmônicas, livres de violência e ensiná-los a participarem efetivamente do processo educacional, enquanto verdadeiros protagonistas de tal processo.

Mediante os dilemas que resultam dessas situações, precisamos propor e assegurar aos jovens um ambiente escolar onde os seus direitos não sejam negados e nem feridos, onde as diferenças não os classifiquem em inferiores e superiores, onde suas vozes não sejam caladas e onde suas experiências sejam, além de respeitadas, levadas em consideração e, conseqüentemente, que os estereótipos que pressupõem situações de preconceito sejam quebrados, permitindo, assim, que entendamos o próprio modo de ser, de agir e de pensar desses sujeitos.

2.5 JUVENTUDE (S) E ENSINO MÉDIO

Consideramos válida uma reflexão, no sentido de compreendermos sobre como se deu o acesso à educação no país e, em especial, aqui na região semiárida do Nordeste brasileiro, onde se percebe que, historicamente, esse acesso foi negado à muitas gerações, trazendo como conseqüências um número alto de pessoas analfabetas, bem como a saída dos jovens que residiam nas zonas rurais e nas cidades de interior para os grandes centros da região Sudeste, principalmente, em busca de empregos e do sustento próprio e de suas famílias.

Era bastante comum que os jovens esperassem apenas atingir a maior idade (18 anos) para migrarem para outra região do país, na expectativa de que estes conseguissem obter sucesso, o que nem sempre acontecia. Tal fenômeno provocava o esvaziamento dos “sítios” e de pequenas cidades dessa região, bem como a superlotação nas grandes cidades e, principalmente, o crescente índice de desempregados.

Segundo Castro (1997), as discussões sobre os modelos e propostas para o Ensino Médio se organizam em torno de dois eixos. Para o autor

As discussões em torno de modelos e propostas para a reorganização da escola de nível médio, seja na sua variável acadêmica ou técnica, têm sido pautadas pela busca de respostas a dois grandes desafios. Por um lado, como promover a expansão do atendimento sem abrir mão da qualidade, fazendo frente ao explosivo crescimento das matrículas. Por outro lado, como conciliar as múltiplas funções atribuídas ao secundário, entre as quais a qualificação para o mercado de trabalho e a habilitação para o ingresso no ensino superior, num contexto de rápidas transformações tecnológicas e exacerbada competitividade determinada pela globalização econômica. (CASTRO, 1997).

Isso põe em questão não apenas o crescimento no número de matrículas nessa fase do ensino, mas, principalmente, a qualidade deste, que segundo Goulart et al. (2006) deve se orientar a partir de seis principais dimensões, sendo estas: caracterização socioeconômica e cultural dos alunos, o papel do Estado, especialmente no que se refere à elaboração e à implementação de legislação, políticas e programas, a infraestrutura do sistema de ensino e seus impactos na aprendizagem, a gestão escolar, a organização didático-pedagógica, o papel do professor e, por fim, o aluno, como peça-chave do processo educacional.

No contexto dos jovens pesquisados, há algo em comum entre suas vidas e a das gerações passadas, que é a importância que é dada ao trabalho, geralmente encarado como questão de sobrevivência, que significa “ganhar dinheiro”, práticas pelas quais os jovens podem assegurar a obtenção de alimentos, ajudar na renda familiar e ter poder de consumo.

Para os jovens, ter carro, moto, celular ou roupas de marca é muito importante, até mesmo para a sua aceitação em certos grupos, algo que influencia bastante na formação da identidade juvenil. Dessa forma, a busca por essa aquisição de bens materiais se torna algo que atrai e compete com o período de escolarização desses jovens. A “independência”, em parte, está atrelada a tal fato e a busca por essa independência financeira constitui uma “concorrência” forte para os jovens, que em alguns casos preferem estar no mercado de trabalho a estarem na escola.

Como destacou Dayrell (2007), a escola precisa entender que, muitas vezes, é preciso modificar-se para atender ao conjunto diversificado e sempre renovado de interesses juvenis, Dayrell (2007) diz que

Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. Demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma

sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino. (DAYRELL,2007, p. 1125-1126).

De maneira geral, podemos afirmar que o universo escolar configura-se para muitos jovens por uma ambiguidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir um mínimo de credencial para pleitear um lugar no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que supre uma possível falta de sentido que encontram no presente.

Como afirma Dayrell (2007), a Escola deve ser estruturada, também, a partir de investigações sobre o sentido da escola para as juventudes, posto que

[...] Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (DAYRELL,2007, p.1106).

Considerar que os estudantes de ensino médio público têm como perspectivas ou horizontes somente a entrada no mercado de trabalho, limita a escola ao repasse daquilo que pode ser considerado o mínimo necessário para uma inserção precoce e precarizada. A recente reforma do ensino médio⁶, proposta pelo ex-presidente Michel Temer, através de uma Medida Provisória, estrutura-se a partir desta visão, pois ao estabelecer, como um dos itinerários formativos, a formação profissional, legitima-se um processo de desigualdade social, que impõe a milhões de jovens brasileiros a finalização da educação básica como sendo o ideal a ser conquistado para inserir-se no mercado de trabalho, secundarizando a importância ou o desejo destes jovens de ingressarem no ensino superior.

Embora a escola não possa proporcionar todas as experiências importantes e necessárias à constituição da juventude, já que estes aprendem em diversos outros ambientes tais como o familiar, esta deve ter o compromisso de assegurar o mínimo de vivências que fortaleçam e imprimam significados às práticas juvenis, visando, principalmente, a realização de projetos de vida para além da mínima reprodução da própria existência. Segundo Pereira e Lopes (2016),

⁶ A Reforma do Ensino Médio se baseia no Projeto de Lei de Conversão 34/2016 oriunda da Medida Provisória 746/2016, de autoria do presidente Michel Temer. Entre as mudanças previstas estão a implementação do ensino em tempo integral, aumentando de maneira progressiva a carga horária para 1.400 horas anuais e a alteração na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A previsão é que a lei entre em vigor no ano após a conclusão dos debates a respeito da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Além disso, o governo passa a permitir que profissionais com “notório saber” possam dar aulas de conteúdos de áreas relacionadas à sua formação, mas sem a exigência de uma licenciatura.

[...] não se trata mais de manter a escola como um local apenas do conhecimento, isto é, no domínio dos conteúdos, mas de idealizar e oferecer uma escola que valorizará formas de organização nas quais prevaleçam a integração social, a convivência entre diferentes, o compartilhamento de culturas, o encontro, a solidariedade entre as pessoas e sua formação, além de um ensino que possibilite a todos se apropriarem dos conhecimentos produzidos ao longo da história, de modo que cada indivíduo em particular possa objetivar-se enquanto um ser humano pleno, histórico e social. (MOURA apud PEREIRA; LOPES, 2016, p. 210).

Entender o que os jovens desejam é pensar em uma escola diferente, é acreditar na possibilidade de que a escolarização de ensino médio possa contribuir no sentido de contrapor-se a uma lógica de dominação que não só inibe o pensar diferente, mas que limita a possibilidade de pensar que o futuro possa ser diferente.

É necessário pensarmos em uma concepção de juventude que vai além da ideia e da representação, de um período de transitoriedade da vida. Conforme Dayrell (2003), busca-se romper com tal marca presente na escola, que tem o sujeito que a frequenta apenas como um “vir a ser”, negando o presente vivido e as relações estabelecidas por ele no espaço escolar e em outros espaços. É preciso entender as juventudes como uma categoria social que pode estar relacionada a uma condição geracional, plural, que compreende a diversidade de condições em que os jovens se apresentam e produzem identidades múltiplas (SILVA, 2013).

Se a escola não estiver atenta ao seu principal público, essa juventude estudante, continuará errando, pois

[...] o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber que ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta. (DAYRELL, 2007, p. 1117).

Com isso a escola perde a confiança desse jovem e, em consequência, perde o sentido para estes, posto que

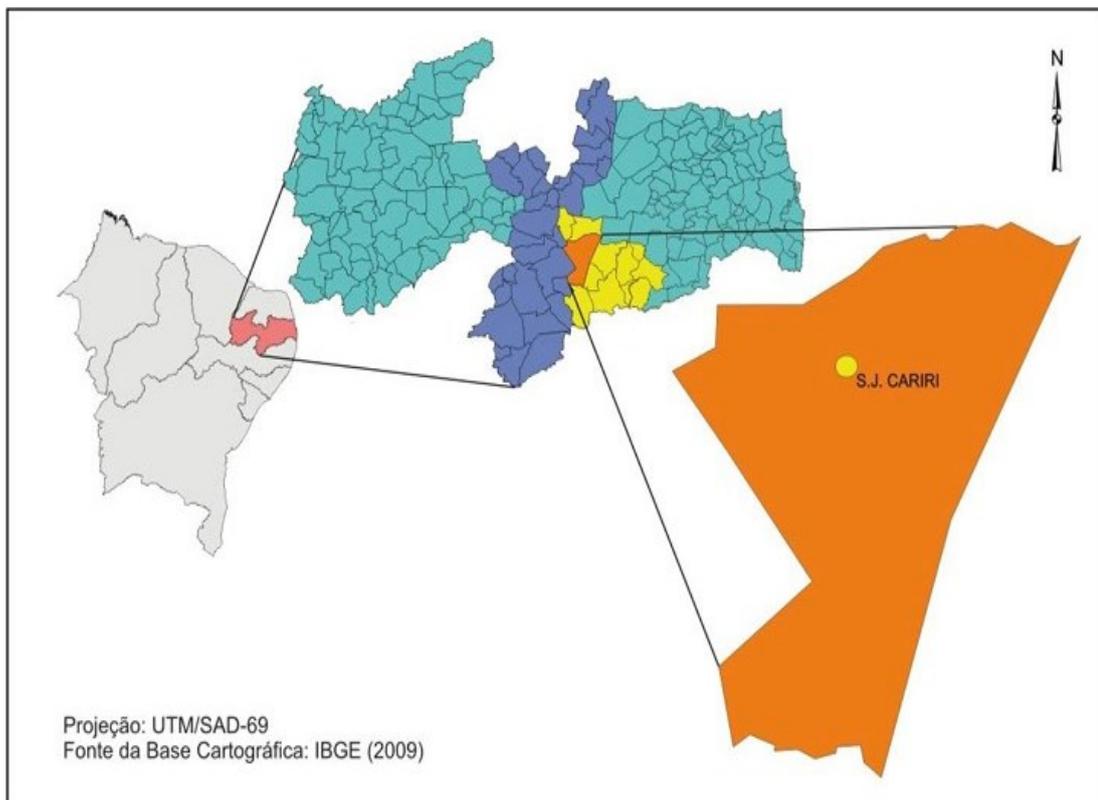
A juventude se constitui como um momento delicado de escolhas, de definições, no qual o jovem tende a se defrontar com perguntas como: “pra onde eu vou?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?”, questões estas cruciais para o jovem e diante das quais a escola teria de contribuir de alguma forma, no mínimo na sua problematização. (LEÃO; DAYRELL; REIS 2011, p. 257).

Conhecer essas juventudes é uma forma de buscarmos compreender as suas visões acerca do papel que tem a escola para as suas vidas, bem como se consideram importante ou não terem acesso garantido ao Ensino Médio.

3 PERFIL DOS JOVENS DE ENSINO MÉDIO, ESTUDANTES DA ECI JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS: QUEM SÃO?

A parte prática da presente pesquisa teve como *lôcus* uma Escola da rede estadual, que oferta os níveis de ensino Fundamental e Médio, a ECI (Escola Cidadã Integral) Jornalista José Leal Ramos, situada no município de São João do Cariri – Paraíba, microrregião geográfica do Cariri Oriental.

Mapa 1 - Representação geográfica da área onde será realizado o estudo.

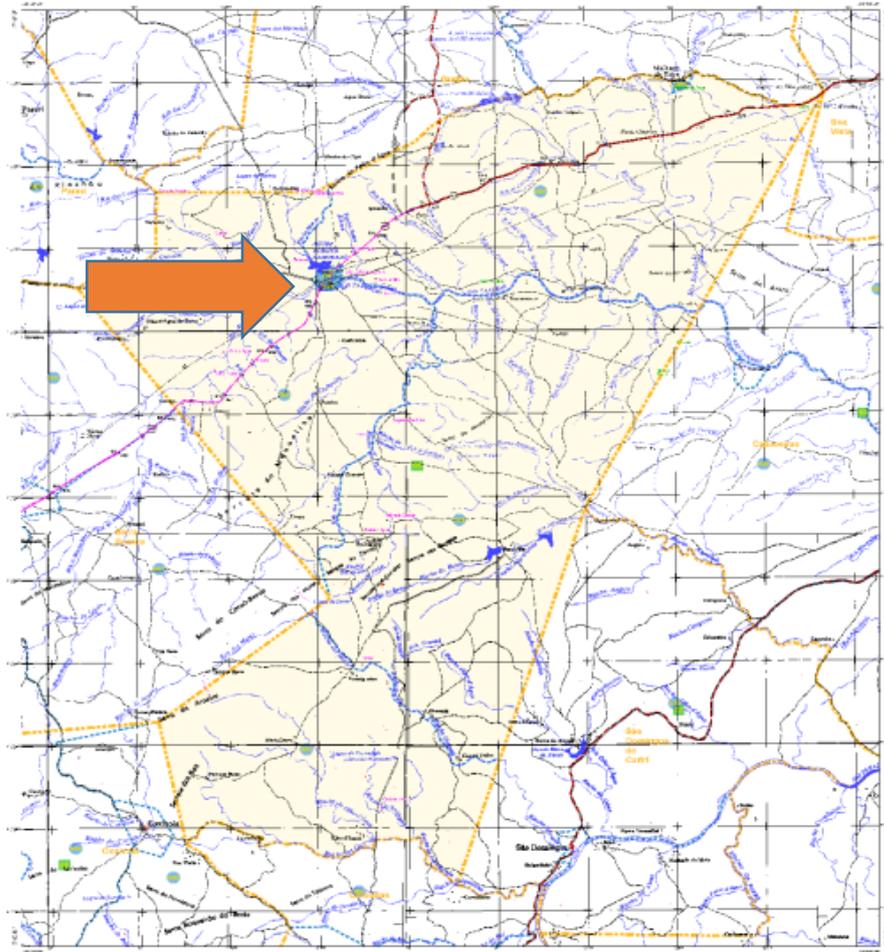


Fonte: Base Cartográfica: IBGE (2009).

De acordo com o Portal Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) ⁷(2010), atualmente, o município de São João do Cariri apresenta uma área de 653,094 km², cuja distribuição espacial pode ser melhor compreendida no Mapa que apresentamos a seguir:

⁷ Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) foram os oito objetivos internacionais de desenvolvimento para o ano de 2015, que foram estabelecidos após a *Cúpula do Milênio das Nações Unidas* em 2000, após a adoção da *Declaração do Milênio das Nações Unidas*. Todos os 191 Estados membros da ONU na época e pelo menos 22 organizações internacionais, comprometeram-se a ajudar a alcançar os seguintes Objetivos de Desenvolvimento do Milênio até 2015: 1. Erradicar a pobreza extrema e a fome; 2. Alcançar o ensino primário

Mapa 2 - Distribuição espacial do município de São João do Cariri - PB.



Fonte: IBGE, 2010.

O Mapa acima apresenta a distribuição do espaço do município de São João do Cariri. A parte que se encontra circundada por uma linha pontilhada na cor laranja compreende as zonas rurais e a urbana. A área da cidade é apenas essa que está sendo indicada no mapa por uma seta. A análise desse mapa nos faz perceber que, o município de São João do Cariri apresenta uma área rural muito extensa em relação a área da zona urbana.

Em relação a cidade onde se realiza a pesquisa, apresentamos considerações acerca do que observamos enquanto “pequenas cidades” ou aquelas que têm um número de habitantes inferior a 20.000. Segundo Wanderley (2001), “as pequenas cidades, com população inferior a

universal; 3. Promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres; 4. Reduzir a mortalidade infantil; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental; 8. Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) procuraram formas de inserir a busca por esses Objetivos em suas próprias estratégias. O esforço no sentido de incluir vários desses Objetivos do Milênio em agendas internacionais, nacionais e locais de Direitos Humanos, por exemplo, é uma forma criativa e inovadora de valorizar e levar adiante a iniciativa. Para acompanhamento municipal dos ODMs, foi organizado o Portal ODM (<http://www.portalomdm.com.br/>), que O propicia um serviço de acompanhamento de indicadores por estado e por município, para todos os oito ODMs

este limite, não integrariam propriamente o “sistema de cidades”, sendo consideradas como “não-urbanas”. (Wanderley, 2001).

Nesse sentido, Mueller (1996) refere-se às pequenas cidades do Nordeste como “centros locais”, que estão “em última posição na escala hierárquica das cidades” e que “fornecem apenas bens e serviços simples para as cidades sem centralidade e zonas rurais tributárias.” Tal situação acarreta em uma situação de dependência dos centros maiores, para poderem satisfazer suas necessidades.

De acordo com o Censo de 2010 do IBGE, a sua população é composta de 4.344 habitantes, sendo que 2.347 destes residem na cidade e 1.997 moram no campo. Ou seja, a maioria de sua população habita a menor parte daquele território (a sede) e a minoria mora na maior área do município (o campo). Dos 4.344 habitantes, 2.120 são do sexo masculino e 2.224 do sexo feminino.

No tocante aos aspectos naturais, o município de São João do Cariri é caracterizado por um clima do tipo Semiárido (Bsh), quente e seco, com chuvas de verão irregulares. A temperatura média se mantém elevada, em torno de 25°C, apresentando um quadro de pluviosidade baixa, entre 250 e 800 mm por ano e umidade relativa do ar em torno de 70%. O período chuvoso, geralmente, se estende de fevereiro até maio.

A vegetação da área é do tipo Caatinga hiperxerófila, que tem como principal característica as folhas modificadas em forma de espinhos (acúleos), espinhos e suculência. De modo geral, a vegetação desse lugar tem sofrido bastante com a ação antrópica ou humana. A degradação do solo e grandes áreas desmatadas são facilmente percebidas na paisagem e os principais fatores dessa degradação são a agricultura, a pecuária e o extrativismo vegetal provocado, na maioria das vezes, pelo desmatamento, queimadas, pela inovação nas técnicas produtivas, a mecanização e a utilização de insumos e até mesmo de agrotóxicos, visando melhorar a produtividade e diminuir as perdas por causas naturais e isso tem provocado significativos impactos no meio ambiente.

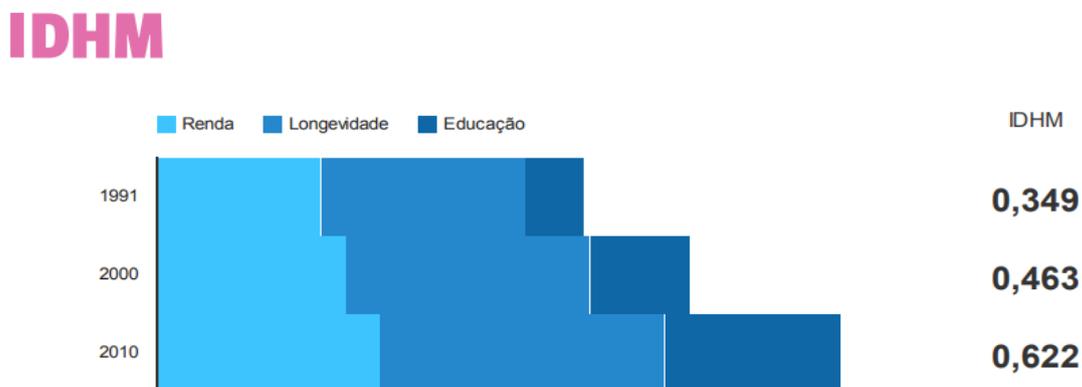
No que diz respeito à vida animal da região, esta é constituída, basicamente, por espécies de pequeno porte, destacando-se a presença e diversidade dos répteis. De modo geral, a fauna nativa encontra-se escassa, sobretudo pela utilização humana dos recursos faunísticos. Embora a utilização seja mais acentuada sobre as espécies exóticas, a exemplo dos caprinos e bovinos, a ação antrópica tem ocasionado a diminuição de sua biodiversidade.

Os aspectos econômicos do município de São João do Cariri constituem-se, basicamente, pelo desenvolvimento das atividades produtivas ligadas à agricultura, à pecuária, o comércio e a prestação de serviço público.

No município, entre os poucos espaços de participação dos jovens nas manifestações artísticas e culturais, destacam-se a Filarmônica e Fanfarra municipal. Vários jovens participam das mesmas. São poucos os espaços públicos de lazer e a quase totalidade deles está voltada para as atividades esportivas. No espaço urbano, as quadras esportivas existentes nas escolas e o campo de futebol público municipal são os mais movimentados. No que diz respeito ao espaço rural, as possibilidades de divertimento são ainda menores. Em algumas comunidades existem campos de futebol improvisados e em outras poucas existem quadras esportivas.

Nesse contexto, é importante mencionar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁸. Conforme o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013)⁹, vemos que o município de São João do Cariri apresentou um IDH positivamente progressivo nos anos de 1991 (0,349), de 2000 (0,463) e de 2010 (0,622), situado na faixa de desenvolvimento humano médio, como nos mostra o Gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Índice de Desenvolvimento Humano do Município de São João do Cariri – PB (1991, 2000 e 2010).



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013.

⁸ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados do PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida), de expectativa de vida ao nascer e de educação, recolhidos em nível nacional. Cada ano, os países membros da ONU são classificados de acordo com essas medidas. O IDH também é usado por organizações locais ou empresas para medir o desenvolvimento de entidades subnacionais como estados, cidades, aldeias, etc. O índice foi desenvolvido em 1990, pelos economistas Amartya Sen e MahbubulHaq, e vem sendo usado desde 199, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no seu relatório anual.

⁹ O Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios traz indicadores de população, educação, habitação, saúde, trabalho, renda e vulnerabilidade, com dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

No âmbito educacional, tendo em vista ser a educação um dos critérios levados em consideração para análise do IDH, o município conta com apenas um estabelecimento que oferece o Nível Médio de ensino no período diurno, a ECI – Escola Cidadã Integral Jornalista José Leal Ramos. A mesma escola conta com o nível médio de ensino, ofertado no turno noturno, na modalidade Educação para Jovens e Adultos (EJA). Portanto, todos os jovens do município, independente do lugar onde residam, cidade, sítios ou distritos, que busquem estudar durante o dia, se encontram, enquanto, estudantes nessa instituição.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO *LÓCUS* DA PESQUISA

A ECI Jornalista José Leal Ramos pertence a 5ª Gerência Regional de Educação (5ª GRE)¹⁰, com sede no município de Monteiro, PB. No ano de 2019, a escola atendeu a 255 alunos, sendo 152 na modalidade integral, 92 da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 11 na Unidade Prisional, advindos tanto do perímetro urbano quanto da zona rural.

A instituição está localizada no bairro Alto do Cruzeiro, s/n. à direita da PB- 148, na saída para Parari - PB. O nome da Escola é uma homenagem póstuma ao jornalista José Leal Ramos, pelo fato deste ter sido uma pessoa preocupada com os aspectos educacionais do município, sendo o fundador da 1ª Escola de Ensino Regular de 5ª a 8ª Série no município, conhecida como Escola da Comunidade, que depois passou a ser chamada de Cenecista Cariri.

A Escola José Leal Ramos foi criada pelo decreto Nº 9692/82, de 27 de outubro 1982, entrando em funcionamento no mês de março de 1988. Atualmente não funciona mais no mesmo prédio em que começou seus trabalhos, onde fica a atual escola Nossa Senhora dos Milagres, mudando-se em 2001 para um prédio novo, construído pelo governo do Estado.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, uma pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer um pouco mais da realidade dos educandos, bem como de seus familiares e um dos primeiros aspectos enfocados foi o econômico, tendo em vista traçar um perfil socioeconômico das famílias do alunado. Foram levados em consideração aspectos ligados ao trabalho e renda das famílias e também as questões de gênero.

10 Endereço: Rua Poeta Pinto do Monteiro, 80 – Quinta da Bela Vista, Monteiro, PB. / CEP: 58550000

Quadro 1 - Profissão das famílias.

| Profissão dos pais | Percentual | Profissão das mães | Percentual |
|---------------------------|-------------------|---------------------------|-------------------|
| Agricultor | 85(45,9%) | Agricultora | 75 (42,4%) |
| Outras | 34(18,4%) | Funcionária pública | 42(23,7%) |
| Funcionário público | 29(17,7%) | Doméstica | 33 (18,6%) |
| Pedreiro | 16(8,6%) | Outras | 23(13%) |
| Motorista | 11(6%) | Diarista | 4 (2,2%) |
| Agropecuária | 10(5,4%) | - | - |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Jornalista José Leal Ramos (2019).

De acordo com os dados, percebe-se que há um grande número de pessoas que trabalham na agricultura, somando 45,9% dos homens e 42,4% das mulheres. Tais dados expõem o fato de que o município ainda está muito atrelado economicamente às atividades rurais, uma vez que, os demais setores não apresentam um desenvolvimento significativo. O setor público emprega a segunda maior parcela das famílias, contabilizando 17,7% dos pais e 23,7%. Os dados revelam a importância do setor público na composição da renda.

Entre os pais, se destaca um elevado percentual de outras atividades que não foram elencadas na pesquisa, totalizando 18,4%. Já entre as mães, este índice cai para 13%. No que diz respeito às demais ocupações diagnosticadas, vê-se que parte dos pais desenvolvem outras profissões tais como pedreiro (8,6%), Motorista (6%) e agropecuarista (5,4%). As mulheres se destacam em outras profissões tais como domésticas e diaristas, respectivamente com 18,6 e 2,2%.

A renda familiar oriunda dessas atividades acima analisadas compõe o próximo objeto de reflexão.

Quadro 2 - Renda familiar.

| Renda familiar | Percentagem |
|----------------------------|--------------------|
| Menor que um salário | 39 (21,7%) |
| Um salário | 74 (41,1%) |
| Maior que um salário | 34 (18,9%) |
| Entre dois e três salários | 20 (11,1%) |
| Maior que três salários | 10 (5,6%) |
| Sem renda | 3 (1,7%) |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Jornalista José Leal Ramos (2019).

A pesquisa mostrou que 62,8% das famílias recebem renda até um salário mínimo, que, atualmente, é de R\$ 1.045 (Um mil e quarenta e cinco reais), subdividindo-se em 21,7% que recebem menos de um e 41,1% que recebem um salário mínimo. Apenas 1,7% declararam não ter renda.

As rendas salariais acima de um salário mínimo encontram-se em 18,9%. Já aquelas acima de dois salários apresentam forte contraste. As famílias que possuem esse rendimento somam 16,7% do total, sendo ainda menor a porcentagem dos que recebem acima de três salários, representando 5,6%.

Tendo em vista um diagnóstico dos aspectos educacionais das famílias, também buscou-se saber seu grau de escolaridade. Mais uma vez, objetivou-se particularizar os dados entre o grau de escolaridade da mãe e do pai.

Quadro 3 - Nível de escolaridade das famílias.

| Nível de escolaridade mãe | % | Nível de escolaridade do pai | % |
|----------------------------------|-----------|-------------------------------------|-----------|
| Ens. Fund. Incompleto | 84(45,9%) | Ens. Fund. Incompleto | 96(54,2%) |
| Ens. Fund. Completo | 28(9,5%) | Ens. Fund. Completo | 19(10,7%) |
| Ens. Médio Incompleto | 19(6,3%) | Ens. Médio Incompleto | 5(2,8%) |
| Ens. Médio Completo | 21(7%) | Ens. Médio Completo | 19(10,7%) |
| Superior Completo | 13(4,3%) | Superior Completo | 9(5,1%) |
| Superior Incompleto | 2(1%) | Superior Incompleto | 2(1,1%) |
| Não estudou | 27(9,2%) | Não estudou | 27(15,2%) |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Jornalista José Leal Ramos (2019).

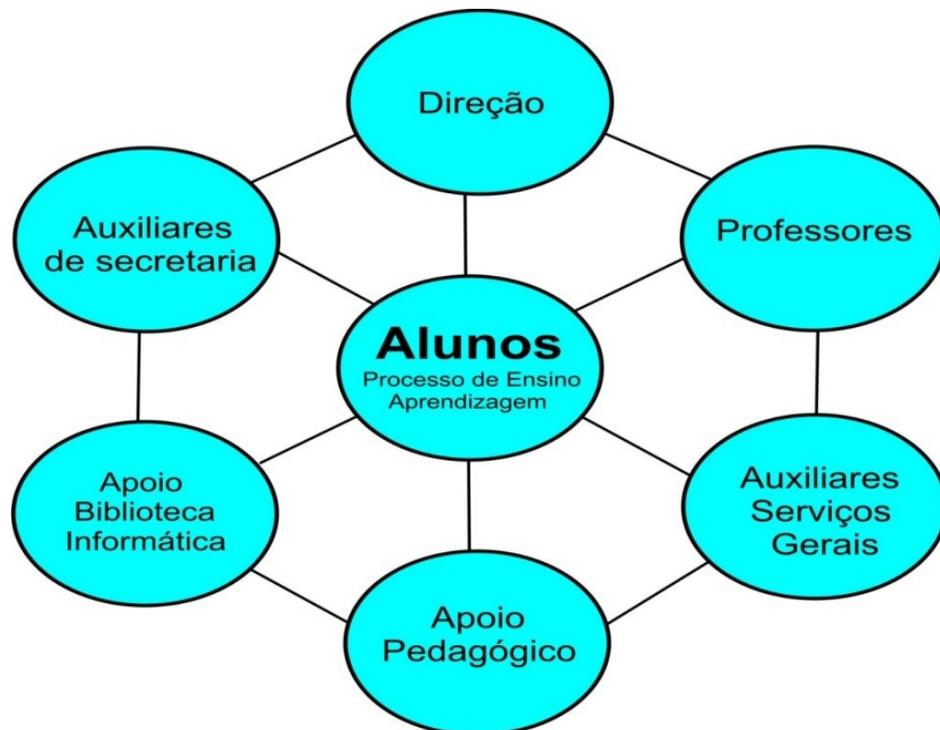
Como visto, as famílias apresentam um perfil educacional com uma concentração grande de pais e mães com Ensino Fundamental e Médio incompleto, totalizando 45% das mães e 54,2% dos pais. Os resultados acerca de níveis mais elevados de ensino para as mesmas pessoas envolvidas na pesquisa baixam bastante, à medida em que se aprofunda no conhecimento. Os pais e mães que possuem o Ensino Médio Completo totalizam,

respectivamente, 10,7% e 7%. Menor ainda são os números dos que possuem o Curso superior, sendo 4,3% das mães e 5,1% dos pais. Os que ainda estão cursando este nível somam 1% das mães e 1,1% dos pais.

Pelo resultado da pesquisa, é possível perceber que o nível de escolaridade dos pais é baixo. Quase a metade dos pais não concluiu o Ensino Fundamental. Uma pequena parcela apresenta níveis mais avançados de estudo, o que pode contribuir para que esta configuração interfira nas condições de permanência dos filhos na escola.

Em relação a como está organizada a estrutura da escola em termos de pessoal, a composição de acordo com o PPP escolar, está descrita de acordo com o Organograma a seguir:

Organograma 1 - Quadro de pessoal da escola.



Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Jornalista José Leal Ramos (2019).

3.2 IDENTIFICAÇÃO DO PÚBLICO ALVO DA PESQUISA

A Escola Jornalista José Leal Ramos passou a ser denominada Escola Cidadã Integral (ECI)¹¹ no ano de 2019. Atualmente, ela possui um total de 237 alunos, sendo 35 alunos do Ensino Fundamental II, 118 do Ensino Médio, 78 da Educação de Jovens e Adultos e 06 da Educação na Unidade Prisional.

O público alvo dessa pesquisa foram os jovens estudantes do Nível Médio, que frequentam o Ensino Integral, que participaram de dois momentos da pesquisa. No primeiro momento, deu-se a aplicação de questionários, aplicados com 106 estudantes dos 116 (10 estudantes não estavam presentes no momento da aplicação). Em um segundo momento, houve a realização do grupo focal, definido por Gatti (2005, p. 8) como um bom instrumento de levantamento de dados para a investigação em Ciências Sociais e Humanas, contudo, o seu uso deve ser criterioso e coerente com os objetivos do estudo. Tal grupo realizou-se com a participação de 18 estudantes, sendo selecionado um número aproximado de 3 de cada cinco turmas.

3.3 PERFIL DOS JOVENS/ESTUDANTES

Os sujeitos analisados na presente pesquisa são jovens estudantes do Ensino Médio, que apresentam determinadas características comuns ao grupo como um todo, mas que apresentam, também, singularidades que nos mostram o caráter de diversidade presente nas realidades do cotidiano escolar.

De acordo com o estabelecido na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 208, § 1º, a Educação escolar obrigatória é direito público subjetivo, sendo da competência e da responsabilidade do Estado e da família garantir a esse público o cumprimento de tal direito, não cabendo, portanto, ao Executivo o poder de escolher sobre sua oferta ou não, ou ainda alegar de dificuldades que impeçam que ela ocorra. Os dispositivos dessa lei asseguram, assim, a exigibilidade do direito.

¹¹ De acordo com a LEI Nº 11.100, 06 de abril de 2018. Autoria: PODER EXECUTIVO ESTADUAL cria o Programa de Educação Integral, composto por Escolas Cidadãs Integrais – ECI, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas – ECIT e Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas - ECIS e institui o Regime de Dedicção Docente Integral – RDDI e dá outras providências. Disponível em: [www.al.pb.leg.br › uploads › 2018/04 › DPL-12.04.2018](http://www.al.pb.leg.br/uploads/2018/04/DPL-12.04.2018). Acesso em 20 de Janeiro de 2020.

De acordo com Silva (2019), a década de 90 impôs que se envidassem esforços para garantir a universalização do Ensino Fundamental, alçado a obrigatório dos 6 aos 14 anos pela Lei nº 10.172/2001 (BRASIL, 2001), que estabelecia o Plano Nacional de Educação 2001-2011. Atendida a ampliação do acesso e da permanência nessa etapa, o final dos anos 2000 trouxeram a possibilidade de que se projetasse um novo alargamento do direito. É o que faz a EC (Emenda Constitucional) nº 59/2009, firmando a obrigatoriedade escolar dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos.

Buscamos, nessa pesquisa, conhecer um pouco mais sobre o perfil dos jovens que estão matriculados e frequentam as salas de aula desse nível de ensino no referido município, visando compreender o que estes pensam acerca do papel da escola para suas vidas. De um total de 116 alunos matriculados no ensino médio, estavam presentes na escola e responderam aos questionários 106 estudantes, 10 alunos estavam ausentes no dia das aplicações e por esse motivo não participaram da pesquisa.

A maior parte dos jovens que frequentam o Ensino Médio da ECI Jornalista José Leal Ramos e que responderam os questionários da presente pesquisa são do sexo feminino. Dos 106 jovens, 60 são do sexo feminino e 46 são do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 14 e 20 anos. Os dados nos mostram que um número muito pequeno de alunos, nessa modalidade de ensino, encontra-se em situação de distorção idade/série¹², fato que era muito comum na referida escola até o ano anterior, antes da escola passar a oferecer um ensino integral.

Os alunos que se encontram fora da faixa etária para a série, geralmente, buscam frequentar a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) que é ofertada pela mesma escola no turno da noite, e apresenta características diferenciadas da escola de ensino regular, características distribuídas em “ciclos¹³”, tendo como público alvo, além de alunos que estão em situação de distorção idade/série, aqueles estudantes que trabalham e por isso cumprem carga horária de trabalho durante o dia e estudam no turno da noite.

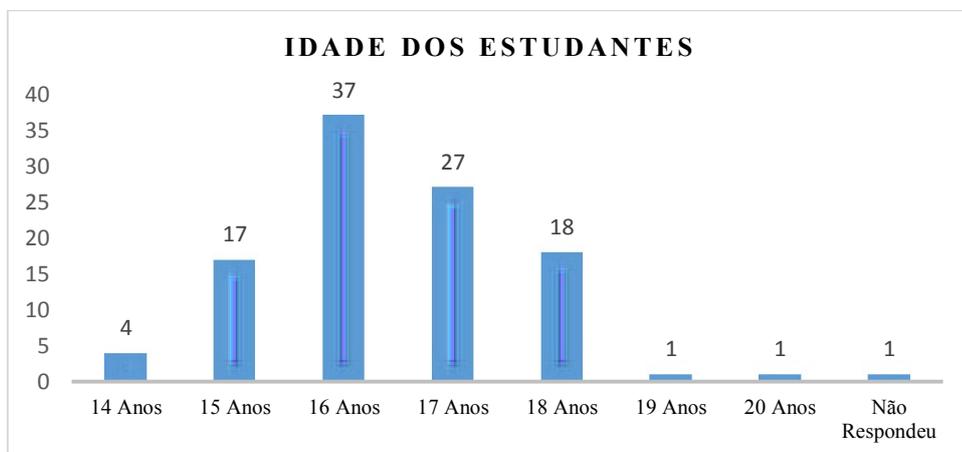
¹² Pela legislação que organiza a oferta de ensino no país (Lei 9.394/1996), a criança deve ingressar aos 6 anos no 1º ano do ensino fundamental e concluir a etapa aos 14. Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, o jovem deve estar matriculado no ensino médio. O valor da distorção é calculado em anos e representa a defasagem entre a idade do aluno e a idade recomendada para a série que ele está cursando. O aluno é considerado em situação de distorção ou defasagem idade-série quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais.

¹³ A Educação de Jovens e Adultos é ofertada na rede estadual de ensino, a partir da regulamentação da 030/2016-CEE-PB, que define sua organização em ciclos e atende jovens e adultos com idade mínima de 15 anos (Ensino Fundamental I), 16 anos (Ensino Fundamental II) e 18 anos (Ensino Médio). O estudante precisará ter a idade mínima de acesso a EJA, já no ato da matrícula. Sua divisão vai do ciclo I ao VI e cada ciclo terá a duração de um ano letivo completo.

O gráfico abaixo nos mostra a distribuição do número de alunos de acordo com as suas respectivas faixas etárias. O maior número deles têm 16 anos, idade daqueles que geralmente estão cursando o segundo ano do ensino médio.

Do total de alunos que responderam sobre suas respectivas idades, 1 disse ter 19 anos e 1 disse ter 20 anos, idade que os levam a estar fora de faixa etária para o curso nesse nível de escolaridade, pois, geralmente, o aluno conclui essa fase de ensino com 17 ou 18 anos.

Gráfico 2 - Número de jovens por faixa etária.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

Como já foi citado anteriormente, a área do município de São João do Cariri, em grande parte, é composta pela zona rural, porém a prática de saída dos camponeses para a cidade provocou um crescimento significativo da taxa de urbanização do lugar, como podemos perceber analisando os dados do Gráfico que segue.

Quadro 4 - Urbanização do município de São João do Cariri.

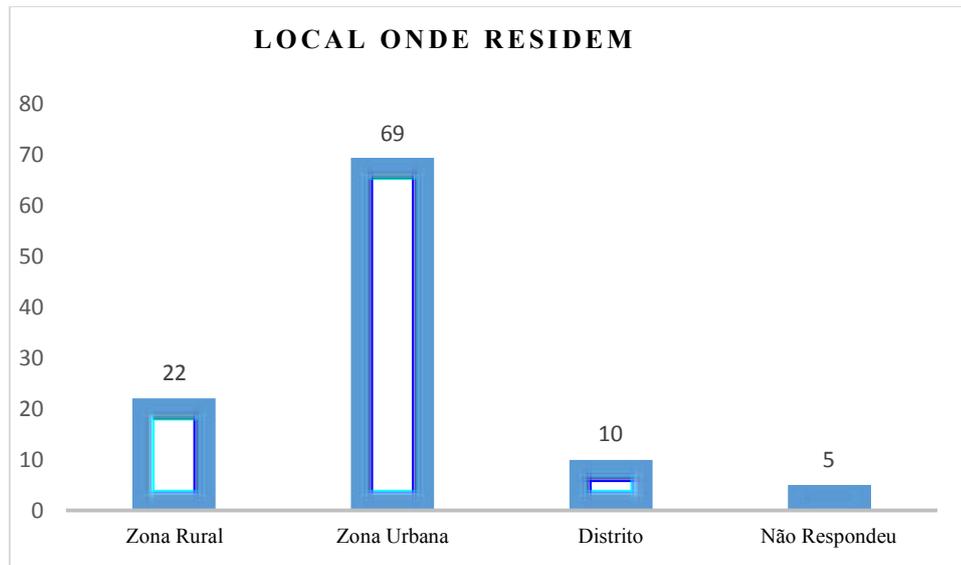
| População | População (1991) | %do Total (1991) | População (2000) | %do Total (2000) | População (2010) | %do Total (2010) |
|------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| População total | 3.706 | 100,00 | 4.515 | 100,00 | 4.344 | 100,00 |
| Homens | 1.774 | 47,87 | 2.200 | 48,73 | 2.120 | 48,80 |
| Mulheres | 1.932 | 52,13 | 2.315 | 51,27 | 2.224 | 51,20 |
| Urbana | 1.487 | 40,12 | 1.996 | 44,21 | 2.347 | 54,03 |
| Rural | 2.219 | 59,88 | 2.519 | 55,79 | 1.997 | 45,97 |
| Taxa de Urbanização | - | 40,12 | - | 44,21 | - | 54,03 |

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013.

É possível percebermos, analisando os dados acima apresentados, que essa taxa de urbanização teve um crescimento entre as décadas de 1990 e de 2010, quando mais pessoas deixaram suas moradias na zona rural e passaram a residir na zona urbana do município. Oliveira (2019) afirma que

[...]no ano de 1991, havia uma maioria de 732 pessoas vivendo no campo; no ano de 2000, esse número baixou para 523 pessoas; e em 2010, apresentou-se uma maioria de 350 pessoas morando na zona urbana daquele município. A partir dessa constatação, é importante procurarmos investigar o porquê de tanta evasão dos camponeses para a sede, uma vez que, como já dito, a área rural de São João do Cariri é maior do que a da sede, como mostra o mapa de sua distribuição espacial acima apresentado. (OLIVEIRA, 2019, p. 4, no prelo.).

O município de São João do Cariri conta com apenas uma escola que oferta o Ensino Médio para os seus munícipes, escola que pertence à rede estadual de educação, o que torna obrigatório que, independentemente do local onde residam, seja na zona urbana, nos sítios ou também no distrito, (de onde estes vêm para a escola trazidos por ônibus escolares) esses jovens ingressos no Ensino Médio passem por essa escola. Atualmente, o maior número é de moradores da cidade, o segundo maior número é de alunos que se deslocam dos sítios para estudarem na cidade e um número menor é composto de estudantes que vêm do distrito de Malhada da Roça, como demonstra o Gráfico a seguir.

Gráfico 3 - Local onde residem.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

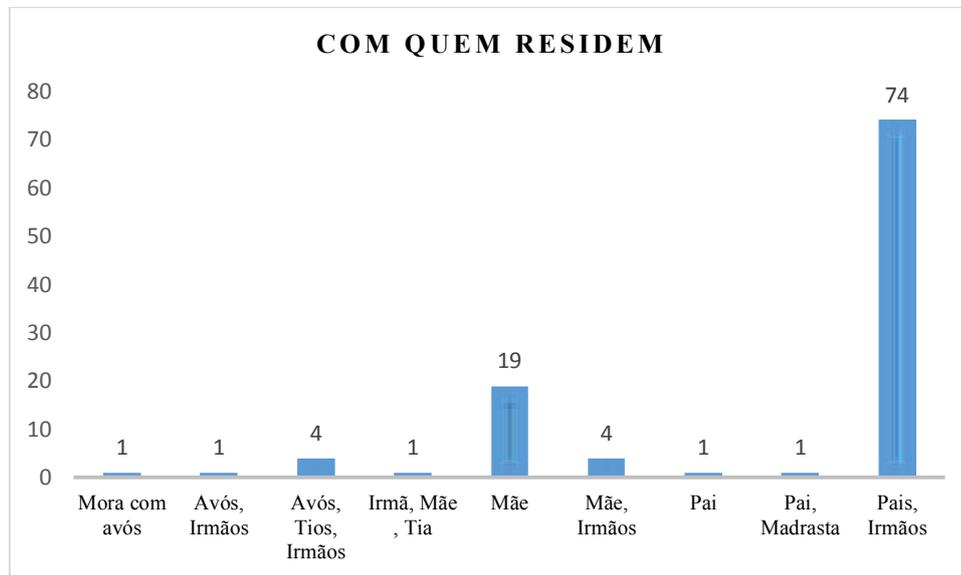
Em relação à distribuição dos estudantes por série/ano, há um equilíbrio entre o número de estudantes matriculados que responderam ao questionário. 38 são alunos de primeiro ano, 35 são alunos de segundo ano e 33 são alunos de terceiro ano. Observamos que as turmas de primeiro e segundo ano são divididas em duas (turma A e turma B). Apenas a turma do terceiro ano é única.

Dos jovens que responderam aos questionários, identificamos que todos (as) eles/elas disseram ser solteiros e nenhum (a) deles (as) têm filhos. Esses dados chamam atenção pelo fato de todos os estudantes serem solteiros e nenhum deles ter filhos, uma realidade nova, posto que sabemos que é comum recebermos no ensino médio jovens que já são pais ou mães, bem como jovens casados, realidade que esteve presente em anos anteriores em nossas salas de aula, o que nos faz pensar sobre as possíveis razões que expliquem tal fato. A princípio, salientamos a mudança da modalidade regular para integral, o que exige que o aluno esteja em aulas nos horários da manhã e da tarde. Esse fator pode ter contribuído como uma dificuldade de acesso a esse público.

Em relação à composição familiar, é certo que as estruturas familiares vêm sofrendo grandes mudanças com o passar dos anos. Apesar disso, o maior número de estudantes entrevistados, 74 destes, declararam morar com os pais e irmãos, modelo considerado tradicional. Mas outros desenhos familiares são presentes em seus contextos de vida, em especial, aqueles que são criados apenas com a mãe, bem como com a mãe e irmãos e um

número considerável de jovens apresenta essa realidade, como podemos perceber no Gráfico que segue.

Gráfico 4 - Familiares com quem residem.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

Isso nos propõe uma reflexão acerca das mudanças em relação ao papel da mulher nos últimos anos, quando esta passa a ocupar espaços que antes eram, de certa maneira, invisibilizados, nos quais a mulher era responsável pelos ensinamentos e cuidados, mas não era tida como responsável pelo sustento dos filhos, função que era restrita à figura paterna, masculina.

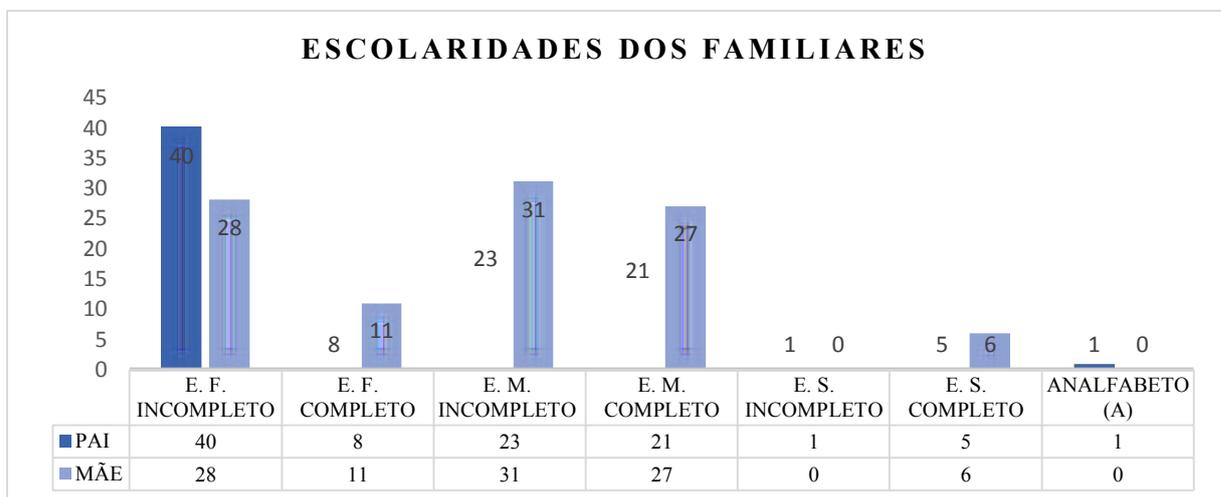
Vale salientar que, muitos jovens de gerações passadas vivenciaram essas realidades por causa do contexto em que viviam. A migração foi muito presente entre os nordestinos, que iam para a região do Sul ou Sudeste. Muitos homens precisaram migrar para em busca de trabalho. Muitos destes não conseguiam retornar e os filhos eram criados apenas pela mãe.

A análise do gráfico em sequência visa identificar o grau de escolaridade dos pais e/ou responsáveis. Vimos que estes pertenceram à gerações com poucas oportunidades de frequentar^o regularmente a escola e a maioria deles não chegaram a concluir sequer o Nível Fundamental de ensino. Isso explica o crescimento nos dados referentes ao âmbito educacional apresentado pelo IDH do município, positivamente progressivo nos anos de 1991 (0,349), de 2000 (0,463) e de 2010 (0,622), que mostram que o acesso à Educação se deu aos poucos, ao longo das décadas, porém ainda encontra-se longe do almejado, haja vista que o número de pais com

Ensino Superior é ínfimo, pois o acesso para essas gerações anteriores foi muito restrito no tocante a esse nível de ensino.

Como mostra o gráfico que segue, a maior parte dos jovens que responderam ao questionário informaram que, os pais ou responsáveis possuem como nível de instrução apenas o Ensino Fundamental incompleto. Vale salientar que, em se tratando do Ensino Médio como etapa da Educação Básica, a LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) confere-lhe o sentido de direito fundamental, mas, contraditoriamente, não lhe assegura a condição de ser etapa escolar obrigatória. A ampliação da obrigatoriedade escolar passa a ser posta pela EC nº 59/2009, que inclui a faixa etária de 15 a 17 anos.

Gráfico 5 - Escolaridade dos pais ou responsáveis.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

O acesso ao Ensino Superior, historicamente, era restrito a quem pertencia à uma classe social de condições financeiras mais abastadas, o que dificultava e, muitas vezes, impedia os jovens das camadas populares de frequentarem o ensino em universidades. A política pública de expansão dessas instituições, que ocorreu na década de 90, possibilitou maiores oportunidades de acesso a esse nível de ensino. Um dos fatores determinantes para que isso acontecesse foi, sem dúvida, a implantação de políticas públicas que asseguraram a ampliação do direito à Educação, através da Constituição Federal.

Segundo Dayrell (2011), o jovem tende a viver o presente e esse tempo presente lhe mostra que o trabalho permite o acesso a uma renda decisiva, num momento em que o jovem busca uma autonomia financeira que lhe possibilite a realização de pequenos gastos capazes de lhe propiciar o acesso ao consumo e uma maior mobilidade exigida pelo trânsito social próprio de sua faixa etária. Uma renda possibilita a realização de desejos, independência e autonomia.

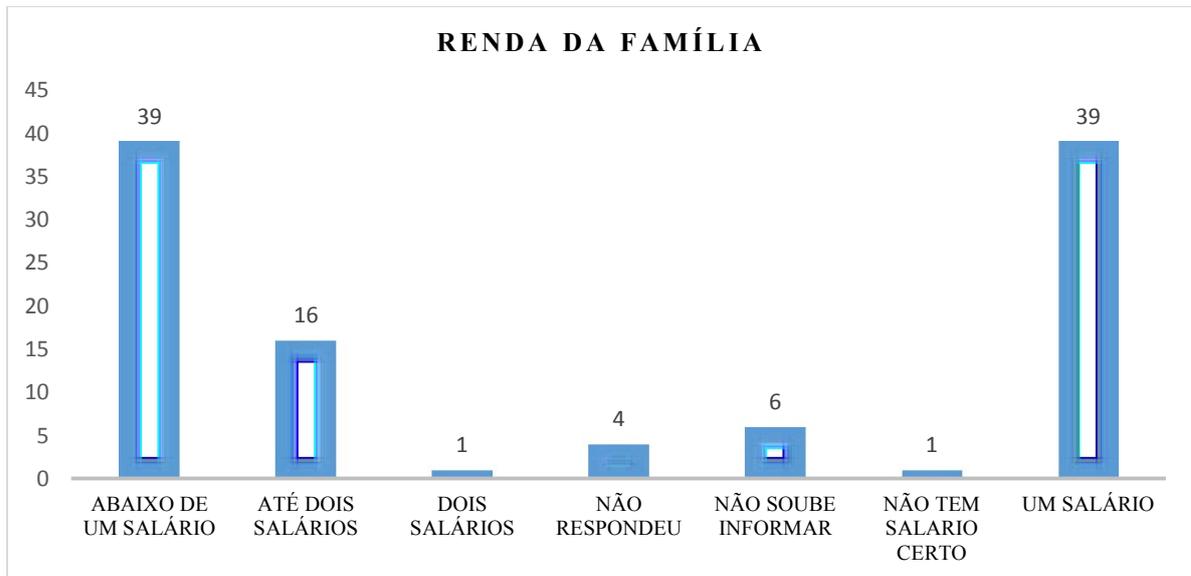
Pensar a realidade de um jovem que vive em um pequeno município é pensar que, essa possibilidade de realizar-se através de um trabalho que proporcione uma renda e, conseqüentemente, a possibilidade de ter desejos alcançados, apresenta alguns complicadores a mais, haja vista as poucas oportunidades de emprego, em especial, se este tiver que ser conciliado com a carga horária de estudos.

No que se refere às condições econômicas das famílias desses estudantes, a renda mensal fica entre menos de um salário e um salário mínimo. Poucos declararam ganhar mais do que isso, o que faz com que alguns alunos se evadam do Ensino Médio para poderem trabalhar e ajudar financeiramente nas despesas de casa, afinal, sabemos que há famílias que tem como única renda um benefício do governo, bolsa família¹⁴.

Um detalhe a ser observado no decorrer de realização dessa pesquisa é que, antes da escola se tornar integral, tínhamos muitos jovens que trabalhavam no contra-turno, em atividades como a agricultura e outras que geravam renda complementar para essas famílias, o que fez com que alguns deixassem essa modalidade de ensino, passando a estudar a noite na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Um número considerável de jovens respondeu que ainda realizam atividades em horas vagas, buscando uma renda extra. Os meninos dizem realizar essas atividades no campo, ajudando os pais. Já as meninas que moram na zona rural dizem ajudar nos afazeres domésticos e as meninas que moram na cidade realizam atividades como maquiadora, corte de cabelo, venda de joias, dentre outras.

No gráfico abaixo, podemos ter uma visão geral de como se dá a composição das rendas dos familiares dos estudantes.

14 O Bolsa Família é um programa de transferência de renda do Governo Federal para auxiliar as famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), o benefício atende mais de 13 milhões de famílias em todo o Brasil. Essa ajuda de custo contribui bastante para pessoas que não tem emprego fixo ou não o conseguem, mas precisam sustentar filhos, netos, etc. Em 2002 milhares de pessoas já eram beneficiadas por programas sociais como o Cartão Alimentação, Auxílio Gás e Bolsa Escola. O Bolsa Família foi criado para unificar esses diversos programas e organizar melhor os processos de serviços sociais para a população carente. A quantia a ser recebida por cada família é feita de acordo com a renda da mesma. O Bolsa Família foi criado para ser a solução para pessoas que vivem situações precárias, cuja renda não permite o alcance das necessidades básicas, direito de todo brasileiro e previstas na Constituição Federal, tais como: saúde, educação e transporte, por exemplo. O programa é de caráter nacional: União, estados, Distrito Federal e municípios atuam juntos visando a garantia do benefício das famílias. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.gov.br/>. Acesso em 20 de Dezembro de 2019.

Gráfico 6 - Renda familiar.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

Percebemos que a renda mensal das famílias de 39 estudantes é de um salário mínimo e a mesma quantidade de famílias sobrevivem com um valor mensal inferior a um salário mínimo. 16 estudantes disseram ter renda de até dois salários mensais, alguns não souberam informar e alguns não responderam a essa pergunta. Um deles disse não ter nem sequer um salário certo por mês.

Outro quesito contemplado no questionário foi a cor da pele dos estudantes. Próprios, Um fator interessante é que os dados que colhemos revelam que muitos deles negam ou escondem a sua cor e os seus traços negros. Dos 106 entrevistados, apenas 10 jovens responderam ser negros, quando na verdade, percebemos no convívio com esses jovens que o número é maior. Talvez pelo preconceito, muito arraigado historicamente em nossas relações, muitos deles preferem assumir-se como pardos, mesmo tendo as características da negritude em seu corpo. É certo que, um número maior de pessoas negras nas escolas, demonstra que a condição de acesso à educação vem apresentando mudanças ao longo dos anos.

Segundo a UNICEF¹⁵ (2012), uma das principais dificuldades referente à garantia do direito à Educação e que desafia os jovens brasileiros é, sem dúvida, a discriminação racial. Do

¹⁵ O Fundo das Nações Unidas para a Infância é um órgão das Nações Unidas que tem como objetivo promover a defesa dos direitos das crianças, ajudar a dar resposta às suas necessidades e contribuir para o seu desenvolvimento criando condições duradouras.

total de alunos excluídos da escola, a maioria são negros ou de cor parda. Esta discriminação não se manifesta apenas na dificuldade de acesso, mas também na continuidade da vida escolar.

Historicamente, as escolas estavam mais distantes da realidade desses sujeitos e até os dias atuais esses efeitos são sentidos por parte da população negra de nosso país. A média de anos de estudo da população negra é de 6,7 anos ante 8,4 anos de média da população branca. Essa diferença indica que as taxas de repetência e abandono escolar entre adolescentes negros são maiores que entre os brancos. É uma evidência de que a discriminação racial interfere de forma significativa no rendimento escolar dos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

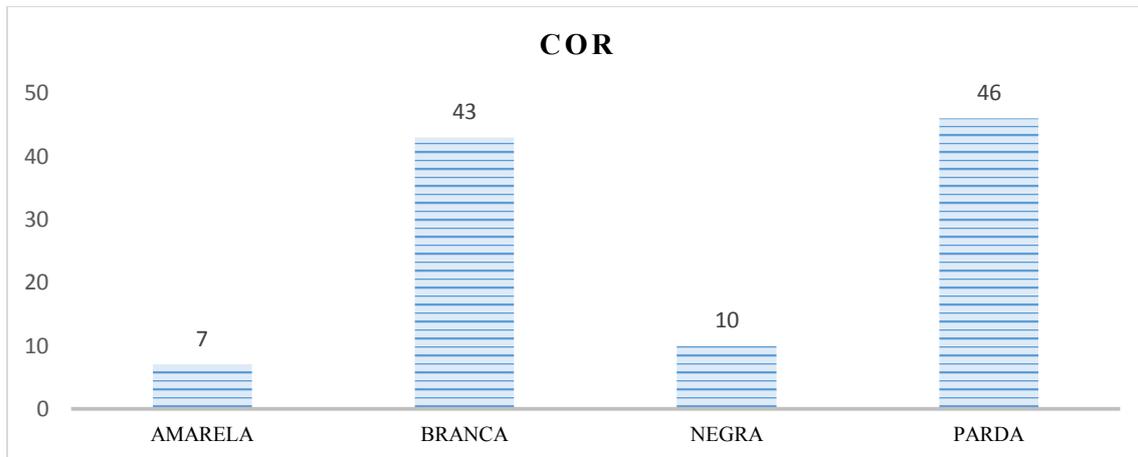
3.4 IDENTIDADE DOS JOVENS/ESTUDANTES

A cidade de São João do Cariri, no período de sua fundação, teve forte presença de escravos vindos da África. Haviam na cidade mercados de vendas de escravos destinados a trabalharem nas fazendas do município e ainda há uma grande presença de pessoas na cidade descendentes desses povos. Pequeno Filho (2017) afirma que

Quanto ao nosso objeto de pesquisa, o escravo, conseguimos catalogar no município de São João do Cariri 168 inventários, datados entre 1783 e 1843. Por meio deles, colhemos muitas informações importantes que nos levaram a conhecer melhor a vida social, econômica e política naquela época, período do recorte temporal. Cada documento foi lido e transcrito, enfatizando-se os dados que mais nos interessavam sobre os escravos, seus senhores e as relações entre os mesmos, destacando também a cultura material (os grandes e pequenos cabedais). (PEQUENO FILHO, 2017, p.123).

Determinados estereótipos contribuem para um “mascaramento” das verdadeiras identidades, o que também percebemos em relação a como se definem tais jovens no tocante à identidades de gênero. Dos 106 alunos entrevistados, 100 se dizem heterossexuais, porém em nossa convivência diária, sabemos que há um número bem mais elevado do que os cinco que se disseram homossexuais ou bissexuais. Isso nos leva a crer que o preconceito, ainda tão presente em relação às questões de gênero, contribui para uma negação dessa identidade.

O gráfico que segue nos mostra números aproximados em relação aos alunos que declararam serem pardos, totalizando 46 do total, os que disseram ser de cor branca somam 43 do total, seguidos de 10 jovens que se afirmam negros e 7 amarelos.

Gráfico 7 - Número de jovens por cor.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

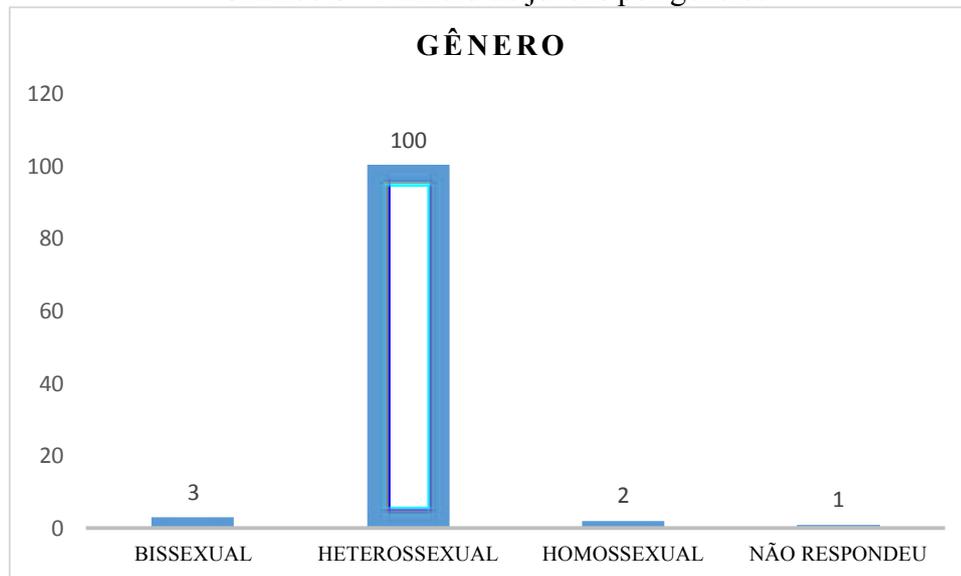
A visão preconceituosa em relação a quem foge do “modelo branco”, bem como do “modelo hétero”, ainda está muito presente na sociedade, seja nas relações familiares ou até mesmo na própria escola, fazendo com que os jovens se retraiam, podendo chegar a se excluírem das relações de interação com os demais membros da comunidade escolar.

Para Abramovay (2004), são diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade, desrespeitam e ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes, para quem é seu objeto, sofrimentos e revoltas que podem trazer consequências danosas à vida desses jovens. Geralmente, são legitimados por padrões culturais que cultivam, simbólica e explicitamente, hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade dita normal, a consentida, que não foge da ideia do “normal”. E o mais grave é que, muitas dessas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências.

Ainda de acordo com estudos de Abramovay (2004), este é:

Um tipo de violência pouco documentado quando se tem referência a escola, a homofobia, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais, sendo que, muitas vezes, os professores não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência. (ABRAMOVAY, 2004, p.277-278).

Vejam, de acordo com os dados do gráfico a seguir, como os estudantes se afirmam em relação ao gênero.

Gráfico 8 - Número de jovens por gênero.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

É relevante mostrar que avanços são percebidos de modo geral, afinal, não é fácil para os que se assumem, gays, sabendo o que podem enfrentar, considerando as realidades vivenciadas pelos sujeitos pesquisados, em um município pequeno onde, geralmente, as pessoas se conhecem e mantêm algum tipo de convivência, diferente de quem reside em grandes cidades onde as relações acabam sendo estabelecidas de maneira diferente, com um maior distanciamento.

Ainda persistem as visões preconceituosas acerca dos que possuem uma orientação sexual que não seja a tradicional. Nesse sentido, reforçamos o importante papel das instituições educacionais que devem ser mais ativas para não colaborar com a reprodução de preconceitos e discriminações, agindo na perspectiva de não calar-se diante do tema, construindo novos parâmetros e regras de relações sociais, pautadas em regimentos que visem à inclusão, à liberdade de expressão e o pleno respeito à diversidade.

No tocante às atividades responsáveis pela constituição da renda das famílias dos estudantes, foi observado que elas giram em torno de três eixos principais, sendo estes: as atividades agrícolas, o serviço público (municipal e estadual) e o comércio. Porém, grande parte das famílias precisam desempenhar mais de uma atividade para compor renda suficiente para os seus sustentos.

A principal justificativa para tal é o fato do município ser formado, em sua grande maioria, por pessoas que retiram da agricultura ou da pecuária o seu sustento. Mesmo que a

maioria das pessoas residam na cidade, elas ainda desenvolvem atividades na zona rural, em seus sítios, dos familiares próximos ou, ainda, trabalhando em fazendas que não são de suas propriedades, como meeiros ou com pedaços de terras arrendados.

Alguns deles complementam suas rendas com o acúmulo de tarefas, associando duas ou mais atividades, como nos mostra o gráfico. Alguns plantam, colhem e vendem e ainda criam animais para serem também vendidos, configurando uma renda composta de várias atividades. Também há famílias que não dispõem de rendas através das atividades mencionadas e alegam que se sustentam através do benefício social Bolsa Família, aposentadorias ou pensões.

Gráfico 9 - Atividade geradora de renda da família.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

A renda mensal das famílias, de certa forma, justifica o fato de que a grande maioria dos alunos que estudam na escola citada tenham cursado todo o período da educação básica em escolas da rede pública estadual ou municipal.

Um número muito pequeno de alunos diz ter estudado em escola particular, o que nos faz saber que, ou esse aluno estudou em outra cidade ou cursou apenas o Ensino Infantil nesse tipo de educandário, pois no município só há escolas particulares nessa fase de ensino.

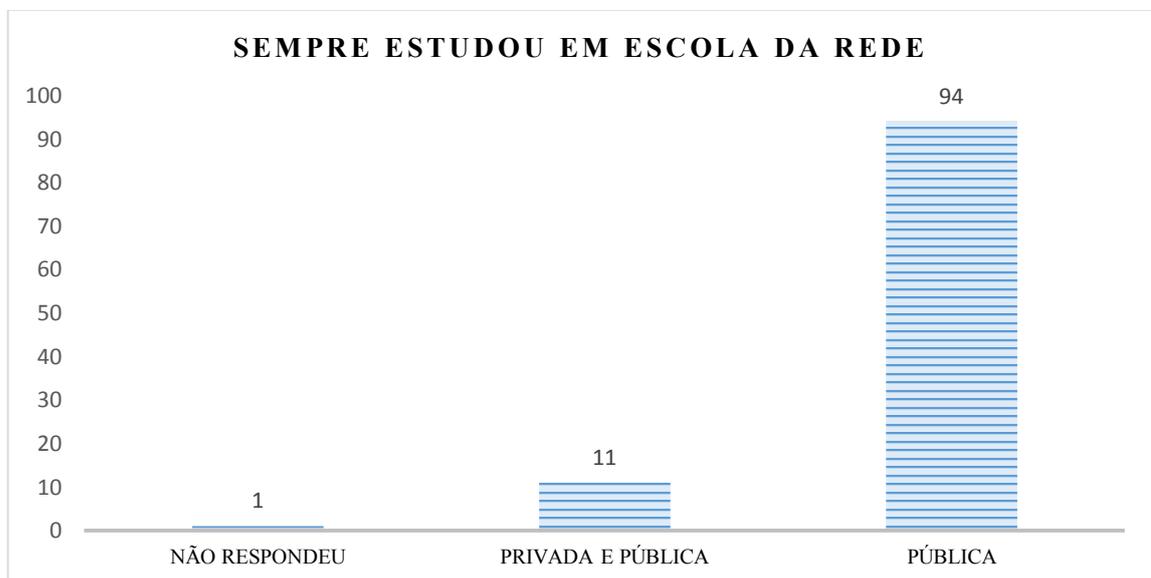
Nota-se que tal público está cursando esse nível de ensino por ele ser, hoje, considerado obrigatório, estando a sua oferta amparada na lei de ampliação do direito à Educação,

assegurada por meio da EC 59/2019, que garante esse direito aos jovens em idade compreendida dos 15 aos 17 anos.

Como aponta Silva (2019),

A expansão da obrigatoriedade escolar de quatro para oito anos, em 1971 (BRASIL, 1971), e o conseqüente aumento da inclusão educacional, ao longo dos últimos 30 anos, no Ensino Fundamental, que ampliou a conclusão da escolaridade nesta etapa, pressionou a ampliação do acesso ao Ensino Médio, o que passa a verificar-se a partir de meados da década de 1990. (SILVA, 2019, p. 13)

Gráfico 10 - Tipo de escola que estudou.



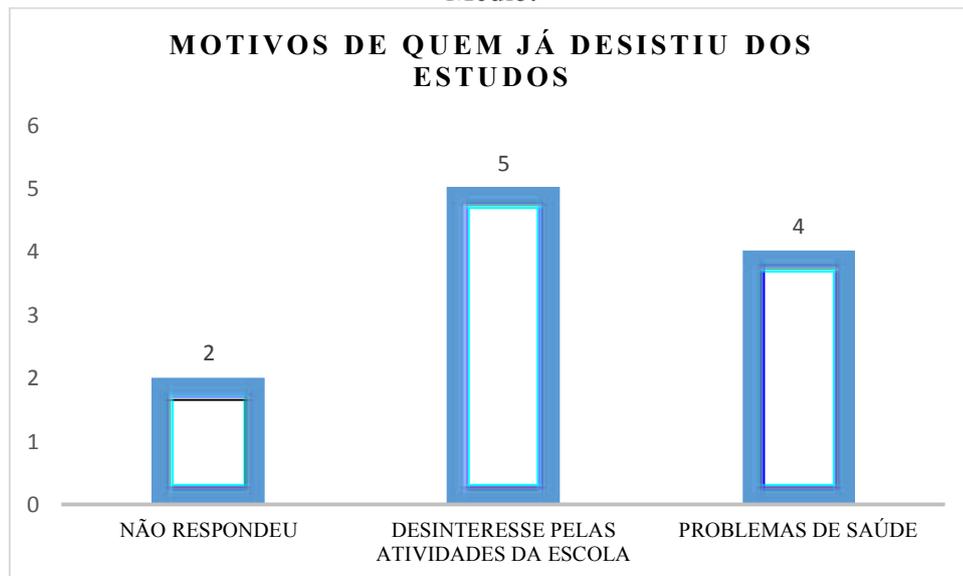
Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

De acordo com Silva (2019), essa ampliação do direito à Educação e, especificamente, ao Ensino Médio, denuncia um conjunto de tensões. Uma delas está no considerável crescimento da taxa líquida de matrículas no Ensino Médio, uma vez que, constatou-se em 2016, um número expressivo de jovens ainda sem qualquer vínculo escolar. Silva (2019) afirma que

Ao menos uma parte ingressou no Ensino Médio e desistiu. Observada a distribuição da matrícula pelos anos/séries, os dados mostram que o abandono escolar é expressivamente maior do primeiro para o segundo ano, se comparados com a passagem do segundo para o terceiro. Também a reprovação é fator de desistência e explica, ao menos em parte, o número de jovens de 15 a 17 anos que desistem da escola. O abandono escolar, nessa etapa da Educação Básica, foi da ordem dos 16% no país naquele ano, com maior incidência nas regiões Norte e Nordeste, e entre pretos e pardos (PNAD/IBGE, 2016) (SILVA, 2019, p. 11).

A presente pesquisa comprova a desistência dos estudantes nessa fase do ensino. Segundo os dados coletados a partir da aplicação dos questionários, 11 alunos do total de 106 entrevistados, disseram já ter desistido em algum dos anos, ao longo do Ensino Médio, mas resolveram retornar à escola no ano seguinte. A maioria deles apresentou como motivação principal para isso a falta de interesse pelos estudos, como demonstra o Gráfico em sequência:

Gráfico 11 - Motivos para já terem desistido em algum ano de estudo do Ensino Médio.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

3.5 PERCEPÇÃO DOS JOVENS/ESTUDANTES SOBRE O PAPEL DA ESCOLA

A maioria desses alunos também demonstra pretensões em dar continuidade aos seus estudos e o Ensino Médio seria a porta de entrada para os cursos do Nível de Ensino Superior ou de alguns cursos técnicos que possibilitam saberes mais específicos em determinado campo do conhecimento em um tempo de duração mais curto.

Porém, na instituição onde se deu nossa pesquisa, observa-se que, ao longo dos últimos anos, em especial, na última década, um número muito baixo de alunos, são aprovados pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM¹⁶). Esse número decresce a cada edição, e refletir

¹⁶ O Exame Nacional do Ensino Médio é uma prova realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, e foi criada em 1998. Ela é utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país, bem como possibilitar o acesso dos estudantes aos cursos de nível superior.

acerca deste fato se faz necessário. Será que estes números dizem respeito ao nível de ensino que vem sendo oferecido aos estudantes? Será que o aluno vem deixando de fazer a sua parte no tocante ao cumprimento de suas atividades letivas ou estas não estão sendo suficientes para alcançarem seu objetivo?

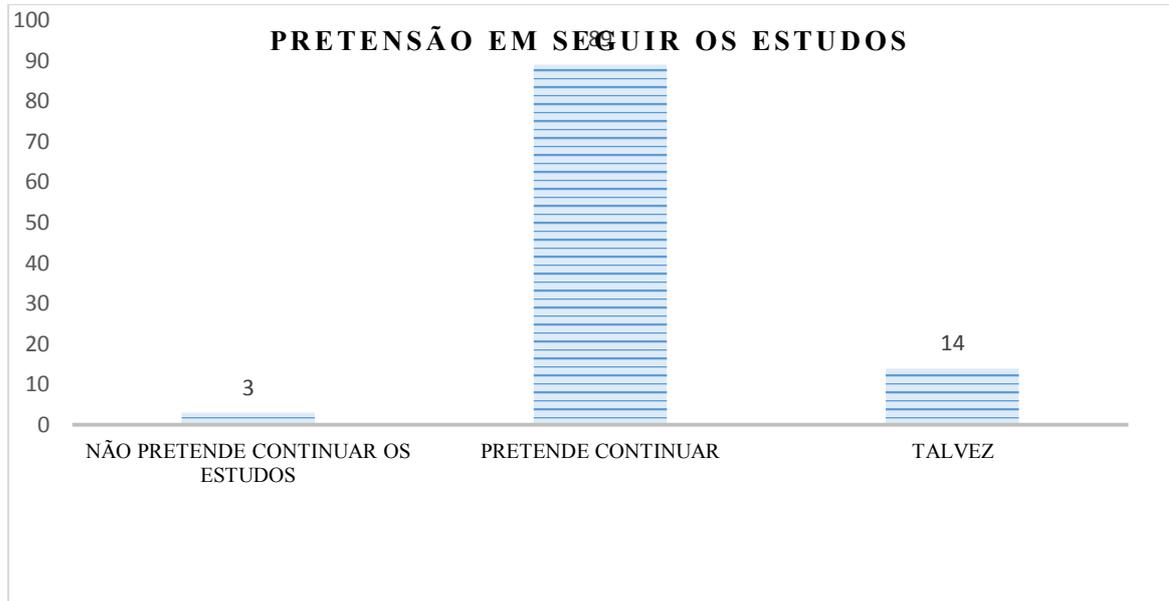
Outro fator a ser pensado e levado em consideração é o incentivo ou não das famílias nesse sentido (assunto abordado no próximo capítulo).

Atualmente, algumas políticas escolares favorecem o acesso ao ensino superior e possuem uma importância na diminuição das desigualdades sociais. O cenário educacional brasileiro, principalmente após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB no. 9.394/1996), tem sido inegavelmente marcado por políticas de incentivo ao prolongamento da escolarização que tentam neutralizar déficits sociais tais como a origem familiar economicamente frágil.

Bourdieu (2015), em sua obra **Os Herdeiros**, lembra, entretanto, que as condições para o sucesso escolar não são somente econômicas, mas também culturais. Entendemos o termo cultura enquanto algo inerente a todos os indivíduos e que não pode ser desconsiderada no ambiente escolar. A escola seria o “palco” onde se apresenta essa multiculturalidade, mas ela acaba encontrando dificuldades para conciliar suas práticas educativas com a diversidade cultural vivenciada pelos jovens.

Nos deparamos com tal realidade ao analisarmos os livros didáticos, posto que neles encontramos situações descontextualizadas do lugar de fala do aluno, das situações cotidianas desses indivíduos, quando a escola precisa estar atenta a esse universo, para que tal conhecimento seja assimilado pelo estudante.

Muitas vezes, os aspectos culturais levados em consideração estão muito distantes da realidade dos alunos e, algumas situações, a bagagem cultural desses alunos é vista sob uma ótica de mais ou menos importante que outras. A escola tem o papel de intermediar essa relação, permitindo o debate e a valorização da cultura de cada ser.

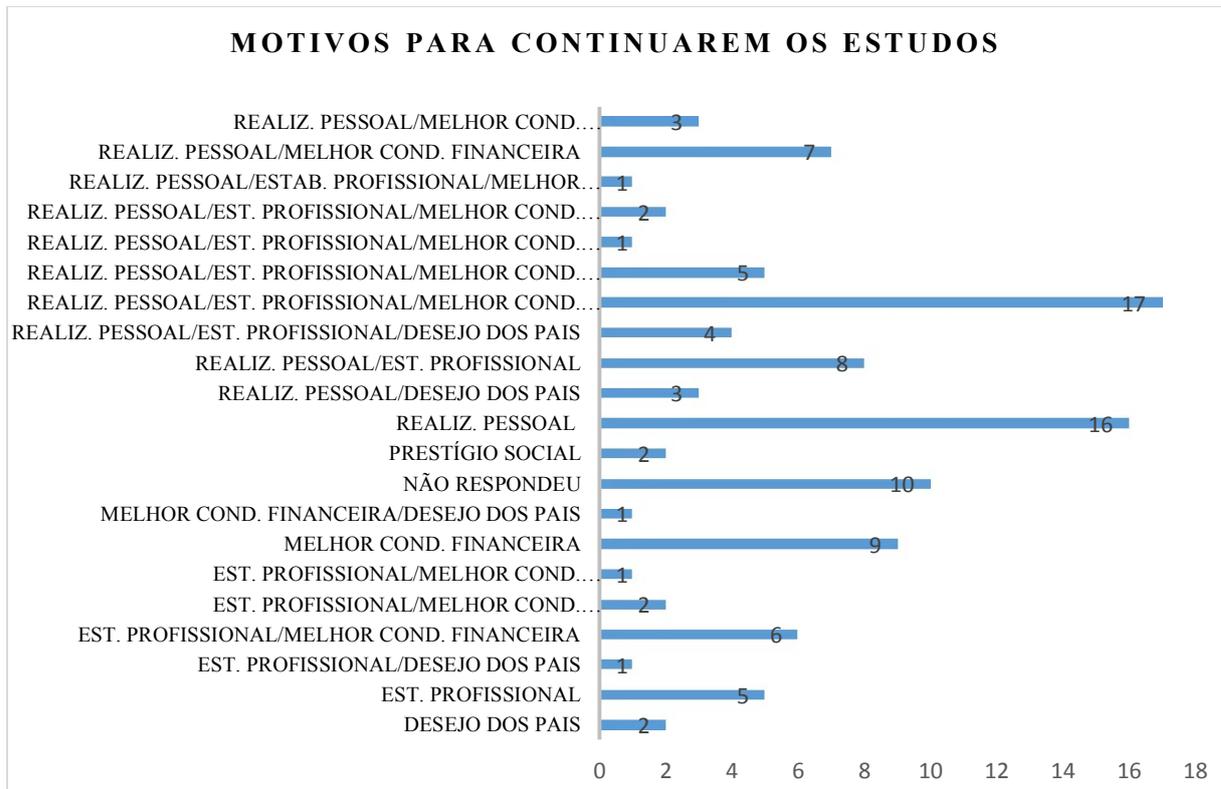
Gráfico 12 - Pretensão de continuar os estudos.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

De acordo com as informações do gráfico acima, 89 dos 106 alunos entrevistados disseram ter pretensões de dar continuidade aos seus estudos, 14 deles disseram estar em dúvida, pois talvez não queiram prosseguir nesse caminho e três jovens disseram ter interesses diferentes e não querem estudar futuramente, apenas concluir essa etapa de ensino.

Os motivos elencados pelos jovens para prosseguir estudando são diversos e acredita-se que a família possua um papel que influencia bastante nessa questão, dando motivação e liberando as/os suas/seus filhas e filhos para estudarem em casa, uma vez que, muitos, ao chegarem da escola, têm que colaborar em atividades junto com os pais. A maioria deles afirmou que continuar estudando representa lutar por sua realização pessoal, algo que tanto se valoriza nos dias de hoje. A busca desses jovens é por uma situação de vida que muitos dos pais não tiveram e a oportunidade de tê-la faz com que estes vislumbrem um projeto de vida que se diferencia daquele vivido pelos pais.

Uma estabilidade profissional e perspectivas de melhores condições financeiras fazem parte do ideal de vida de muitos deles e para conseguirem realizar seus projetos de vida, os jovens depositam muitas expectativas no Ensino Médio e na Escola. Muitos desses estudantes possuem mais escolaridade do que os próprios familiares. Alguns alunos assumem que o ideal de continuar estudando após o Ensino Médio se dá pelo desejo de realizar o sonho de parentes ou familiares.

Gráfico 13 - Motivos para continuarem os estudos.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

É importante mencionar que, a Escola, especialmente o Nível Médio de Ensino, encontra-se em um verdadeiro dilema, no que se refere a sua perspectiva de atuação, para Castro (1997)

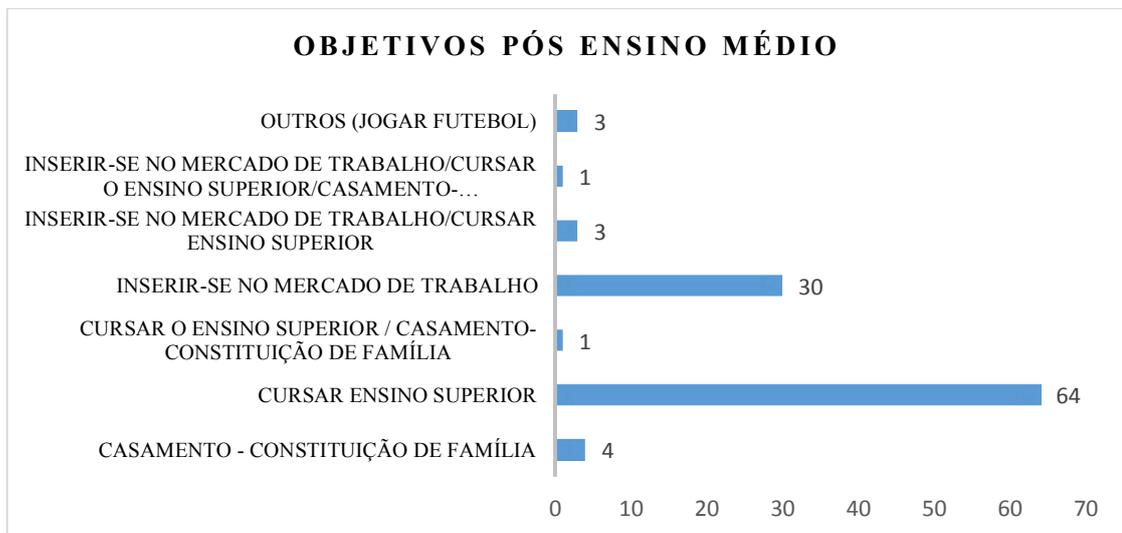
As discussões em torno de modelos e propostas para a reorganização da escola de nível médio seja na sua variável acadêmica ou técnica, têm sido pautadas pela busca de respostas a dois grandes desafios. Por um lado, como promover a expansão do atendimento sem abrir mão da qualidade, fazendo frente ao explosivo crescimento das matrículas, que praticamente dobraram nos últimos dez anos. Por outro lado, como conciliar as múltiplas funções atribuídas ao secundário, entre as quais a qualificação para o mercado de trabalho e a habilitação para o ingresso no ensino superior, num contexto de rápidas transformações tecnológicas e exacerbada competitividade determinada pela globalização econômica. (CASTRO, 1997, p. 87).

Por isso é tão importante entendermos o olhar do jovem sobre a escola e o sentido que eles lhe atribuem, para que possamos compreender as relações que eles estabelecem entre suas vivências escolares e os seus respectivos projetos de vida.

Talvez, o grande desafio dos sistemas de ensino seja organizar um programa curricular que consiga, ao mesmo tempo, formar os jovens para dar prosseguimento aos estudos e prepará-los para o mundo do trabalho, sem esquecer que essas duas dimensões refletem diretamente nas expectativas dos jovens.

Mendonça (2011), afirma que, atualmente, a escola não está em sua função ativa de emancipação humana, os sentidos são produzidos, mas os conteúdos estão distantes de uma formação que envolva “as capacidades humanizadoras dos sujeitos e que os torne capazes de desenvolver uma percepção adequada do meio à sua volta e de, conscientemente, nele agir para transformá-lo e, com isso, transformar-se” (MENDONÇA, 2011, p.352). E assim, os sentidos e significados da escola e do ensino médio vão sendo deixados de lado.

Gráfico 14 - Objetivos pós ensino médio.

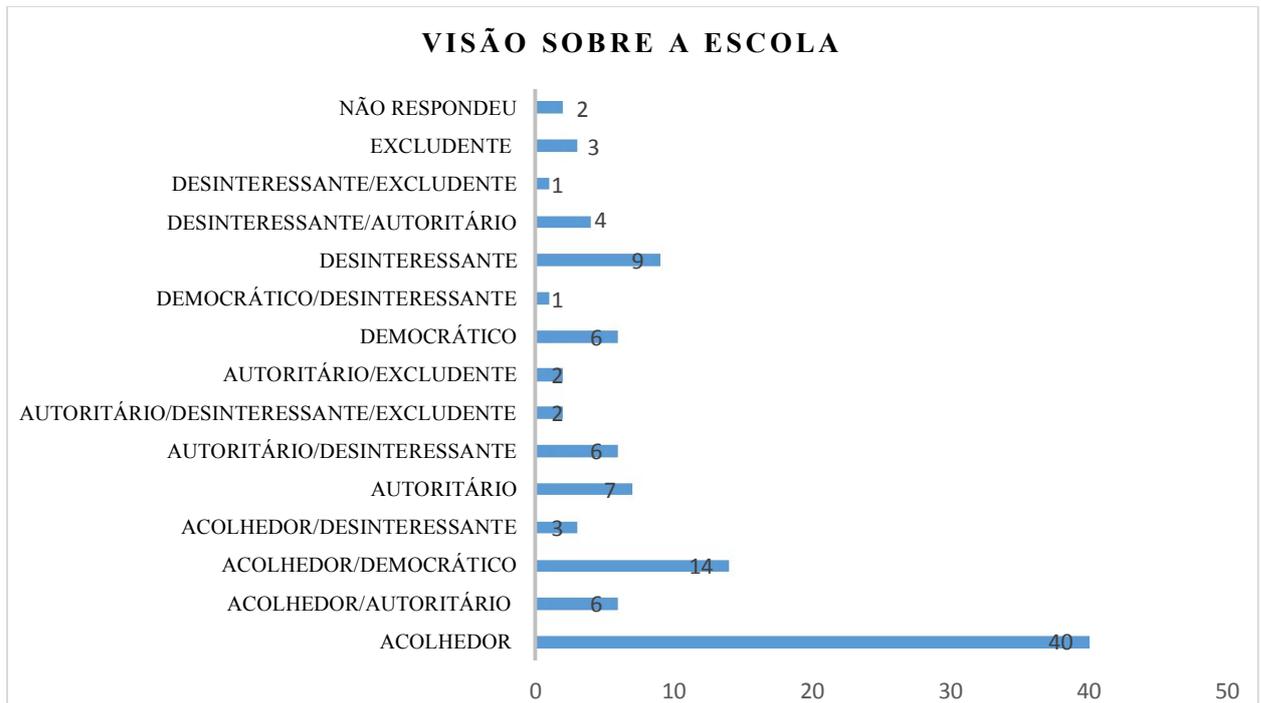


Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019

Cursar o Ensino Superior está entre as principais metas dos estudantes, seguido do desejo de inserir-se no mercado de trabalho, o que reforça os dilemas enfrentados nesse nível de ensino. Algumas possibilidades podem surgir, tais como o ingresso em cursos superiores ou cursos técnicos ou a busca por um trabalho que possibilite uma fonte de renda para o sustento próprio ou da família.

Apesar das dificuldades enfrentadas atualmente, a maioria dos jovens da escola pesquisada ainda a consideram como um ambiente que acolhe bem aos jovens enquanto uma instituição democrática. Todavia, muitos dos profissionais que atuam em meio à comunidade escolar não cumprem com esse papel em sua totalidade, o que provoca nos jovens algumas inquietações, já que estes os veem como figuras importantes para as suas formações.

No entanto, para alguns alunos, a escola ainda é vista como um ambiente autoritário, desinteressante e excludente.

Gráfico 15 - Os jovens e suas visões sobre a escola.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

A maior parte dos estudantes considera a escola como um espaço de socialização com o outro, voltado para o diálogo, cooperação e solidariedade, bem como para o cultivo e fortalecimento de vínculos afetivos. Para Dayrell e Jesus (2016), “apesar de todos os avanços sociais alcançados pela sociedade brasileira nos últimos anos, a questão da renda ainda permanece um forte fator de desigualdade social, que se explicita na exclusão escolar dos jovens” (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 410).

De acordo com a Sociologia da Educação de Bourdieu, os indivíduos herdam uma bagagem social que pode ser posta a serviço do sucesso escolar, categorias objetivas como o capital econômico, capital social e o capital cultural institucionalizado, bem como categorias subjetivas como o domínio maior ou menor da língua culta, as informações sobre o mundo escolar, dentre outros. Para Bourdieu (1989),

O “interesse” que um agente (ou uma classe de agentes) tem pelos “estudos” (e que é, justamente com o capital cultural herdado, do qual ele depende parcialmente, um dos fatores mais poderosos do sucesso escolar), depende não somente do seu êxito escolar atual ou pressentido (i.e., de suas chances de sucesso dado seu capital cultural), mas também do grau em que seu êxito social depende de seu êxito escolar (BOURDIEU, 1989, p. 393).

Gráfico 16 - Jovens que se sentem excluídos ou presenciaram exclusão.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

A maior parte dos jovens que responderam ao questionário não assumem que se sentem excluídos e nem afirmam ter presenciado colegas sendo vítimas de algum tipo de tratamento excludente. Mas, mesmo sendo a menor parte, alguns jovens admitem que vivem situações de exclusão e também presenciaram colegas sendo excluídos no espaço escolar, seja por parte de outros estudantes ou até mesmo por parte de funcionários e professores.

As justificativas apresentadas pelos próprios alunos demonstram o quanto ainda são presentes atitudes de incompreensão e preconceito em relação ao “outro”, ao “diferente” nas escolas. Sobre isso, vejamos o que dizem alguns alunos: “percebo que são excluídos por suas escolhas não serem bem vistas”, “Acho que isso acontece por não agirem de forma igual que a maioria age”, “por sua cor, jeito de se vestir e orientação sexual”, “muitas vezes sinto que nem sou notado, deve ser por causa de minha condição financeira”, “há acepção de pessoas, alguns são até excluídos de tarefas e grupos”, “quem é gorda, negra, deficiente, sofre muito bullying”, “alguns pensam que são melhores que outros, tenho vergonha de me expressar”, “não sou ouvida enquanto estudante, pois as regras são para uns e outros não”.

Estas “justificativas” reforçam a necessidade constante de um olhar mais atento por parte da escola, na busca por sanar esse tipo de comportamento que é tão nocivo ao desenvolvimento psicológico, emocional e intelectual do estudante, passando a assegurar a todos, independentemente de qualquer coisa, a preservação de direitos que são assegurados por lei ao estudante.

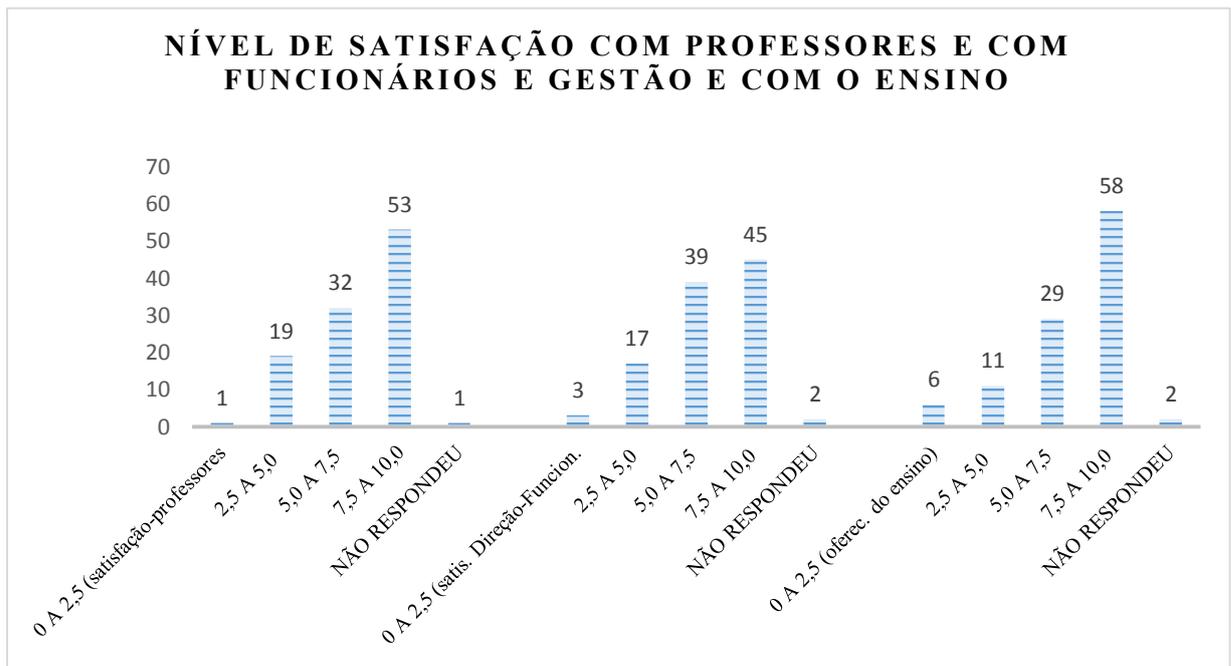
É importante mencionar que esse caráter de exclusão presente nas relações humanas da escola pode ter consequências graves. De imediato, isso irá interferir na visão e na importância

da escola para a vida desses sujeitos, fazendo com que os seus desempenhos escolares se apresentem de forma indesejada, podendo provocar, inclusive, a desistência ou evasão escolar, a partir do momento que o jovem não atribui importância à instituição escolar para o seu futuro, para os seus projetos de vida.

Tal fato também se relaciona e pode refletir na maneira como os estudantes veem e interagem com os profissionais do ambiente escolar e também na forma de como aprendem os conhecimentos abordados nos contextos de sala de aula.

O Gráfico a seguir apresenta as respostas para três perguntas feitas no questionário, com o intuito de medir o nível de satisfação dos alunos em relação aos professores, em relação aos funcionários e gestão e também em relação ao ensino oferecido pela escola, respectivamente.

Gráfico 17 - Nível de satisfação dos estudantes com professores, funcionários e gestão escolar.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

De acordo com o que os estudantes responderam, as três categorias citadas foram avaliadas em notas que estão compreendidas entre 7,5 e 10,0, o que demonstra uma avaliação positiva em relação à escola em um panorama geral. Em se tratando de todos os segmentos de pessoal inseridos no contexto escolar, e levando em consideração o seu papel pedagógico na vida escolar dos alunos, Teixeira (2007) diz que “a condição docente se instaura e se realiza a partir da relação entre docente e discente, presente nos territórios da escola e da sala de aula, em especial” (Teixeira, 2007, p. 426)

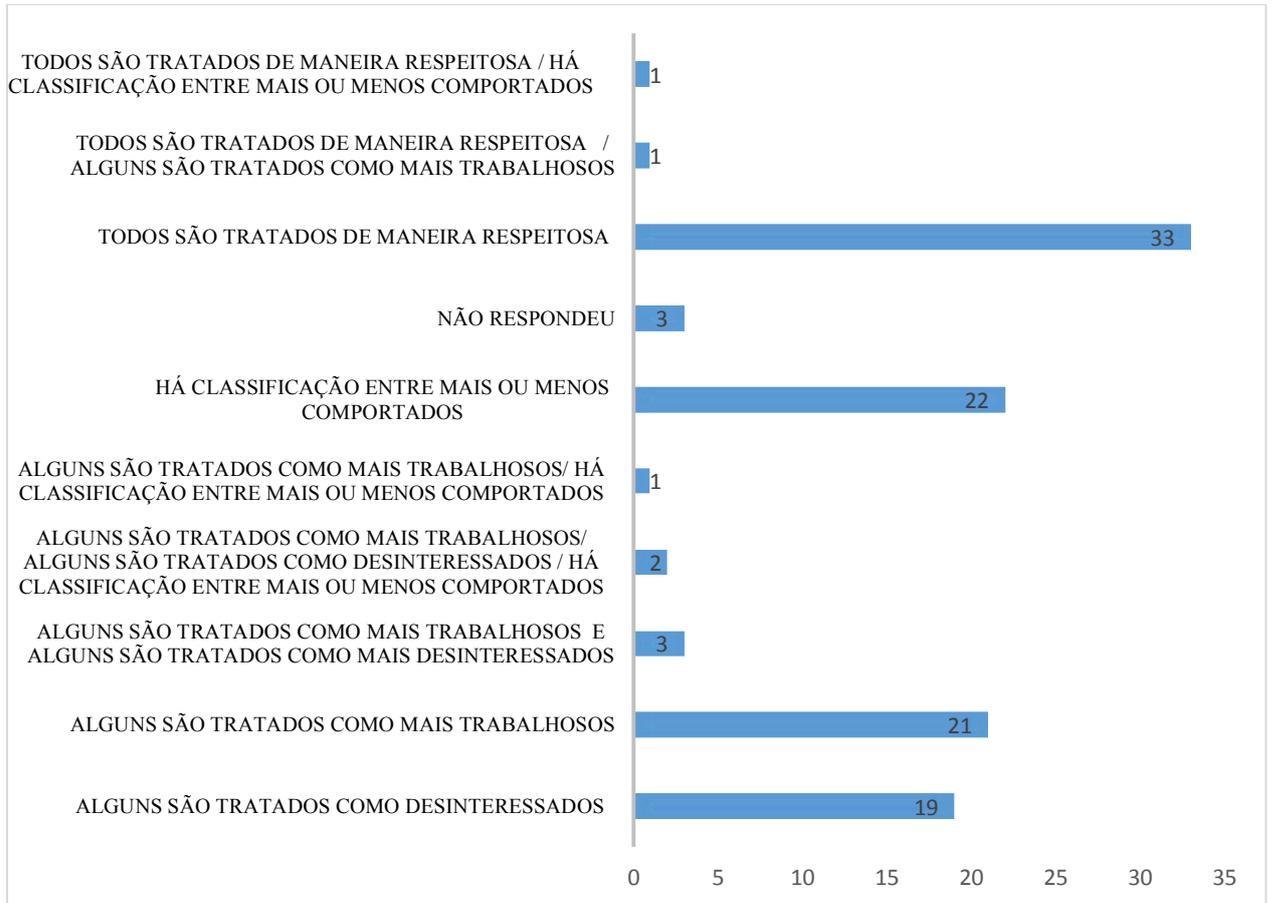
Os jovens tecem alguns comentários como justificativas para tais notas em relação tanto aos professores, como aos funcionários e a gestão, e também no tocante ao ensino, tais como: “somos muito bem tratados pelos profissionais”, “são competentes e preparados para lidar conosco e com as nossas necessidades”, “tratam a todos de maneira respeitosa, com muita dedicação, bem como apresenta domínio de suas respectivas funções”, “se esforçam em busca de nos oferecer o melhor”, “se preocupam conosco, com o nosso futuro”, “por ser uma escola pública o nível de ensino é muito bom, aulas bem planejadas, profissionais que buscam inovar”.

Porém, os dados do gráfico nos apontam outras questões que devem ser analisadas. Alguns atribuíram notas abaixo das mencionadas, que variam entre 0,0 e 5,0. Algo que preocupa, sobretudo, quando analisamos as respostas que justificaram as notas, em relação aos profissionais, e ao ensino oferecido, que são: “alguns demonstram ter preferência por alunos”, “não todos mas há quem não leve em consideração as nossas opiniões”, “as vezes descontam os seus problemas na gente, não são todos”, “têm profissionais que não nos motiva, nem incentiva e também não nos compreende, acham que só tem que passar o conteúdo e pronto”, “o ensino não é ruim, mas o modelo integral não é legal, é burocrático, cansativo, sem estrutura.”.

Não podemos desconsiderar o que pensa o grupo menor dos pesquisados, pois suas falas trazem elementos que são pertinentes de serem refletidos e discutidos pelo educandário, afinal, a escola precisa pensar e trabalhar numa perspectiva de atender igualmente a totalidade de estudantes, sem distinção, considerando o caráter de heterogeneidade do seu público, que precisa ser visto como dignos do mesmo tratamento, independentemente de classe social, credo ou etnia.

O gráfico seguinte comprova que a maneira como os alunos são tratados é percebida por eles. Eles admitem, de forma majoritária, que todos os alunos são tratados de forma muito acolhedora e respeitosa, mas essa não é a visão de todos. Alguns deles explicitam serem vistos como desinteressados pelos estudos, como mais trabalhosos, menos comportados e, como acontece com frequência no ambiente escolar, esse aluno passa a não ser visto como o modelo de aluno “ideal”, o que mostra que há, ainda, uma tendência forte a se dar mais atenção para aqueles alunos que são tidos como “ideais”.

É importante termos em mente que é para esse aluno que apresenta rendimento inferior aos demais, que tem mais dificuldade de interagir, que precisamos voltar as nossas atenções, haja vista que ele pode estar em situação de vulnerabilidade em algum sentido. Esse é, sem dúvida, o papel social que deve ser exercido pela escola.

Gráfico 18 - Como a escola trata os estudantes.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

Existe uma provável relação entre como esses jovens percebem que são tratados pela escola e como eles analisam o papel dela em suas vidas (fato mostrado através do gráfico 14, p. 69). A maior parte deles diz que a escola é um ambiente acolhedor, o que justifica que eles digam que, nesse espaço, o tratamento a cada um se dá de forma respeitosa. Mas alguns estudantes apresentam outras visões, que mostram a escola enquanto lugar excludente, desinteressante. Talvez, nasça deste fato, a classificação de alguns jovens como sendo mais ou menos comportados, estudiosos, trabalhosos.

É certo que, para a maioria desse público, a Escola está repleta de múltiplos significados e de aspectos positivos e negativos, um espaço onde ocorrem as mais variadas formas de interação, de encontros, lugar de produção e transmissão de saberes e conhecimentos que serão importantes para toda a vida, um espaço onde se aprende com o convívio com toda comunidade escolar, que apresenta caráter heterogêneo, diverso. Porém, um ambiente onde também se vivenciam segregações, onde muitas vezes as diferenças são encaradas com estranhamento,

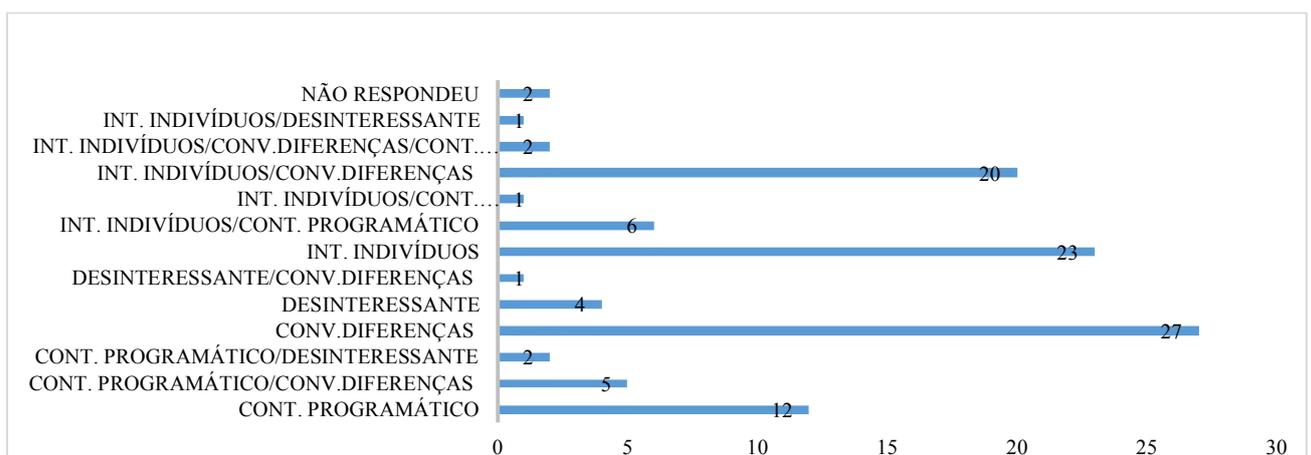
passando a se naturalizar o preconceito, a acepção de pessoas, exclusão de grupos, situações de violência, seja ela simbólica, psicológica ou até mesmo física.

De acordo com Sposito (2005), os jovens brasileiros viveram a expansão recente das oportunidades educacionais em um contexto de crise social. Para a autora, a escola se constitui em uma referência para esta geração, fazendo parte de suas práticas e expectativas, “embora reconheçam os limites no impacto que a instituição escolar tem sobre suas vidas” (SPOSITO, 2005, p. 123).

Vale ressaltar a importância desse olhar do jovem para a sua realidade, o que mostra que o jovem consegue ser crítico, analisar os pontos favoráveis e de dificuldades que o cercam no ambiente escolar e isso prova que estes não fazem parte de uma geração que muitas vezes é vista como alienada e sem perspectivas.

Na parte do questionário sobre o papel da escola para cada um, eles poderiam responder mais de uma alternativa. O maior número de estudantes, 27 no total, considera que a escola é um espaço onde se aprende através das convivências com as diferenças. Para 23 dos entrevistados a escola é, antes de tudo, um espaço de interação entre os indivíduos. 20 dos jovens acreditam que a junção dessas duas características é o que melhor define o papel da escola. Para alguns, a escola tem como principal papel o de seguir o conteúdo programático de cada disciplina. Alguns não responderam e outros estudantes dizem que a escola é desinteressante, que não tem para estes importância alguma.

Gráfico 19 - Representação da escola para os jovens.



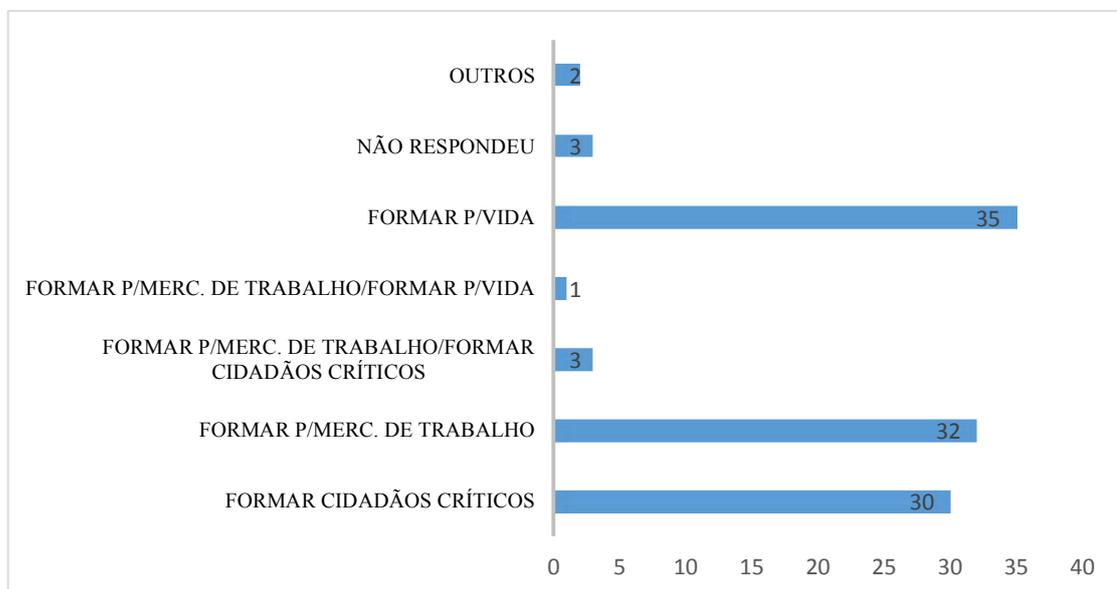
Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

A maioria dos jovens dizem considerar a escola como uma instituição que possui um papel fundamental no ensino da convivência com as diferenças, ressaltando quanto é importante a interação entre os indivíduos, reconhecendo o caráter de heterogeneidade presentes em tal

espaço. No entanto, devemos nos questionar sobre os casos de desrespeito, de práticas de bullying nesses espaços educativos que, segundo os próprios relatos dos jovens, acontecem na escola. Tratamento desigual, práticas de exclusão, de favorecimento, são questões que precisam ser amplamente debatidas entre educadores e educandos.

São marcantes os dilemas vivenciados pela escola da rede pública de ensino na contemporaneidade, um período em que o desenvolvimento tecnológico aumenta diariamente e muitos profissionais da educação não acompanham esse avanço, quando parte significativa dos jovens têm acesso a ele. Então, nesse contexto, saber o real papel da escola não é fácil.

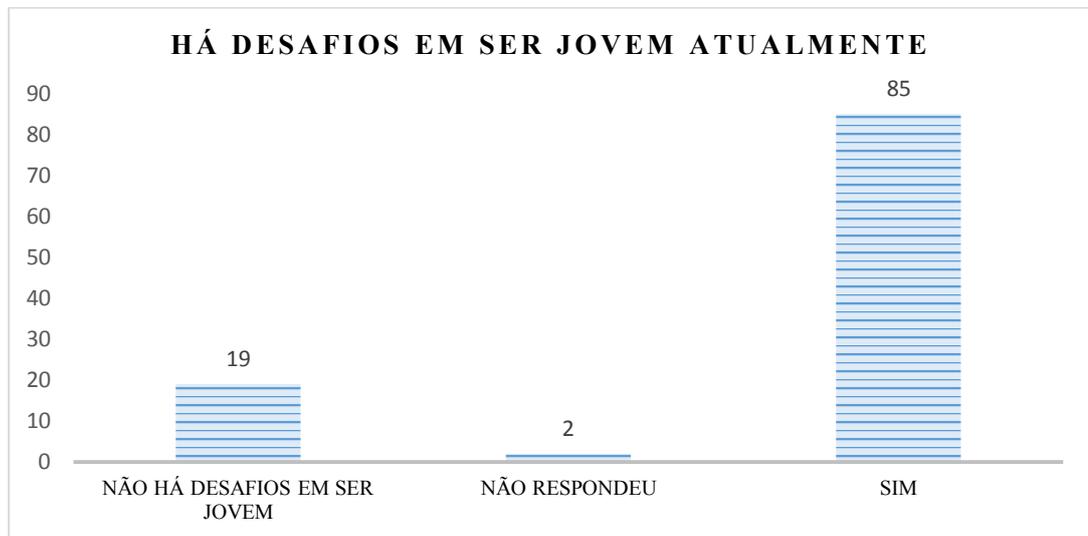
Gráfico 20 - Papel da escola.



Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

Para a maioria dos estudantes pesquisados, o papel da escola é “formar para a vida”, o que na concepção deles seria uma formação que vai além de preparar o aluno para passar em um vestibular ou para o ingresso no mercado de trabalho, mas torná-lo capaz de sentir-se preparado para buscar qualquer objetivo que ele almeje. Em seguida alguns dizem que esse papel é “formar cidadãos com capacidade de fazer críticas e modificar determinadas situações”, a começar por suas trajetórias de vida, já que estes externam o desejo de seguir caminhos que muitas vezes se diferenciam das histórias de vida trilhadas por seus familiares.

Essas respostas demonstram que há uma posição de entendimento sobre a complexidade da vida e que é importante interferir para alterar determinadas situações. Há uma evidência de uma Juventude que se auto questiona e questiona o meio social que a cerca.

Gráfico 21 - Desafios atuais.

Fonte: Dados de uma pesquisa de campo realizada no ano de 2019.

A grande maioria respondeu a essa questão admitindo perceber que, atualmente, há desafios para que eles encarem essa fase de suas vidas. Grande parte das expectativas dos jovens é em relação ao término do Ensino Médio.

Há os que se sentem desafiados na busca pelo ingresso à universidade, alguns almejam realizar um curso técnico e outros desejam ingressar no mercado de trabalho, dizem querer se tornarem independentes dos pais. Mas há ainda os indecisos. Alguns deles dizem que não se sentem desafiados, alegam não querer pensar no futuro, um misto de pensamentos em relação ao seu amanhã, ao seu pós Ensino médio.

Decidir que direção tomar, pensar nas possibilidades de uma carreira promissora e estar mais próximo da vida adulta é uma das responsabilidades que muitos desses jovens começam a enfrentar. Esse é um dos fantasmas que espreita e assombra os jovens constantemente (SPOSITO, 2001). Os jovens alunos pesquisados depositam nessa escola de Ensino Médio, expectativas para um futuro melhor e que lhes apresente possibilidades.

4 OS SENTIDOS DO ENSINO MÉDIO: SOB O OLHAR DOS JOVENS

Problematizar e Compreender as realidades dos jovens que estudam o Ensino Médio sob as suas próprias óticas se diferencia de muitos dos trabalhos que temos conhecimento, uma vez que estamos mais acostumados a essas leituras feitas por profissionais da educação, professores, coordenação, gestão escolar.

Nesse sentido, o grupo focal realizado com uma amostra desse público foi a metodologia utilizada para a coleta das informações para esta análise.

4.1 PÚBLICO PARTICIPANTE DO GRUPO FOCAL (GF)

Desde o momento inicial da investigação, um dos nossos principais objetivos/critérios em relação a escolha dos participantes do GF foi a manutenção do caráter de heterogeneidade que faz parte, naturalmente, do contexto da escola. Não seriam feitas separações por nota, por desempenho, indicação da escola ou algum outro tipo de separação semelhante.

Em primeiro lugar, foi decidido ter-se uma representatividade de todas as séries do Ensino Médio, sendo escolhidos 8 estudantes de primeiro ano (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino); 6 estudantes do segundo ano (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) e 4 estudantes do terceiro ano (1 do sexo feminino e 3 do sexo masculino), totalizando, assim, oito meninas e onze meninos.

Dos dezoito jovens citados, 11 são estudantes que residem na cidade, 4 residem em diferentes sítios do município e 3 deles residem no Distrito de Malhada da Roça. Com exceção dos que moram na zona urbana, todos dependem de um transporte escolar para fazer esse deslocamento do campo à cidade diariamente.

Por parte dos jovens que se fizeram presentes no momento de realização dessa atividade de pesquisa, não foi reconhecida uma recusa em participar, porém percebeu-se um pouco de timidez por parte de alguns. Outros demonstravam-se apreensivos, querendo saber logo do que se tratava e alguns ficaram curiosos tentando compreender a justificativa para estarem ali.

Eram um grupo de jovens de classe social diferentes, de etnias, credos, orientações sexuais, estruturas familiares também distintas. Trabalhamos para que houvesse essa diversidade presente em um mesmo grupo, para falar de assuntos que são comuns a todos, a condição de jovens, de estudantes de Ensino Médio, inseridos em um espaço (Escola) que, de acordo com as suas percepções, pode ser importante ou não para as visões que têm em relação a seus futuros individuais.

Acreditamos que essa experiência de interação direta com os jovens tenha sido um momento bastante proveitoso em relação ao fornecimento de relevantes dados acerca de suas vivências escolares e na vida de uma maneira geral. De acordo com Duarte (2002),

Registrar o modo como são estabelecidos esses contatos, a forma como o entrevistador é recebido pelo entrevistado, o grau de disponibilidade para a concessão do depoimento, o local em que é concedido, a postura adotada durante a coleta do depoimento, gestos, sinais corporais e/ou mudanças de tom de voz, etc., tudo fornece elementos significativos para a leitura/interpretação posterior daquele depoimento, bem como para a compreensão do universo investigado. (DUARTE, 2002, p.145).

O Grupo Focal teve a intenção de instigar os jovens a falarem, partindo de suas vivências escolares, de como se percebem individualmente nesse espaço, de como ele percebem e convivem com o outro, levando em consideração o caráter de diversidade e conseqüentemente, de divergências de pensamentos, perspectivas e, também, de projetos de vida, entre outras questões que serão explicitadas a seguir.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS DO GRUPO FOCAL (GF)

Para a análise e interpretação dos dados fornecidos pelos alunos, utilizamos os pressupostos metodológicos da análise de conteúdo de Bardin (1977), buscando nos aproximar da compreensão dos significados de suas falas, mediante cada pergunta apresentada e a partir da interpretação do que eles responderam. Procuramos classificar por categorias, dividindo as falas dos participantes de acordo com as questões postas mediante o roteiro pré-estabelecido, bem como as questões que foram surgindo durante as discussões.

Segundo Araújo (2013), podemos chamar essas categorias de eixos temáticos, uma vez que cada um deles abrange uma série de discussões sob diferentes aspectos, mas que acabam convergindo para o mesmo tema.

Consideramos, a princípio, três eixos temáticos principais, sendo esses formados a partir de um agrupamento de questões que apresentam aspectos que se aproximam da discussão central. Pensamos que, por meio dessa configuração de análise proposta, conseguiríamos evidenciar o pensamento dessa amostragem dos estudantes. Como sugere Bardin (1977), a análise dos dados será tratada em três momentos: inicialmente, será feita a pré-análise, que consiste na organização e planejamento dos procedimentos que deveríamos seguir. Em seguida, passamos a explorar minuciosamente e com muita atenção o material coletado em campo, incluindo as anotações registradas no decorrer do encontro, como também o áudio que reproduz

fielmente cada fala. E finalmente, partimos para as interpretações das informações coletadas, buscando nos pautar em referências que embasem tal pesquisa em seus aspectos teóricos e metodológicos.

Com o intuito de preservar os nomes de cada um dos dezoito jovens que participaram do GF, estes foram nomeados por “**jovem**”, seguido de um número da sequência de 1 a 18. Dessa maneira, as informações contidas em suas falas serão resguardadas, uma vez que não constará a identificação de nenhum dos sujeitos participantes.

Os eixos temáticos ficaram agrupados em número de três: o primeiro deles intitulado – “**Eu, o outro, a diversidade: como são vividas tais experiências no contexto escolar**”; o segundo eixo intitulado: “**Famílias e vivências de estudos: quais papéis ocupam em suas vidas**” e o terceiro e último eixo: “**Jovens estudantes de Ensino Médio: sentidos e desafios**”.

4.3 EU, O OUTRO, A DIVERSIDADE: COMO SÃO VIVIDAS TAIS EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO ESCOLAR

A pergunta inicial referente ao primeiro eixo indagava sobre “**O que há em comum entre vocês?**”, para a qual surgiram respostas tímidas, haja vista que estávamos iniciando um contato de perguntas e respostas entre um grupo que não era formado apenas por alunos mais próximos, já que contávamos com colegas que estudavam em outra série.

Porém, a timidez foi sendo vencida ante a primeira resposta que dizia que o fato de serem todos estudantes era o que havia de mais próximo entre o grupo. O fato de estarem compartilhando, dia após dia, o mesmo ambiente “físico”, (a escola), uma busca por conhecimentos, uma meta para alcançar objetivos que, segundo o **jovem 1**, “*acho que são os sonhos. Tipo, o sonho de se formar*”.

Nesse momento, parte da turma respondeu à provocação do mediador, ao ser questionada se todos os presentes ali tinham esse mesmo sonho, ao que eles afirmaram categoricamente que “NÃO”. Para alguns, esse plano não existe, não almejam uma formatura, ou alcançar uma formação em um curso de nível superior.

O **jovem 2** respondeu que percebia que havia um outro fator marcante de semelhança entre eles, “*o fato de sermos todos jovens*”. Essa resposta foi muito esperada, tendo em vista que o auto reconhecimento de si, enquanto parte de um grupo, é fundamental para a constituição de sua identidade própria de jovem.

Da questão discutida anteriormente, surgiu uma outra a ser acrescida as do roteiro, acerca do fato deles se sentirem desvalorizados por sua condição juvenil, de serem pouco

acreditados, e isso, segundo Araújo (2013), está intrínseco ao fato de o aparecimento da juventude estar ligado à ideia de uma nova etapa da vida que vem após a infância e está relacionada, principalmente, aos problemas e conflitos que, associados a ela, começaram a ser percebidos pela sociedade como algo que demandava vigilância e controle.

Outra pergunta feita ao grupo foi: **“Vocês se percebem valorizados por sua condição de jovem?”**. Eles admitiram já ter escutado de familiares e até mesmo na escola, que jovens não pensam, que são desinteressados e o fato de cometerem erros é visto e encarado de maneira diferente de quando esses erros são praticados por adultos, que muitas vezes, desconsideram que, antes de serem adultos, os erros eram iguais ou semelhantes. O distanciamento de gerações acrescido da maturidade que se imagina atingir com o passar do tempo faz com que se apresentem nessa relação visões deturpadas a respeito do pensamento dos jovens. O **jovem 2** afirma que *“ser jovem não é fácil, a gente nunca sabe o que fazer pra agradar, e qualquer erro que a gente comete eles passam na nossa cara como se adulto não errasse. Agora, isso é em casa, é na escola, é em todo canto, eu acho”*.

Muitas vezes, não são levadas em conta as mudanças que ocorrem com o passar do tempo. Porém, eles reconhecem que existe um lado positivo nessa questão. O **jovem 3** diz, *“acredito que, se você faz determinada coisa, e depois de um tempo você percebe que aquilo que fez foi errado, tipo um parente seu, um familiar, ele vai querer dizer que não é certo, por não querer que aconteça novamente”*, ou seja, acredita-se que esse tipo de postura pode demonstrar não só vigilância, mas cuidado, zelo.

Após opinarem sobre o que há em comum entre eles, a pergunta da vez foi, **“O que há de diferente entre vocês?”** e segundo eles são os pensamentos, as lutas que precisam enfrentar diariamente, a vida de uma forma geral, que nunca vai ser igual para todos. Consideram que se reconhecem enquanto diferentes quando pensam nas suas identidades, suas características psicológicas, estruturas familiares, de temperamentos, e principalmente os aspectos físicos. Eles dizem perceber essa diversidade no contexto escolar, onde se encontram jovens brancos, pardos, negros, magros e gordos, baixos e altos. Alguns se assemelham pelo seu biotipo e outros não. O **jovem 4** disse, *“Eu mesmo me acho diferente de todo mundo, em todos os sentidos, mas não vejo isso como algo ruim não, acho que era para ser bom”*.

Isso vai de encontro aos estudos sobre juventudes na perspectiva de que estes afirmam haver dois critérios que, geralmente, definem tal categoria social: o critério etário e o sócio-cultural (GROPPO, 2000). Em relação ao segundo critério, há um reconhecimento de que questões de classe social, raça, gênero, o contexto social no qual estejam inseridos e outros

fatores a mais, tem relação direta com os modos de ser jovens, apresentando a juventude como algo diversificado e heterogêneo (DAYRELL, 2005a).

Esse fator da heterogeneidade presente no ambiente escolar pode contribuir para a formação de grupos que se criam na escola e até se expandem para outros ambientes, já que, geralmente, os jovens buscam se agrupar por afinidades de gostos, de percepções e de pensamentos. E isso pode ser percebido nas respostas para a questão **“Como você se percebe no ambiente escolar?”**.

A primeira resposta para esse questionamento foi *“desmotivados”*, segunda a fala do **jovem 3** e a justificativa para isso foi: *“são as dificuldades de convivência com certas pessoas...mais difícil ainda nesse meio da diversidade”* ao que o **jovem 1** complementa dizendo: *“É difícil lidar com pessoas que pensam totalmente diferente de mim, mesmo tendo objetivos parecidos...pois convivemos com as pessoas na escola quase como extensão da nossa família e há discussões, desentendimentos, brigas”*.

A **jovem 2** completa, afirmando que: *“a gente chega na escola todos bem animados, mas a situação do cansaço físico também provoca as vezes sensação de desmotivação, de distanciamento e falta de entrosamento com os outros”*.

O **jovem 4** aponta uma nova questão,

A falta de incentivo, as pessoas fazem as coisas na escola e com o passar do tempo vai perdendo a importância, quando você é convidado para fazer alguma coisa, tipo essa roda de conversa, é como se você fosse importante para alguma coisa, mas quando você não é chamado a participar é como se você perdesse a importância, e isso desmotiva o aluno. (jovem 4, GF realizado em novembro de 2019).

Entendemos, nessa fala, que eles não se sentem valorizados a todo momento, mas apenas naqueles momentos que estão a desempenhar um papel determinado.

Nesse momento, surge uma crítica ao atual modelo da Escola, o regime de carga horária integral. Segundo o depoimento da **jovem 2**, em acordo com alguns outros jovens que comungam do mesmo pensamento que *“o modelo prometia algo que na prática não acontece, prometia-se mais espaços pra os posicionamentos dos estudantes”*, *“tornou-se uma instituição ainda mais burocrática”*.

De acordo com o **jovem 2**,

No começo do ano era dito que a escola ia possibilitar aos alunos mais direito de voz, íamos ser ouvidos, e nossas opiniões levadas em consideração, não que fôssemos mandar na escola, mas poderíamos participar das decisões, e depois de um tempo nos sentimos ignorados”. (jovem 2, GF realizado em novembro de 2019).

No modelo das Escolas Cidadãs Integrais da rede estadual de ensino, um termo bastante utilizado é “PROTAGONISTA¹⁷”, como a ideia de trabalhar metodologias participativas, que visem tornar os estudantes sujeitos autônomos dentro do processo de ensino aprendizagem. Mais especificamente,

[...] as Escolas Cidadãs Integrais têm por objetivo oferecer os fundamentos de uma escola inclusiva e que visa formar o cidadão para os desafios do século XXI, como também para as exigências profissionais que o mundo contemporâneo exige, tendo como ponto de partida o educando e buscando desenvolver os pilares essenciais para a formação de indivíduos que possam contribuir com a sociedade a partir de sua autonomia, das diferentes competências e sendo solidários, tudo isso baseado no incentivo e desenvolvimento do protagonismo juvenil (PARAÍBA, 2018, p. 104).

Diante da pergunta “**Vocês se sentem protagonistas na escola?**”, os estudantes dizem que essa não é uma prática da Escola, mesmo sendo uma diretriz do modelo de ensino, mas é sim uma prática de parte do corpo docente. Nas palavras do **jovem 4**,

Tem alguns professores que acreditam na gente, põe a gente para sermos protagonistas, porque se a gente fosse esperar isso de alguns professores, incluir a gente nesse negócio de protagonismo, isso não acontecia... a gente precisa de quem acredite na gente na escola, de que nos motive, não apenas em momentos de eventos que acontecem na escola. (jovem 4, GF realizado em novembro de 2019).

Foi questionado, ainda, se eles exercem esse “protagonismo” por iniciativa própria, buscando esse exercício, independente das condições do ambiente no dia a dia ou se ficam na espera de que isso seja sempre oportunizado por professores ou pela escola em geral. Alguns assumem buscar esse protagonismo, como disse o **jovem 4**:

A gente busca sim, mas nem sempre conseguimos, por exemplo, aquelas pessoas que são mais tímidas, mesmo elas querendo participar de alguma atividade, às vezes acaba sendo barrada, pra dar a vez a uma pessoa com mais desenvoltura, e acabam excluindo essa pessoa... (sem citar nomes), alguns professores, e também alguns alunos. (jovem 4, GF realizado em novembro de 2019).

Tal fala nos remete a pensar a escola enquanto um ambiente que tem um papel social extremamente relevante na vida dos jovens estudantes, mas que, em determinados momentos, também se configura enquanto instituição excludente. Segundo Dayrell (2016), é preciso levarmos em conta que,

¹⁷Através das propostas da Escola Integral, novos métodos, novos conteúdos pedagógicos, gestão administrativa e curricular, que tem como objetivo formar cidadãos capazes, solidários, socialmente ativos e competentes, fomenta-se o *protagonismo juvenil* que busca desenvolver a conscientização dos estudantes acerca de suas potencialidades e responsabilidades individuais, sociais e institucionais. (DIRETRIZES OPERACIONAIS DO ESTADO DA PARAÍBA 2019).

O peso do contexto socioeconômico e cultural das famílias constitui-se como um dos fatores da exclusão escolar. Entendemos que, para compreender as trajetórias escolares e os múltiplos fatores que vêm gerando a exclusão dos jovens pesquisados, é fundamental situá-los como sujeitos socioculturais. Isso implica compreendê-los enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. (DAYRELL, 2016, p. 409).

Esse fato nos conduziu a pergunta: “**Como você percebe o outro no contexto da escola?**”. Eles afirmaram perceber que muitos jovens se esquivam de participar de forma mais ativa em determinadas atividades da escola, por serem menosprezados pelo outro. “*Não existe um tratamento igual, muitas vezes chegamos a presenciar tratamento hostil, cheio de preconceitos*”, relata a **jovem 2**. Esse pensamento é compartilhado por todos os presentes, que afirmam que as diferenças entre esses sujeitos acabam gerando tratamentos diferenciados, reforçando relações de superioridade de uns em relação a outros, como afirma o **jovem 4**, “*há muita separação por grupos, onde quem não é igual ou pensa igual, geralmente é afastado daquele grupo*”.

Para alguns do grupo, esse tipo de situação ainda é muito recorrente, pelo de haverem pessoas que gostam de “*se aparecer*”, “*brilhar mais do que os outros*”, e tal fato é reforçado por uma relação de “*favoritismo*”, corroborado por posturas de alguns profissionais. Segundo os jovens, existem muitos casos de os professores favorecerem alunos, até mesmo turmas, dando a elas mais oportunidades de fala, de escuta e participação nas atividades. Um outro critério que gera exclusão na escola é o rendimento em termos de notas, pois aqueles que têm um maior desempenho acabam sendo os mais valorizados.

Porém, a maioria dos jovens dizem que acreditam que não podem se acomodar perante essas práticas e reconhecem que não se pode esperar apenas pela iniciativa do outro, que é importante serem jovens que reivindicam espaços, que buscam ser escutados, que denunciam aquilo que não consideram correto, que não podem se calar diante de injustiças. Mas também não consideram isso fácil, pois temem os conflitos e acham que, se aqueles que são mais bem vistos pelo coletivo fazem reivindicações, isso é visto de uma forma, quando aqueles que, por exemplo, tem um rendimento, em termos de notas, mais baixo, enfrentam uma dificuldade de serem ouvidos.

Pierre Bourdieu teve o mérito de formular, a partir dos anos 1960, uma resposta original, abrangente e bem fundamentada, teórica e empiricamente, para o problema das desigualdades escolares. Essa resposta tornou-se um marco na história, não apenas da Sociologia da Educação, mas do pensamento e da prática educacional em todo o mundo. A Escola, enquanto instituição,

exerce um relevante papel social e, até meados do século XX, predominava uma ideia extremamente otimista atribuída à escolarização, um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios, associados às sociedades tradicionais, e de construção de uma nova sociedade, justa, moderna e democrática (MARTINS NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002) pontuam que:

Supunha-se que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social. A escola seria, nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais. (MARTINS NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 16).

Todavia, na prática, nada aconteceu dessa maneira. Com o desenrolar do tempo, essa concepção passa por sérias crises, pois as origens sociais passam a ter um peso muito grande e interferir de forma significativa nos destinos escolares, abalando aquela ideia da igualdade de oportunidades diante da escola. Assim, estudos e pesquisas começam a mostrar que fatores como a classe social dos indivíduos, o local onde estes residem, sexo e etnia podem influenciar em seus desempenhos escolares. Com a expansão das escolas e do acesso de todos os jovens à ela, essas desigualdades escolares se tornaram muito mais perceptíveis e ganharam visibilidade e espaços de discussão.

Dessa forma, onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia e justiça social, Bourdieu passou a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação perderia o papel que lhe fora atribuído, de instância transformadora e democratizadora, passando a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. Uma das teses centrais da sua Sociologia da Educação é a de que os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos, que trazem incorporada, em larga medida, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar (MARTINS NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 18).

A escola de hoje, representada aqui pelo campo dessa pesquisa, é, pela ótica dos educandos, um espaço onde se encontram alunos que são vistos pelos demais como privilegiados. Foi perguntado para o grupo “**Como vocês lidam com as diferenças?** ” e, talvez

pelo fato de estarem em meio um grupo, a primeira resposta por parte de todos foi dizer que *“convivem bem, respeitando as diferenças presentes nesse ambiente”*. Contudo, foram questionados se, mesmo sabendo que a atitude correta é de respeito às diferenças, percebem que na prática é isso que acontece, ao que eles respondem categoricamente que *“NÃO”*.

Na fala do **jovem 4** fica evidente essa prática, *“tem muita gente que fala, que defende a igualdade quanto por exemplo a cor da pele, mas discriminam mesmo assim...sobre as questões de gênero também, percebo muitos discursos diferentes da prática”*. A **jovem 2** reforça essa fala, *“as atitudes são completamente diferentes do que eles dizem”*, e o **jovem 3** apresenta um elemento importante na sua fala, *“a gente fala de quem age assim, mas a gente as vezes se omite também. Eu mesmo já vi alguém ser tratado mal, no sentido de ser excluído mesmo, e não defender, não fazer nada contrário aquilo”*. E o **jovem 4** complementa, *“tem muitas coisas que você lida como se fosse uma brincadeira, e você não proíbe aquilo, falta coragem...acho que pelo fato de ser também excluído”*.

Na sequência, o grupo foi convidado a pensar **“Como vocês percebem o tratamento às diferenças no ambiente escolar?”**, na busca por compreender como a comunidade escolar, professores, gestão e funcionários de apoio lidam, nas relações cotidianas, com essas questões.

Segundo os relatos do grupo, eles percebem que alguns membros da escola são muito atuantes no combate ao desrespeito e a discriminação, que eles agem no sentido de mostrar a importância de se respeitar a todos igualmente. Os jovens afirmam que há professores que abordam esse tema nas discussões em sala de aula e também desenvolvem projetos pedagógicos que têm esse objetivo. Mas, de acordo com as falas do grupo, ainda há quem não demonstre preocupações com isso, negligenciando esse assunto, encarando como sendo normal, se omitindo diante do fato da necessidade de tomarem determinada providência.

Para os alunos, isso acontece pelo fato de nem todos conseguirem se colocar no lugar do outro, não lhe dando a devida importância, considerando outras questões mais importantes. De acordo com o **jovem 6**,

Esse assunto é muito importante de ser visto diariamente porque se trata de algo muito sério que pode comprometer até o futuro de quem vive um tratamento desigual, mas dão mais importância a resolver alguns assuntos, tipo besteira, que com uma simples conversa resolviam, daí ficam dando um ibope desnecessário. (jovem 6, GF realizado em novembro de 2019).

O grupo relata ainda que, para eles, a escola se caracteriza como um espaço onde as relações nem sempre se dão de forma democrática e por conta dos erros de alguém, o coletivo acaba por ser prejudicado. Segundo o **jovem 4**: *“os espaços da escola são controlados pela escola, não temos autonomia sobre esses espaços não”*. E ainda de acordo com as falas dos

jovens “*nós não temos voz aqui*”, foi o que disse o **jovem 3**, que teve sua fala complementada pela **jovem 2** que disse:

Sobre esse sistema que instalaram aqui, da Escola Cidadã Integral, disseram que o aluno seria o eixo principal da escola, que iriam escutar as opiniões deles, as queixas deles, mas todas as vezes que o ciclo¹⁸ vem à escola, a gente se reúne, passa as dificuldades, faz apelos, mas eles só escutam e não apresentam soluções pra nada, então podemos dizer que de fato eles não escutam o que a gente fala. (jovem 2, GF realizado em novembro de 2019).

Através dos relatos dos estudantes, formamos a compreensão de que, o momento de realização dos ciclos na escola, apesar de não representar para eles soluções para as questões apresentadas pelos líderes de suas turmas, é um momento de cobrança para a escola. Eles chegaram a dizer que, nos dias em que os ciclos se realizam, não é indicado problema algum na escola, tudo funciona de acordo com as regras do programa, o que nem sempre acontece no dia a dia e percebem que isso demonstra, na verdade, práticas de autoritarismo e extremo controle.

Para os estudantes, a escola, os ciclos e o modelo de escola atual atuam com intensa fiscalização sobre as ações cotidianas do ambiente escolar, mas que nem sempre dão conta de solucionar demandas consideradas por eles como relevantes e urgentes. Eles consideram que a escola se tornou um ambiente por demais burocrático. Mas afirmam que gostam de ver a escola sendo cobrada como faz constantemente com eles. Em tom de “brincadeira”, o **jovem 3** diz que, “*gostaria mesmo era que o ciclo chegasse na escola de repente, sem ninguém esperar, queria ver como ia ser*” e essa fala recebe o apoio do grupo.

4.4 FAMÍLIAS E VIVÊNCIAS DE ESTUDOS: QUAIS PAPEIS AS FAMÍLIAS OCUPAM EM SUAS VIDAS?

Pensar nos estudantes de Ensino Médio que estão inseridos no contexto escolar e buscar compreender os sentidos que tem a Escola na vida deles, requer que pensemos, também, nas famílias desses sujeitos e nas relações que são estabelecidas entre ambas as instituições, pensando, ainda, nos papéis que ocupam no que diz respeito à formação desses jovens.

¹⁸ Ciclo de Acompanhamento Formativo das escolas: uma das ações desenvolvidas pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE) tem por objetivo apoiar na implantação da metodologia Escola da Escolha, por meio de trabalho realizado in loco nas escolas.

O conceito de família é muito amplo e varia de acordo com as definições dos diferentes teóricos que a estudam, em função, atualmente, da inclusão dos variados modelos que vão além do tradicionalmente conhecido, da família nuclear, compreendida por um casal composto de um homem e uma mulher e os filhos biológicos desse casal. Atualmente, segundo Oliveira, Marinho-Araújo (2010):

Há uma diversidade de famílias no que diz respeito à multiplicidade cultural, orientação sexual e composições. Nesse sentido, os diferentes tipos de família que têm sido descritos com maior frequência pelos pesquisadores da área são: família homossexual ou casais homossexuais; família extensa; famílias multigeracionais; família reconstituída ou recasada; família de mãe ou pai solteiro; casais que coabitam/vivem juntos; viver com alguém cuidando dele. (OLIVEIRA, MARINHO - ARAÚJO, 2010, p. 3, *apud*, PETZOLD, 1996; STRATTON, 2003; TURNER & WEST, 1998).

Tal fato é uma realidade na vida dos estudantes entrevistados, dadas as diferenças nas composições familiares deles, (descritas no capítulo anterior dessa dissertação). Porém, o papel que cada família desempenha ou representa na vida desses jovens, principalmente, na vida estudantil, é o que nos interessa nesse momento, pensando não apenas no sentido de reproduzir discursos que dizem que a família é obrigada a acompanhar o desenvolvimento escolar dos jovens, mas a partir do fato de que, em muitos casos, o jovem tem um grau de escolaridade superior ao da família e vários fatores são importantes para tentarmos compreender essa relação e como esse papel da família é exercido e percebido pelos estudantes, por se tratar de uma geração que é obrigada a estudar em contraposição a outra geração que, na maioria das vezes, teve o acesso negado a esse bem.

É certo que a relação família-escola é necessária na vida e na formação dos estudantes, mas essas relações também apresentam tensões e, muitas vezes, é como se houvesse um enfrentamento, pois

Vê-se que a relação família-escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada, além de estar marcada pela existência de uma forte atenção dirigida à instrumentalização dos pais para a ação educacional, por se acreditar que a participação da família é condição necessária para o sucesso escolar (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 102).

Nesse sentido, buscamos compreender como se dá essa relação na visão dos próprios estudantes. Foi perguntado ao grupo “**O que é família para você?**”, e diferentes respostas surgiram. O **jovem 1** diz: “*eu acho que independente de modelo ou composição, a família é o porto seguro de todo mundo*”. Essa fala é complementada pelo **jovem 4**, que diz: “*pra mim, família é preciso que você tenha, eu vejo como uma certa convivência, que seja algo harmonioso e que faça bem pra ambas as partes. Pessoas que estimulam você, que te ajuda, e*

claro, a ajuda sendo mútua”. A **jovem 18** diz: “considero família, pessoas que me estimulam, independente de sangue”. De acordo com o **jovem 7**: “família é onde estabelecemos relações de afeto”, o **jovem 6** complementa: “pessoas em quem confio” e a **jovem 8** finaliza dizendo que: “pessoas que cuidam de mim independentemente da situação”.

De acordo com as respostas acima, que expressam os pensamentos do grupo a respeito do que é família para eles, percebemos que há uma visão do grupo familiar, independente de sua composição, como dotado de uma função protetora, no sentido de orientar, cuidar e buscar melhores condições para esses jovens. Entretanto, estes reconhecem que a estrutura familiar também se apresenta enquanto espaço de conflitos.

O **jovem 3** diz: “a gente precisa ver as pessoas que estão na escola como parte de nossa família, já que passamos o dia inteiro aqui, as vezes temos mais contato com pessoas daqui do que com as pessoas de casa” e o **jovem 4** reforça dizendo: “criamos muitos vínculos aqui, um misto de emoções, desentendimentos, conflitos mesmo”. A **jovem 2** chama a nossa atenção para o fato de que “nas nossas famílias também têm pessoas que causam atritos, que fazem questão de colocar você pra baixo”, e tem sua fala endossada pelo **jovem 3** que diz: “somos castigados por desobediência”, o que demonstra as formas de poder exercidas sobre os jovens pelas famílias. Para a **jovem 2**, o principal fator que justifica isso é: “são gerações muito diferentes, que pensam diferente, que acham que o melhor pra você deve ser medido pelo que acham ser melhor pra eles”. O **jovem 5** afirma que: “as gerações mais velhas sentem medo de nossas escolhas”.

Para alguns dos jovens, o poder que é exercido por seus familiares é encarado como algo positivo, pois eles consideram que as experiências vividas por outras gerações podem ajudar a lidar com os seus erros, e que devem ser reclamados. O **jovem 3** diz que “Se a gente erra e não tem ninguém pra chegar pra gente e dizer que você errou, é muito triste. Eu gosto que me diga”.

Geralmente, a relação família-escola é discutida no ambiente escolar, especialmente por professores e gestão e quando essa discussão surge por parte dos estudantes é de uma forma muito negativa. Eles se sentem-se cobrados quanto ao rendimento escolar e quando esse rendimento não representa boas notas e um comportamento considerado adequado tanto pela escola quanto pela família, surgem as punições. Para a escola, isso demonstra a ausência do papel da família na vida estudantil dos jovens. As vezes, a escola esquece de pensar ou até de levar em consideração as condições dessa família, especialmente, no que diz respeito à escolarização. Já mostramos, através de dados da presente pesquisa, que a grande maioria dos pais ou responsáveis por esses alunos tiveram poucas oportunidades de estudar.

No sentido de entender melhor sobre essa questão, foi perguntado ao grupo “**As pessoas de suas famílias estudaram?** ”. Algumas respostas mostram que alguns familiares conseguiram sim, estudar, mas outros relatam que não. O **jovem 7** relatou que:

O meu pai, ele não tem escolaridade, minha mãe tem, mas pra o meu pai faltou oportunidade de acesso, pelo que ele me conta, era muito difícil para ele ir pra escola, pois pelo fato dele ser homem, precisava ajudar o pai nas atividades do campo, ajudar no sustento do restante da família. (jovem 7, GF realizado em novembro de 2019).

O relato acima é reforçado por outros membros do grupo focal, quando o **jovem 7** afirma: “*os meus pais me falam que no tempo dele, estudava quem era rico*”. Pelas falas deles, percebemos que as mulheres tiveram mais oportunidades de estudar do que os homens, isso pelo fato de que havia, no tocante aos homens, a cobrança de que eles se inserissem no mercado de trabalho. Alguns não estudaram no período regular, vindo a concluir o Nível Médio muitos anos depois, na EJA. Ainda temos relatos de familiares que nutriam sonhos com os estudos, sonhos que não se concretizaram e, muitas vezes, os familiares chegam a projetar essas realizações através dos filhos.

Assim, é interessante sabermos como se dá a participação efetiva dos pais ou responsáveis na vida escolar desses jovens estudantes de Ensino Médio, afinal, imaginamos que alguns deles frequentam a escola por causa das imposições sofridas pelo sistema de leis do país que não permite que crianças, adolescentes e jovens estejam sem estudar, caso contrário, os responsáveis responderão perante a justiça. Um outro fator que colabora para o cumprimento da frequência dos alunos nas escolas é a concessão de benefícios sociais que contemplam as famílias de baixa renda e que exigem a comprovação de uma frequência ativa dos educandos, a exemplo do programa bolsa família.

Devido as condições financeiras das famílias deste município, é comum a prática dos jovens ajudarem nas atividades de trabalho junto aos seus parentes, no campo, comércio, cuidando de crianças ou de idosos, com a finalidade de conseguir dinheiro para uso próprio ou para auxiliar nas despesas do grupo familiar. Então, até o ano de 2018, último ano da escola enquanto Ensino Regular, acontecia com frequência de um dos turnos ser dedicado a essas tarefas. Contudo, essa realidade mudou a partir da implantação do modelo integral, fato que fez com que alguns jovens saíssem da escola e migrassem para cursar o Ensino Médio em outros municípios, onde as escolas continuam no modelo de ensino regular.

Buscando compreender o sentido do Ensino Médio para os jovens, apresentamos o seguinte questionamento: “**Qual o papel da família na vida (escolar) de vocês?** ”, a primeira resposta, do **jovem 1**, diz que: “*a família é um porto seguro, é um suporte pra mim, e acho que*

pra todo mundo, de ajuda e incentivo nos meus estudos, por que eles sempre usam o discurso de que é necessário para eu ter um futuro melhor”.

Para o **jovem 6**, *“me incentivam muito, e dizem sempre que há algum tempo atrás era mais fácil se conseguir ter um emprego mesmo sem ter estudo, mas que hoje é bem mais difícil, qualquer emprego pede como requisito que você tenha estudado”.* Para o **jovem 15**, *“É tipo, o discurso deles, eu não sei dos pais de vocês, mas os meus pais dizem sempre o quanto se arrependem de não ter tentado mais concluir os seus estudos, e dizem direto, que sendo eu, aproveitava muito essa oportunidade, pra que eu não me arrependa depois”*, essas falas nos mostram que os pais ou responsáveis, independente do seu nível de instrução, consideram e reforçam a importância dos estudos na vida desses jovens.

As famílias, segundo os relatos dos jovens participantes do grupo focal, apresentam objetivos ao os incentivarem aos estudos. O **jovem 4** ressalta que *“os meus pais dizem direto pra eu estudar, pois não querem que eu passe pelas mesmas dificuldades que eles, trabalhar no pesado, ganhando pouco, eles acham que eu posso ter um futuro profissional mais promissor”.*

A questão da valorização e do incentivo aos estudos dos jovens pode não estar diretamente ligada ao fato da família ter tido a oportunidade de estudar ou não, o que prova depoimento do **jovem 7**, que diz

Os meus pais, tanto a minha mãe que estudou, quanto o meu pai que não estudou, eles incentivam muito a mim e ao meu irmão, por que eles acham que se você não tiver estudo, é a mesma coisa que nada, então, fazer a gente estudar, nos acompanhar e orientar nesse sentido para eles é contribuir para termos um futuro diferente do deles (jovem 7, GF realizado em novembro de 2019).

O **jovem 6** diz *“os meus pais dizem direto, estude, há um tempo atrás só precisava de uma formação determinadas profissões como medicina, direito, enfim, era mais fácil você ingressar no mercado de trabalho mesmo tendo estudado pouco”.*

Para o **jovem 5**, estudar e obter sucesso tem, pra ele, um significado a mais, o de realizar um sonho que não se concretizou na vida do pai,

O meu pai não conseguiu estudar, ele é analfabeto, mas tinha um sonho, o sonho de ser um advogado, ele não conseguiu concretizar esse desejo, e isso pra mim hoje é como se fosse o sentido pra seguir estudando e tentando fazer o meu melhor nesse sentido, buscando realizar esse objetivo que acho que ia deixar ele muito orgulhoso de mim. (jovem 5, GF realizado em novembro de 2019).

O reconhecimento do papel das famílias em relação ao empenho nas atividades escolares dos jovens é ressaltado pelo que diz o **jovem 7**: *“eles tentam me apoiar de todas as*

maneiras, apesar das muitas dificuldades, não sabem fazer as minhas tarefas, mas não deixam de me acompanhar”.

Consideramos pertinente ressaltarmos os silêncios de alguns membros do grupo diante de determinadas perguntas que eles preferem não responder. Como o grupo focal constitui uma técnica que permite às pessoas envolvidas expressarem o que pensam e por que pensam, ele acaba possibilitando ao pesquisador capturar formas de linguagem, expressões e tipos de comentários, a partir das interações do grupo, que enriquecem sobremaneira a pesquisa (REGO, 2014, p.61).

Essa observação foi feita especialmente em relação a questão anterior, pois enquanto alguns expressam o apoio e o acompanhamento recebidos dos familiares nas atividades estudantis, é provável que alguns deles, que apresentam baixo rendimento nas notas e conseqüentemente no aprendizado, possam sentir falta da presença familiar.

Apesar de não ter sido colocada essa questão para a discussão do grupo focal, é válido chamar a atenção para uma outra mudança gerada pela transição da escola regular para a escola em tempo integral. O tempo de convivência e de acompanhamento das famílias em relação a vida escolar dos estudantes acabou por diminuir de forma significativa, tendo em vista o fato deles saírem de casa por volta das sete horas da manhã e retornarem somente no final da tarde, segundo os próprios jovens, muito cansados. Isso contribui para um “afastamento” e, em alguns casos, uma “ausência”, o que deve aumentar a responsabilidade desse acompanhamento por parte da escola, de forma substancial.

4.5 JOVENS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO: SENTIDOS E DESAFIO

Discutir sobre os sentidos, as expectativas e os desafios vivenciados pelos jovens estudantes do Ensino Médio da ECI Jornalista José Leal Ramos, sob a ótica deles próprios, constitui o principal objetivo desse tópico. Para isso, é necessário refletirmos se eles percebem e/ou estabelecem relações entre as suas vivências escolares e aquilo que almejam para as suas vidas. Levando em consideração as novas condições juvenis, resultado das mutações nos processos mais amplos de socialização, Dayrell (2007) afirma que

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar

os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. (DAYRELL, 2007, p.4).

É nesse espaço da escola que os jovens se deparam, frequentemente, com muitas cobranças, por ser esse um momento de escolhas. Visando problematizar essa questão sob os olhares desses jovens, foi perguntado ao grupo: “**Para vocês, o que representa serem estudantes do ensino médio?** ”. Para a **jovem 2**,

É claro que alguns dos alunos que estão estudando o Ensino Médio aqui, gostam e querem, mas há também aqueles que vêm obrigados, e aqueles que gostam acham difícil estudar, eu mesma não acho algo fácil, mas vejo que é o caminho mais fácil, ou certo, de ter um futuro mais tranquilo, mesmo não sendo tipo, fazendo um curso superior, pois você pode usar o estudo de outras formas. (jovem 2, GF realizado em novembro de 2019).

Essa fala revela uma visão acerca da escola muito positiva, como uma instituição com papel central no sentido de possibilitar orientações de como utilizar os saberes escolares para a vida em seus diferentes aspectos, não apenas direcionando-os para aqueles estudantes que visam ingressar em uma formação acadêmica superior, mas mostrando que há outras possibilidades, diferentes perspectivas.

O **jovem 3** chama a nossa atenção para o sentido das cobranças que eles acabam vivendo, não somente por parte de familiares,

Há um discurso muito forte de que eu só vou conseguir alguma coisa na vida, e ser alguém na vida se eu estudar, tudo bem, eu sei que é importante isso, mas não é o único caminho, e somos muito cobrados nesse sentido...acaba gerando uma pressão enorme, em mim mesmo gera. (jovem 3, GF realizado em novembro de 2019).

O **jovem 6** complementa a fala de seu colega, ao dizer que percebe que essa pressão existe,

Mas pra mim isso tá ligado a concorrência que existe hoje em dia tanto pra gente dá sequências aos estudos como também pra chegarmos ao mercado de trabalho... a maioria das pessoas que conseguem se dar bem na vida contam pra gente que não aconteceu fácil, que precisou enfrentar muitas dificuldades, mas que é preciso querer pra que aquilo não seja impossível. (jovem 6, GF realizado em novembro de 2019).

Nesse momento, alguns jovens apontam o fato de estudarem em uma escola da rede pública como sendo um fator a mais de dificuldades em meio a busca por uma vaga em uma universidade pública, considerando que a concorrência não é justa e que eles tendem a levar desvantagem nessa “luta”. Em outras palavras, eles reconhecem a importância da escola, mas também percebem suas limitações e mesmo depositando nela grande valor, eles enxergam que

a escola ainda é carente, especialmente no sentido de infraestrutura e isso acaba afetando o rendimento e a satisfação dos jovens com o ambiente escolar.

O próximo questionamento foi: “**Qual o papel da escola para vocês?** ”. A primeira resposta obtida nos diz que “*ela (a escola) é a base de tudo na nossa vida, mas pra quem quer, a escola sozinha não significa nada, quem tem que dar sentido ao que aprendemos aqui, é cada um*”, como afirma o **jovem 4**.

Segundo a **jovem 2**,

A escola serve pra direcionar a gente, é aí onde estar o sentido, não só em termos de estudos, mas por exemplo, fora de casa é o primeiro lugar de convivência em grupo e com pessoas que em alguns aspectos são completamente diferentes de nós, e isso nos ajuda a conviver em sociedade e também ajuda a formar a sua identidade, aqui a gente aprende de tudo um pouco. (jovem 2, GF realizado em novembro de 2019).

De acordo com o **jovem 1**, “*a escola deixa a gente mais autônomos*”. Outro ponto positivo é ressaltado pelo **jovem 6**, que diz que “*a escola pra mim são portas que foram se abrindo*”. As falas desses jovens nos fazem ter certeza de que eles conhecem o papel social da escola, desde a dimensão da sociabilidade, da forma como ressaltam a importância das interações e do convívio com o aspecto da heterogeneidade tão presente nas relações estabelecidas nos educandários, bem como na maneira que se dá a participação desses jovens nas atividades, mesmo reconhecendo que elas não acontecem de maneira semelhante para todos os estudantes e que alguns acabam sendo ou se sentindo excluídos em determinados momentos, por pensarem diferente da maioria do grupo, ou por não demonstrar interesse.

Eles entendem que isso acontece e, até certo ponto, consideram isso normal, mas, às vezes, o fato os incomoda. É notório que os participantes do grupo atribuem grande importância ao papel que a escola desempenha em suas vidas e, mesmo reconhecendo suas fragilidades e dificuldades, eles depositam grandes expectativas em relação ao que aqui aprendem para os seus projetos de vida individuais.

Atualmente, os conflitos geracionais se dão a partir de um olhar sobre as juventudes que muitas vezes é carregado de significados, estereótipos e preconceitos, que fazem com que estes jovens sejam vistos, mas não sejam levados a sério, classificados como imaturos, passivos e, para alguns, como uma geração alienada. E a escola, muitas vezes, acaba reforçando essa ideia, uma vez que tem em seus discursos o objetivo de formar cidadãos e cidadãs com autonomia, capazes de participar e intervir nas decisões da comunidade escolar, mas na prática nem sempre é assim que acontece.

Segundo Dayrell (2003), os modelos de jovens são socialmente construídos e temos o papel de questionarmos essas imagens para evitar cairmos em uma análise negativa dessa categoria. Dayrell (2003) diz que

Por outro lado, nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. (DAYRELL, 2003, p. 41).

É comum que, em momentos de tomadas de decisões, algumas opiniões não sejam levadas em consideração, mesmo que tais decisões influenciem diretamente nas vivências do jovem no ambiente escolar. É necessário que na educação propiciada aos jovens haja um incentivo e mais abertura à participação efetiva dos estudantes, possibilitando discussões de temáticas próximas às suas vidas e aos seus interesses, pois como afirma Menezes (2001),

A nova escola de nível médio, que não há de ser mais um prédio com professores agentes e com alunos pacientes, mas um projeto de realização humana recíproca e dinâmica de alunos e professores numa relação que deverá estar mediada não somente por conteúdos disciplinares isolados, mas também articulados com questões reais apresentadas pela vida comunitária, pelas circunstâncias econômicas, sociais, políticas e ambientais de seu entorno e do mundo. Esta nova escola deverá estar atenta às perspectivas de vida de seus partícipes, ao desenvolvimento de competências gerais, de habilidades específicas, de preferências culturais. Para essa escola, de práticas mais solidárias, a permanente formação de seus professores é também a realização de um de seus fins, e não só de um meio. Essa afirmação só será completamente compreendida a partir da consciência da condição social dos alunos e também dos professores da escola atual de ensino médio, para os quais, até por razões financeiras, a leitura regular de livros e o acesso a um jornal diário não constitui regra, mas absoluta exceção. É preciso insistir nisso, não para escandalizar ou emocionar, mas para evidenciar alguns dos sentidos e dificuldades da construção cultural a ser promovida. (MENEZES, 2001, p. 205).

Sabemos que não são poucos os desafios que os jovens estudantes do Ensino Médio têm a encarar cotidianamente, mas será que eles também pensam assim? Essa é a pergunta que encerrou o Grupo Focal, utilizado para coleta de dados a serem analisados para esse trabalho de pesquisa. Perguntamos aos jovens: **“Existem desafios que vocês jovens precisam enfrentar nos dias de hoje?”** e solicitamos ao grupo ouvir a opinião de cada um (a), individualmente.

Para o **jovem 1**, *“Um grande desafio é vencer meu maior medo, ver que a realidade é diferente do que pensamos, achar que seria fácil e não ser”*. Esse é discurso muito propagado

pelos adultos, no sentido de encorajar e chamar os jovens à maiores responsabilidades, talvez por considerarem que eles não têm essa visão sobre as dificuldades que a vida lhes oferece.

A **jovem 2** apresenta, na prática, considerações sobre as quais os estudiosos da temática “juventudes” tem chamado atenção, uma imagem estigmatizada dos jovens aliada a uma falta de confiança que, muitas vezes, é jogada sobre eles. Ela nos diz,

Eu acho que o principal desafio pra gente é vencer a imagem que gerações anteriores a nossa construíram sobre nós, é como se fossemos marginalizados, dizem que não sabemos de nada, que a gente só quer saber de festas, de coisas erradas, que só vivemos acessando via celular, e eu me preocupo porque acho que isso influencia muito negativamente no nosso futuro até mesmo profissional. É como se as gerações anteriores, os mais velhos, sabe? não confiassem em você. E um outro desafio é a cobrança que há sobre a gente, ter tempo certo pra terminar o ensino médio, construir uma vida, como se fosse algo que tivesse um prazo de validade, tudo no tempo de alguém que não é você, e o que é pior, é como se isso fosse um norma, você precisando se adequar a ela.
(**jovem 2**, GF realizado em novembro de 2019).

Essa fala nos propõe reflexões, pois, mesmo sendo um pensamento individual, pode nos remeter a um dilema próximo da coletividade e nos leva a questionar o que está sendo feito com isso? Será que as famílias e as escolas estão sabendo lidar com esses dilemas ou estão reforçando essas preocupações na cabeça do estudante, cobrando resultados, exigindo superações, determinando os resultados que devem ser obtidos. Será que eles estão recebendo o suporte adequado para administrar essas questões? De acordo com os dados da presente pesquisa, fica evidente que esses jovens percebem as lacunas deixadas pela escola, as contradições entre discursos e práticas.

De acordo com a resposta do **jovem 3**, a questão citada pela fala anterior é reforçada,

Acho que o maior desafio é a pressão, seja por parte da família seja pela sociedade em geral e além disso, a questão dos planos, que muitos jovens, eu não sei se é assim com vocês também, mas quando estão no terceiro ano já sabem o que querem, e encarar esse desafio trás o medo de não saber se vai dá certo ou errado. (**jovem 3**, GF realizado em novembro de 2019).

As cobranças que giram ao seu redor são tão perceptíveis que eles temem muito não dar conta, sentem medo de não ter certeza do que almejam e também sentem medo de, mesmo tendo certeza, não conseguirem alcançar aquilo que idealizaram.

As interferências externas nas decisões dos jovens são presentes ao longo das gerações, e assim permanecem, de acordo com o que relata o **jovem 4**:

Temo ter passado todos esses anos estudando e no final eu não conseguir alcançar os meus objetivos, ou de repente não conseguir fugir das exigências dos meus pais que querem isso ou aquilo por mim, por que às vezes sofremos muita interferência de nossos pais, eles querem que eu faça algo porque

acham ser o melhor pra mim, e fico nessa dúvida do que devo seguir. (jovem 4, GF realizado em novembro de 2019).

A preocupação desnudada por essa fala nos desperta para uma relação de autoritarismo mantida pelos pais ou responsáveis, que não confiam nas escolhas feitas pelos jovens, reforçando, assim, que os adultos têm mais propriedade para isso, chegando a considerar que suas escolhas são mais acertadas. Percebemos, ao longo da realização dessa pesquisa, o quanto isso deixa estes jovens incomodados, por não saberem quando serão considerados aptos para exercerem suas escolhas com mais autonomia.

Ainda é muito forte em nossas relações, a ordem de seguir uma “normatividade”, em diversos aspectos e isso fica muito claro nas palavras do **jovem 5**,

Eu acho que enquanto eu sou estudante de ensino médio ainda é bom, mas os desafios maiores virão depois que terminarmos porque ficamos muito expostos aos julgamentos da sociedade, ela impõe a você o que tem que seguir, então, você tem que ingressar numa faculdade, tem que se formar, tem que trabalhar, tem que constituir uma família, ter filhos, e isso gera uma pressão muito forte, e não conseguindo você vai ser julgado, vai ser visto como diferente. (jovem 5, GF realizado em novembro de 2019).

Ter que se “enquadrar” em padrões, seguir o que alguém sonhou para você e por você, dar respostas para muitas pessoas que nem participam do seu processo formativo e que não contribuem com suas expectativas de vida em nome da “aceitação” pode vir a provocar no jovem, de acordo com relatos dessa categoria, o sentimento de medo pela possibilidade de ter que deparar-se com situações de julgamento, chegando a serem classificados como “diferente”, de serem “rotulados”, o que, na maioria das vezes, desencadeia no indivíduo o sentimento de inferiorização, discriminação.

Durante todas as etapas da realização do presente estudo, nos deparamos com os jovens imersos em um sentimento de grande apreensão em relação ao momento de realização das provas do ENEM, por ser esse o “divisor de águas” nas vidas deles. A fala seguinte nos traz elementos para pensarmos essa questão. O **jovem 6**, diz:

Passar no ENEM é um desafio muito grande, porque é gerado muita expectativa em torno disso e a cobrança em cima da gente é muito forte, quando acontece de alguém passar todo mundo elogia, te ver como sendo capaz, agora se não, todo mundo passa a taxar você de um fracassado. (jovem 6, GF realizado em novembro de 2019).

Conviver, no decorrer de sua carreira escolar, com essa pressão, como se o único objetivo para eles estudarem fosse a sua aprovação no referido exame, é muito desgastante e

pode chegar a um momento em que se torne frustrante também. É preciso ponderar que a escola tem muitas outras funções perante os sujeitos e que o critério da massificação de matriculados na educação básica de nossas escolas, não implica no fato de que, necessariamente, todos tenham que ingressar em cursos superiores. É necessário que se leve em consideração as especificidades de vida desses jovens, para que se evitem tratamentos de homogeneização, nos quais as realidades individuais passem a ser generalizadas, como se houvesse um modelo único de “juventude”.

O medo de sentir-se “fracassado” é recorrente entre os estudantes. O **jovem 7** reforça esse sentimento, quando diz: *“eu acho que o maior desafio mesmo é o medo do fracasso, medo de não conseguir o que foi projetado sob você e acabar sendo tachado de “vagabundo”, que você vai de repente servir de nada”*.

Muito além de uma cobrança em relação a resultados positivos alcançados no ENEM, esse momento precisa ser pensado como uma marca significativa na vida desses jovens, como o momento de finalização do nível médio de ensino, o que pode ser o marco de encerramento da vida estudantil desses indivíduos, uma vez que, no município, um número muito pequeno de estudantes conseguem ingressar em um curso universitário e começam a buscar outras possibilidades, geralmente, no mercado de trabalho informal ou migrando para grandes cidades em busca de trabalho e melhores condições de vida.

A fala a seguir trata dessa questão. A **jovem 8** considera que: *“eu acho que os maiores desafios que teremos de enfrentar é quando sairmos daqui a luta por ingressar numa faculdade, por que há muita competição, e a quem tenha estudado em escolas com ensino mais avançado do que a gente”*.

Essa fala nos faz pensar em outro elemento que não pode ser desconsiderado: o nível do ensino ofertado e o nível de aprendizado adquirido pelo estudante que, de acordo com o pensamento desses jovens, não fornece condições iguais nessa disputa. Isso nos leva a pensar nas condições socioeconômicas desses jovens. Muitos deles residem distante da cidade, fazendo diariamente o percurso em transporte escolar, viagem que chega a durar mais de uma hora entre ida e volta para suas casas, além de condições financeiras precárias, o que não é via de regra, mas pode contribuir negativamente nesse processo.

Enquanto alguns possuem discursos de insegurança e medo acerca dos obstáculos para quando concluírem o ensino médio, há também jovens que se sentem desafiados pela “missão” de conseguirem alcançar a conclusão desse nível de ensino com sucesso, é o que expressa a **jovem 9**, quando diz: *“Pra mim já considero um enorme desafio conseguir concluir o ensino médio, pra mim não é fácil, e aliado a isso ainda tenho medo de não conseguir entrar em uma*

faculdade, de ter que desistir no meio do caminho, de não gostar daquilo que eu mesma tenha escolhido". Vemos que, mesmo que esta venha a ser responsável por suas futuras escolhas, nada impede que, um dia, ela venha a ter dúvidas, temendo a possibilidade de ter que mudar ou desistir do que pensava querer.

Porém, não se deve instituir como regra que, aquilo que constitui um limite para uma pessoa, seja também um limite para todos. Segundo a **jovem 10**, *"Acho que vencer o cansaço do dia a dia é bem desafiante. Na verdade, começar é muito fácil, mas terminar, é bem difícil. Por exemplo, pra você começar o seu mestrado deve ter sido mais fácil do que pra terminar, aumentam as nossas responsabilidades e o cansaço interfere"*.

Tal opinião revela que, independentemente de estarem agrupados em faixas etárias semelhantes e de estudarem na mesma escola, eles possuem limites diferentes, um desses limites, segundo a fala da **jovem 10**, seria o cansaço, que pode ser físico, emocional ou de outra natureza. É válido salientar que, no decorrer das atividades de pesquisa, boa parte dos estudantes deixaram muito claro que a mudança nos horários de estudos mexeu muito com a rotina deles e um dos apontamentos de justificativa era a carga horária de cumprimento das aulas que foram duplicadas.

Não sentir segurança diante daquilo que fazemos e que objetivamos pode constituir sérias dificuldades em nossas vidas. É importante trabalhar a questão do respeito intragrupo, do empoderamento, da autoconfiança na formação dos jovens. De acordo com a fala a seguir, a **jovem 11** demonstra essa falta, quando diz: *"Pra mim, o maior desafio é a insegurança de conseguir ou não aquilo que planejamos"*.

Geralmente, nos sentimos desafiados com novidades ou com uma forma de vislumbrarmos possibilidades de mudanças e esse discurso é muito direcionado aos jovens. Há uma tendência nas gerações de mais idade de considerar que os jovens gostam de "aventuras", de "desbravar novos horizontes". A fala do **jovem 12** nos apresenta um elemento a ser considerado e discutido:

O que me desafia e me deixa com medo é de tudo que é novo, daquilo que está por vir, por exemplo, quando foi pra eu começar estudar o ensino médio, eu senti medo, esse ano tive medo de encarar o segundo ano, e mesmo sendo mais fácil, ainda tenho medo, vejo esse processo como uma evolução e acredito ter que passar por isso ao chegar o momento de tentar um curso superior, ao tentar arrumar um trabalho. (jovem 12, GF realizado em novembro de 2019).

A educação brasileira conta com um histórico que, em determinados momentos, se associava a um sistema de punições, classificando alunos como mais ou menos capacitados.

Essa realidade passou por mudanças, mas ainda vemos essa prática nas escolas, o que pode constituir possíveis motivos para se temer exames que tenham esse caráter avaliativo.

Alguns jovens estudantes veem o espaço escolar como um lugar de conforto, segurança, proteção, e o momento de conclusão dessa etapa implica em ter que “andar com as próprias pernas”, seguir com as orientações recebidas, conhecimentos acumulados, mas sem a presença daqueles sujeitos que fazem a comunidade escolar.

Podemos perceber essa realidade através da percepção do **jovem 13**:

Eu acho que o desafio maior é sair daqui, enquanto estamos na escola estamos em uma realidade que conhecemos, por que a gente já fica pensando, como será minha vida quando eu sair daqui? E a gente sabe que é muito difícil passar em um ENEM, é muito difícil arrumar um trabalho. (jovem 13, GF realizado em novembro de 2019).

O pensamento da **jovem 14** nos coloca diante de uma das mais discutidas questões relacionadas à temática “juventudes”, no tocante ao fato de que não são mais crianças, mas ainda não são adultos e precisam “crescer”. Em muitos casos, se percebe que isso não é encarado com naturalidade, posto que eles sofrem muitas exigências por parte dos adultos a sua volta, o que pode trazer consequências. O ideal seria que essas mudanças não amedrontassem os jovens, pois como afirma a **jovem 14**: “*Eu tenho mesmo é medo, porque desde criança que fazemos planos pra o futuro, então é como se terminar o ensino médio representasse isso*”.

Analisando as falas registradas nesse grupo focal, percebemos a preocupação dos estudantes, independentemente da série que estão cursando. Vê-se uma preocupação enorme com o momento de realização das provas do ENEM, mesmo que nem todos demonstrem a pretensão de cursar o nível superior. Isso nos leva à algumas reflexões, tais como: será que eles se sentem muito cobrados pela escola? Será que é a família que impõe essa exigência sobre eles? Por qual motivo acham que a sociedade tem que ser agradada? A fala do **jovem 15** nos convida a pensar, quando este diz: “*O maior desafio é agradar a sociedade, que na verdade você não sabe o que vai acontecer contigo, não tem certeza, por exemplo a prova do ENEM, ela praticamente define o seu futuro, se você não passar nessa prova é como se ficasse rotulado de não servir pra mais nada*”.

Para a **jovem 16**, é a possibilidade do afastamento da família que se apresenta como principal desafio. Ela diz que: “*o medo de sair da escola, o medo do afastamento dos pais*”. O que para alguns jovens significaria independência, a “liberdade” que eles tanto buscam, para outros, esse afastamento é sinônimo de seguir sozinho, de ser responsável por si. E esse sentimento de receio externado por alguns jovens demonstra uma “carência” de algo que deveria ser trabalhado ao longo de seu processo formativo.

As falas dos (as) jovens a seguir complementam a fala anterior. Para o **jovem 17**, *“receio de fracassar e sentir vergonha perante as pessoas, pois tem muitas pessoas que se dedicam e mesmo assim não conseguem o que almejam”*. E para a **jovem 18**, *“conviver em sociedade, onde nem sempre agradamos, temos o maior medo de fracassar”*.

Consideramos ser urgente a necessidade de uma reflexão acerca dos pensamentos, sentimentos e percepções desses jovens estudantes, para que a escola possa repensar algumas práticas, no sentido de atender satisfatoriamente tais demandas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário educacional brasileiro tem passado por significativas mudanças nas últimas décadas, mudanças que podem ser consideradas avanços, em especial, no tocante ao fato desta política pública ter deixado de ser um privilégio direcionado a poucos, passando a ser um direito obtido por jovens de todas as camadas sociais, independente de qualquer distinção.

Todavia, muito ainda precisa ser pensado e realizado no que diz respeito aos estudos relativos a última etapa da educação básica, o Ensino Médio que, ao longo do tempo, passou por diversas indefinições de sua identidade. Isso inquieta os profissionais dessa área, gerando um debate povoado de questões, afinal, esse é um nível de ensino que deve estar mais direcionado para a formação geral dos estudantes, mas este deve ser um ensino para a vida, para a profissionalização ou para o ingresso dos estudantes na universidade? E qual o papel social dos jovens estudantes neste nível de ensino?

Repensar essas questões urge buscar estratégias que garantam qualidade para educação, valorizando a formação humana ética, bem como o desenvolvimento intelectual e o pensamento crítico do educando. Para tanto, o papel da Escola é fundamental, acima de tudo, enquanto espaço sociocultural que promova, de forma dinâmica, o fazer cotidiano de seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, levando em consideração a diversidade de seus atores e os sentidos e objetivos atribuídos à escola, sendo eles múltiplos.

Refletir sobre uma ampliação dessa análise educacional nos propõe um estudo pautado nos olhares dos jovens que estão na escola, enxergando-os a partir de um olhar que preze pela heterogeneidade, haja vista que, na escola, se faz tão presente esse caráter de diversidade de culturas e de realidades. Conseqüentemente, serão múltiplos os significados atribuídos à instituição escolar e se desconsiderarmos essas possibilidades diversas, estaremos deixando de extrair do cotidiano escolar a sua essência principal.

O presente estudo, através dos dados obtidos no campo de pesquisa, por meio da aplicação de questionários e a realização do Grupo Focal com os estudantes de Ensino Médio da ECI Jornalista José Leal Ramos, possibilitou-nos conhecer um pouco mais sobre o perfil desses jovens pesquisados, jovens que são os atores principais nesse contexto. Foram percebidas em suas falas, evidências de significados e sentidos atribuídos à escola, vendo-a como um suporte indispensável para os seus projetos de vida individuais e futuros, mesmo reconhecendo haver algumas fragilidades e lacunas que podem constituir desafios a serem enfrentados por eles.

Vale ressaltar que, mesmo vendo a escola como uma instituição importante e capaz de contribuir não só para a sua formação, mas também possibilitar a concretização de seus projetos futuros, para eles, a escola ainda se mostra ausente nos debates e discussões no tocante a conhecer o universo do aluno e os seus ideais, o que segundo os relatos dos próprios estudantes, só é oferecido através das aulas e projetos de alguns professores. Esse trabalho se faz ainda mais necessário ao pensarmos que, nem todos os jovens recebem da família orientações mais esclarecedoras, em especial, os jovens das camadas mais populares. Com isso, percebemos que ainda há nas escolas um distanciamento entre o ensino e a vida dos educandos.

Na concepção dos jovens, um dos desafios com que eles temem se deparar é uma concorrência de forma desigual, no que diz respeito a continuidade dos seus estudos. Por serem alunos de uma escola da rede pública de ensino, eles temem que encontrarão ainda mais dificuldades na disputa por vagas em cursos de ensino superior em universidades públicas.

Cabe aqui uma ressalva aos leitores e leitoras deste trabalho de pesquisa. As escolas de ensino médio têm como desafio se constituírem como referência, de maneira que propiciem aos estudantes acesso às informações, habilidades e competências de dimensões necessárias para a construção de suas expectativas ao final dessa etapa de ensino. Todavia, é indispensável que a escola funcione enquanto aparato social e que faça sentido aos jovens. Para tanto, torna-se indispensável que o Ensino Médio atue enquanto política que facilite as situações educacionais práticas, visando atender necessidades que transformem a realidade social desses sujeitos.

As Escolas de Ensino Médio não devem estar centradas em relações tensas de aprendizagem, onde a figura central sejam as disciplinas e a sala de aula se apresente como ambiente de contenção de sentimentos e emoções, configurando um espaço do dever e nunca do prazer. Insistir nessa discussão é reafirmar a função social da escola e a relevância social da educação básica.

Esse trabalho de pesquisa, realizado com os estudantes de Ensino Médio, partiu de um olhar questionador e inquietante sobre as aulas de Sociologia e visa contribuir com um ensino que valorize as percepções, sentimentos, falas e contextos dos sujeitos que são os “atores” principais nos “palcos” da escola, para que o ensino de Sociologia seja cada vez mais significativo para os conhecimentos e para formação destes jovens, promovendo uma leitura crítico-reflexiva de questões mais gerais a partir de suas próprias vivências.

A Escola onde se realizou a presente pesquisa teve o seu primeiro ano de experiência enquanto escola em tempo integral em 2019, a partir da aprovação da Lei 13.415/2017, que determina as mudanças previstas para o Ensino Médio. Estas são caracterizadas, principalmente, pela elevação da carga horária mínima para 1.000 (hum mil) horas por série. O

modelo está pautado no desenvolvimento do Projeto de Vida do Estudante, de modo que todas as ações devem movimentar os três eixos formativos: Formação Acadêmica de Excelência, Formação de Competências para o Século XXI e Formação para a Vida.

A referida escola foi contemplada também com o Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio, proposto pela Portaria MEC nº 649, de 10 de julho de 2018, Escolas Piloto ProNEM, que tem como um de seus objetivos o Plano de Implementação do Novo Ensino Médio, que deverá contemplar estratégias para a promoção da equidade urbano-rural, de gênero, social e étnico-racial.

Concluimos este trabalho manifestando a vontade de que tais mudanças surtam efeitos positivos no tocante à educação dos jovens, bem como expressamos o desejo de estar atuando enquanto agentes colaboradores, na perspectiva de que haja uma ampliação do entendimento de que se faz necessário que as escolas que ofertam o nível de ensino médio possam buscar conhecer sobre aqueles que são os principais sujeitos nesse contexto, levantando questões do tipo: Quem são os jovens estudantes que chegam até a escola nos dias de hoje? Quais são suas percepções, dificuldades e necessidades? Quais os desafios que se apresentam em suas vidas nesse período?

Acreditamos que esse é o papel da escola, uma escola que atua na perspectiva de atender às expectativas dos estudantes e, assim, coopere para uma educação que priorize a prática do diálogo com os seus jovens, possibilitando uma formação mais humana, que possa colaborar com esse momento decisivo de escolhas e de possíveis rumos de vida, dando aos jovens a compreensão de si mesmos, assim como dos contextos e realidades nos quais estão inseridos, para que tenham pleno acesso às informações, habilidades e competências que venham a auxiliar, de forma integral, em sua formação enquanto cidadãos conscientes e humanizados.

Encerramos com um pensamento do Sociólogo e ativista dos Direitos Humanos no Brasil, Betinho (Herbert José de Sousa), que chama a nossa atenção para algo urgente, “O jovem não é o amanhã, ele é o agora”. Portanto, se quisermos mudar o que está posto, por que não começar pela educação pública? Por que não começar agora, pois, nesse “palco”, os “atores” principais são os jovens.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.
- ARAÚJO, Mariana Yezzi de. **Jovens, projetos de vida e escola: relações e significados a partir da visão de estudantes do ensino médio de uma escola pública em Maceió**. 2013. 132 f. Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 226p.
- BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- _____.; A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre (colt.) **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.112-121.
- _____.; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: UFSC, 2015.p. 15-46.
- BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 de Fev. de 2020.
- _____. Presidência da República. **Emenda Constitucional nº 65**, de 13 de julho de 2010. Brasília, 2010.
- _____. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 1990.
- _____. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Estabelece o Plano Nacional de Educação 2001-2011**. Diário Oficial da União, 10 jan. 2001
- _____. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.
- BRUMER, A. *et al.* Como Será o Campo Amanhã? A situação dos jovens rurais do oeste catarinense, numa perspectiva de gênero. **Relatório de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

CARNEIRO, Moacir Alves. **Os projetos juvenis na Escola de Ensino Médio**. Brasília: Interdisciplinar, 2001.

CASTRO, C. M. O secundário: esquecido em um desvão do ensino? **Textos para discussão n. 2**, Brasília: MEC/INEP, 1997.

CATANI, Afrânio Mendes.; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: UNESP, 2008.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. **XIII Encontro da ABEP**, Ouro Preto/MG, nov. 2002.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Texto apresentado no Simpósio Internacional “Ciutat.edu: nuevos retos, nuevos compromissos”, realizado em Barcelona, em outubro de 2007.

_____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2019.

_____. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Org.). **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-133.

DAYRELL, J.; LEÃO, G.; REIS, J. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 137, p. 1067-1086, out.-dez. 2011a.

DAYRELL, J. T.; JESUS, R. E. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-23, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016151533>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

_____. Um olhar sobre a juventude. In: ____ (Org). **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005a. p.21-44.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março 2002.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, nº. 119, jul,2003, pp. 29-45.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **Educação e Sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORACCHI, Marialice. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. 2ed. São Paulo: **Ação Educativa**, 2005. 40 p. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em: 06 Julho 2019.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

_____. **Grupo focal em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: LTC Editora, 1988.

GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n.2, p. 275-290, jul./dez. 2005.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

J. CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauá X: 2007.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cadernos Cedes**, [Campinas], v. 31, n. 84, maio/ago. 2011.

LÉON, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, nov. 2005 p. 20-35. Disponível em: <http://www.acarati.org.brportalpdfspdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

LIMA FILHO, Irapuan P. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais – UFC**, Fortaleza, Vol.45, N.1, Jan-Jun, 2014.

LIMA, Telma C. S; MIOTO, Regina Célia T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>. Acesso em: 4 de dezembro de 2019.

LOPES, Bernarda Elane Madureira. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 3, n.2 – ago./dez., 2014

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, p.p.36-61, 1961.

_____. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita de. **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, v. 1, p. 69-94.

MARTINS NOGUEIRA, Cláudio Marques; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In: **Revista Educação e Sociedade**, vol. 23, nº 78, Campinas, 2002.

MENDONÇA, S.G. L. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 31, n.85, dez. 2011, p. 341-357. Disponível em <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/28267/S010132622011000300003.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

_____. **Correntes de Pensamento**. In: O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde. 11ed. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 95-106.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, 2013.

MUELLER, Charles C. Organização e ordenamento do espaço regional do Nordeste. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, IPEA (13): 35-104, jun. 1996

OLIVEIRA, Amanda Cariri de. *et al.* **A relação entre o latifúndio e os baixos índices de desenvolvimento humano no município de São João do Cariri-PB: problematizações no Ensino de Sociologia**, 2019. No prelo.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estud. psicol.** Campinas, Mar ,2010, vol.27, no.1, p.99-108.

OLIVEIRA, L. C. F. **Escola e família numa rede de (des) encontros: um estudo das representações de pais e professores**. São Paulo: Cabral Editora, 2002

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes operacionais para o funcionamento das escolas estaduais 2018**. João Pessoa: SEEPB, 2018. 278 p.

_____. **Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas Cidadãs Integrais e Escolas Cidadãs Integrais 2019**. Disponível em: paraiba.pb.gov.br > Acesso em 08 Janeiro de 2020.

PARAÍBA. Escola Cidadã Integral de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos. **PPP - Projeto Político Pedagógico**, 2019.

PEQUENO FILHO, José de Sousa. **Experiências vividas: escravidão e formação histórica em São do Cariri (1783-1843)**. João Pessoa: CCTA, 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO-PNUD. **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)**, 2010. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/odm.aspx>. Acesso em 10 de Julho 2019.

_____. **Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil**, 2013. <http://atlasbrasil.org.br/2013>. Acesso em: 20 de Julho 2019.

REGO, Thaís Cristina Figueiredo. Utilização de grupos focais em teses e dissertações do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Uberlândia. **Revista Multitexto**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 61-68, fev. 2014. ISSN 2316-4484. Disponível em: <http://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/125>. Acesso em: 07 fev. 2020.

SADER, Emir. Democracia, socialismo e anticapitalismo. In: Fortes, Luiz Roberto Salinas; Nascimento, Milton Meira do (Org.). **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Roselani Sodr e.; SILVA Vini Rabassa da Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Cad. CRH**, Dez, 2011, vol.24, no.63, p.663-678.

SILVA, Marcos Antonio. A técnica da observa o nas Ciências Humanas. **Educativa**, Goiânia, v. 16. n. 2, p. 413-423, jul./dez, 2013.

SPOSITO, Marília; CARRANO, Paulo. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educa o**, n. 24, p. 16-39, set./dez., 2003.

SPOSITO, M.P. Algumas reflexões e muitas indaga es sobre as rela es entre juventude e escola no Brasil. ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Funda o Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

TEIXEIRA, I. Da condi o docente: primeiras aproxima es teóricas. **Educa o & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

UNICEF. **Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educa o Básica na idade certa - Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes**. Fundo das Na es Unidas para a Infância. Brasília: UNICEF, 2012.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. **Urbaniza o e Ruralidade: Rela es entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural e Estudo Preliminar sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco**. Brasília, NEAD/MAD, 2001 Disponível em: www.nead.com.br/. Acesso em: 10 de maio 2020.

WEBER. M. **Ciência e Política: duas voca es**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

WELLER Wivian. **Karl Mannheim: Um pioneiro da Sociologia da juventude**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

APÊNDICES

APÊNDICE 1

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA: QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS, SÃO JOÃO DO CARIRI-PB.

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA

JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO: As vivências do Ensino Médio sob os seus jovens olhares

A Pesquisa a ser realizada com jovens/estudantes do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral (ECI) Jornalista José Leal Ramos, São João do Cariri – PB comporá a Base de dados para pesquisa de Mestrado Profissional no ensino de Sociologia em Rede Nacional da UFCG/CDSA, com o objetivo de traçar o perfil dessa(s) juventude(s), bem como as percepções dos jovens em relação ao papel da Escola na sua vida.

Declaro que estou informado de que este questionário se refere à pesquisa apenas para fins acadêmicos, produção de Dissertação junto ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, CDSA, inclusive para a publicação dos resultados deste trabalho.

O questionário é anônimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das folhas nem assinar o questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões

Obrigado pela sua colaboração.

Favor marcar com um **X** a resposta que melhor se apresente para você.

PARTE I – PERFIL DA/O ENTREVISTADA/O

1. Gênero: Masculino () Feminino () Outro(s)

() _____

2. Idade: _____

3. Local onde reside: Zona Urbana () Zona Rural () Distrito ()

4. Série que estuda: 1º Ano Médio () 2º Ano Médio () 3º Ano Médio ()

5. Estado Civil: Solteira (o) () Casada (o) () União estável ()

Outro(s) () _____

6. Tem filha/o(s):

Não () Sim () Quanta/o(os)? _____

7. Reside com:

Pais e irmãos () Apenas com a mãe () Apenas com o pai () Companheiro(a) ()

Responsáveis (avó, avô, tios, irmãos) () Outro(s) () _____

8. Grau de escolaridade de seus pais ou responsáveis:

Ens. Fundamental incompleto () Ens. Fundamental completo () Ens. Médio incompleto

() Ens. Médio completo () Ensino Superior ()

Outro(s) () _____

9. Qual renda média familiar?

Abaixo de um salário mínimo (<R\$ 998,00) () Um salário (R\$ 998,00) () Até dois salários (R\$ 1.996,00) () Outro (s) () _____

10. Você exerce alguma atividade remunerada?

Esporadicamente () Não () Sim ()

Se respondeu “SIM”, qual: _____

PARTE II – IDENTIDADE JOVEM-ESTUDANTE

10. Em relação a cor, você se define:

Negro () Branco () Pardo () Amarelo () Indígena ()

Outro(s) () _____

11. Em relação a orientação sexual, você se define:

Heterossexual () Homossexual () Bissexual ()

Outro(s) () _____

12. Sua família vive de quais atividades? (Pode marcar mais de uma opção):

Atividade agrícola () Atividade pecuária (corte ou leiteira) () Plantio de hortaliças ()
Comércio () Servidor público () Outro(s) () _____

14. Sua trajetória de estudos em níveis anteriores ao Ensino Médio foi:

Sempre em escola pública () Sempre em escola privada ()

Parte em escola pública e parte em escola privada ()

15. Já precisou interromper (desistir) dos seus estudos em algum momento de sua vida:

Sim () Não ()

16. Caso tenha respondido sim, qual o motivo de ter parado de estudar:

Desinteresse pelas atividades da escola () Dificuldades de acesso-permanência a escola ()
Problemas financeiros ()

Outro(s) _____

PARTE III – PERCEPÇÃO DOS JOVENS ACERCA DO PAPEL DA ESCOLA

17. Tem pretensão em dar continuidade aos estudos após concluir o Ensino Médio?

Sim () Não () Talvez ()

18. Se respondeu “sim” no item anterior, por quais motivos deseja continuar os seus estudos: (Pode marcar mais de uma opção).

Realização pessoal () Estabilidade profissional () Perspectivas de melhores condições financeiras () Prestígio social () Realização dos desejos dos pais

() Outro(s) _____

19. Quais seus objetivos pra o período pós conclusão de Ensino Médio:

Inserir-se no mercado de trabalho () Cursar o Ensino Superior ()

Casamento-Constituição de família () Outro (s) () _____

20. Como percebe o ambiente escolar: (Pode marcar mais de uma opção).

Acolhedor () Democrático () Autoritário () Desinteressante () Excludente () Outro(s)

() _____

21. Você já se sentiu excluída(o)/discriminada(o), no ambiente escolar:

Não () Sim ()

Se a sua resposta foi “SIM”, por quê?-

22. Já presenciou colegas estudantes sendo excluídas(os)/discriminadas (os) na escola?

() Não () Sim

Se a sua resposta foi “SIM”, por quê? -

23. Em uma escala de 0 a 10, qual a sua medida de satisfação em relação à escola (no tocante a como os estudantes são tratados:

a) Por Professores: 0 a 2,5 () 2,5 a 5,0 () 5,0 a 7,5 () 7,5 a 10,0 ()
JUSTIFIQUE _____

b) Por Direção/Funcionários: 0 a 2,5 () 2,5 a 5,0 () 5,0 a 7,5 () 7,5 a 10,0 ()
JUSTIFIQUE _____

c) Em uma escala de 0 a 10, qual a sua medida de satisfação em relação à escola (no tocante ao nível de ensino oferecido): 0 a 2,5 () 2,5 a 5,0 () 5,0 a 7,5 () 7,5 a 10,0 ()
JUSTIFIQUE _____

24. Como você observa o tratamento da escola em relação aos estudantes:

Todos são tratados de maneira respeitosa () Alguns são tratados como mais “trabalhosos” ()
Alguns são tratados como “desinteressados” () Há classificação entre mais ou menos comportados ()

JUSTIFIQUE _____

25. Pra você, o que representa a Escola? (Pode marcar mais de uma opção, justificando a sua resposta)

Um espaço de interação entre os indivíduos () Um espaço destinado apenas ao estudo do conteúdo programático de cada série () Um espaço desinteressante que não tem importância pra você () Um espaço de aprendizado através do convívio com a heterogeneidade das pessoas (diferenças) ()

26. Qual o principal papel da Escola, pra você:

Formar pessoas para o mercado de trabalho () Formar pessoas para a vida () Formar cidadãos com capacidade de fazer críticas e modificar determinadas situações ()

Outros () _____

27. Na sua concepção, há desafios em “ser jovem estudante do Ensino Médio” atualmente?

Sim () Não ()

JUSTIFIQUE _____

APÊNDICE 2

LINHA DE PESQUISA: JUVENTUDES E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

JUVENTUDES E ESCOLARIZAÇÃO:

As vivências do Ensino Médio sob os seus jovens olhares

GRUPO FOCAL (ROTEIRO)

REGRAS BÁSICAS: PARTICIPAR, RESPEITAR A FALA E OPINIÃO DO OUTRO

- APRESENTAÇÃO DE VOTOS DE BOAS VINDAS E AGRADECIMENTOS PELA PARTICIPAÇÃO;
- APRESENTAÇÃO DE ALBERTINA FARIAS ENQUANTO COLABORADORA E PEDIDO DE PERMISSÃO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO;
- ESCLARECENDO:
 -  O QUE É UM GRUPO FOCAL?
 -  QUAL O SEU OBJETIVO?
 -  COMO FUNCIONA?

- O QUE HÁ EM COMUM ENTRE VOCÊS?
- O QUE HÁ DE DIFERENTE ENTRE VOCÊS?
- COMO VOCÊ SE PERCEBE NO AMBIENTE ESCOLAR?
- COMO VOCÊ PERCEBE O OUTRO NO CONTEXTO DA ESCOLA?
- COMO VOCÊS LIDAM COM AS DIFERENÇAS?
- COMO VOCÊS PERCEBEM O TRATAMENTO ÀS DIFERENÇAS NO AMBIENTE ESCOLAR?
- O QUE É FAMÍLIA PARA VOCÊS?
- AS PESSOAS DE SUAS FAMÍLIAS ESTUDARAM?
- QUAL O PAPEL DA FAMÍLIA NA VIDA DE VOCÊS?
- PARA VOCÊS O QUE REPERESENTA SEREM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO?
- QUAL O PAPEL DA ESCOLA PARA VOCÊS?
- EXISTEM DESAFIOS QUE VOCÊS JOVENS PRECISAM ENFRENTAR NOS DIA DE HOJE?